



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE MEDICINA  
MESTRADO PROFISSIONAL ENSINO NA SAÚDE**



**WILLIAN FERNANDES LUNA**

**AValiação DA TUTORIA EM UM CURRÍCULO MÉDICO: O DISCURSO DE  
ESTUDANTES DE MEDICINA**

Maceió - AL  
2014

**WILLIAN FERNANDES LUNA**

**AVALIAÇÃO DA TUTORIA EM UM CURRÍCULO MÉDICO: O DISCURSO DE  
ESTUDANTES DE MEDICINA**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso de  
Mestrado apresentado ao Programa de  
Mestrado Profissional Ensino na Saúde da  
Universidade Federal de Alagoas, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ensino na Saúde

**Orientador:** Jefferson de Souza Bernardes

Maceió - AL  
2014



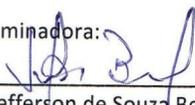
Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C. Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CEP: 57072-970  
E-mail:mpesufal@gmail.com

Defesa do Trabalho Acadêmico de Mestrado do aluno **Willian Fernandes Luna**, intitulado: **"Avaliação da tutoria no modelo da aprendizagem baseada em problemas em um currículo híbrido: O discurso de estudantes de medicina"**, orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Souza Bernardes, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, da Universidade Federal de Alagoas, em 15 de dezembro de 2014.

Os membros da Banca Examinadora consideraram o candidato APROVADO.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes- (UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª Sylvia Helena da Silva Batista-(UNIFESP)

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos-(UFAL)

Dedico este trabalho à Vida em seus tons de encantamento e mistérios divinos.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Osvaldo Antonio Buscariolo Luna, pelas inquietações serenas que me impulsionaram ao encontro das pessoas e da diversidade de lugares.

À minha mãe, Nicéia Alves Fernandes Luna, por me colocar em contato com a terra, com os cheiros do mato e com a beleza das estrelas.

A Estevam Fernandes Luna, por dividir comigo a vivência nesta família e me permitir ser criança por mais tempo, quando fingi estar só gerenciando as brincadeiras do irmão mais novo.

À Profª. Drª. Roseli Vernasque Bettini, ao nutrir as minhas sensibilidades e favorecer a garantia dos afetos na tessitura dos meus encontros.

Ao professor José Anchieta Bezerra de Melo, pelo companheirismo, suporte e incentivo diuturnos. Por ampliar as minhas visões sobre a vida em sua simplicidade e sutileza.

À Profª Drª Emília Pessoa Perez, pela confiança e por compartilhar a aspiração por uma educação médica que traga transformação social e mais felicidade às pessoas.

Ao meu orientador no mestrado, Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes, que me acolheu e me desafiou na construção de uma pesquisa artesanal e viva.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde da UFAL, com quem pude trilhar um caminho construtivo e partilhado nos últimos dois anos. Obrigado pelo afeto.

Aos membros da Banca pela atenção e disponibilidade nas contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

Aos meus amigos de diferentes momentos da vida, com quem aprendi a viver e a ser mais feliz.

Aos participantes dos projetos de extensão universitária dos quais fiz ou faço parte (Projeto Amigos do Sorriso - Alegria na Famema; Projeto de Extensão Saúde do Idoso; Projeto de Extensão Iandé Guatá), pelas ousadias e gana por transformação.

À FCM-PB, pelo apoio institucional dispensado para a realização desta pesquisa e das outras atividades do mestrado.

Por fim, agradeço aos estudantes de medicina da FCM/PB, em especial aos sujeitos desta pesquisa, que me possibilitaram entender um pouco mais de seu universo ao dialogarem sobre suas vivências.

Obrigado!

É bem verdade que é possível plantar eucaliptos, essa raça sem vergonha que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu nascer nem plantou. Para certos gostos, fica até mais bonito: todos enfileirados, em permanente posição de sentido, preparados para o corte. E para o lucro. Acima de tudo, vão-se os mistérios, as sombras não penetradas e desconhecidas, os silêncios, os lugares ainda não visitados. O espaço racionaliza-se sob a exigência da organização. Os ventos não mais serão cavalgados por espíritos misteriosos, porque todos eles só falarão de cifras, financiamentos e negócios. (...)

Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final, não dá tudo no mesmo?

Não, não dá tudo no mesmo, porque cada árvore é a revelação de um habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. (...)

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis. (...) E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. (...)

**Rubem Alves, sobre Eucaliptos e Jequitibás**

(ALVES, 2000)

## RESUMO GERAL

Este Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso busca apresentar e discutir a pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional Ensino na Saúde (MPES) realizado junto à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, nos anos de 2013 e 2014. As justificativas e motivações pessoais para a realização desta investigação estão baseadas na vivências pessoais, como acadêmico e como docente, com a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). A pesquisa teve como objetivo avaliar a Tutoria no modelo da ABP inserida em um currículo de formato híbrido, utilizando as falas de estudantes de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB). Para a compreensão do campo-tema optou-se por desenvolver uma pesquisa com abordagem qualitativa, com os procedimentos metodológicos da Roda de Conversa, diário de campo e observações. Foram identificados os Repertórios Linguísticos das falas dos sujeitos, com foco nas controvérsias do discurso, concluindo-se que, a partir das falas dos estudantes, a inserção da Tutoria no formato da ABP em currículos mais tradicionais pode ser uma alternativa para iniciar processos de mudança curricular no caminho da construção de uma aprendizagem significativa. Como produto de intervenção é descrita a proposta de incorporação da Roda de Conversa como estratégia para avaliação do módulo Tutoria da FCM/PB. Todo esse desenrolar do mestrado possibilitou aproximação aos desafios na realização de pesquisas em educação médica e potencializou a atuação como educador que promova espaços para construção de saberes, privilegiando a interação dialógica e as individualidades.

Palavras chave: educação médica. tutoria. aprendizagem baseada em problemas. aprendizagem significativa. currículo médico.

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABP	Aprendizagem Baseada em Problemas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação
FCM/PB	Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba
MPES	Mestrado Profissional Ensino na Saúde
PBL	Problem Based Learning
SUS	Sistema Único de Saúde
TACC	Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>3</b>	<b>ARTIGO: A TUTORIA COMO ESTRATÉGIA PARA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO ESTUDANTE DE MEDICINA</b> .....	15
	<b>3.1</b> Introdução.....	16
	<b>3.2</b> Os processos de ensino aprendizagem e a ABP .....	20
	<b>3.3</b> A Tutoria no modelo da ABP .....	21
	<b>3.4</b> A Tutoria no curso de Medicina da FCM/PB .....	22
	<b>3.5</b> Método.....	24
	<b>3.6</b> Resultados e Discussão .....	28
	<b>3.7</b> Considerações Finais .....	42
	<b>3.8</b> Referências .....	44
<b>4</b>	<b>PRODUTO: INCORPORAÇÃO DA RODA DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIA PARA AVALIAÇÃO DO MÓDULO TUTORIA</b> .....	47
	<b>4.1</b> Introdução.....	47
	<b>4.2</b> A Roda de Conversa sobre a Tutoria na FCM/PB.....	48
	<b>4.3</b> Proposta e resultados esperados .....	50
	<b>4.4</b> Referências .....	51
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES GERAIS</b> .....	52
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS GERAIS</b> .....	54

<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE B - TRECHO DO MAPA DIALÓGICO DA PRIMEIRA RODA DE CONVERSA .....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE C - REPERTÓRIO LINGUÍSTICO NOS DIVERSOS CONJUNTOS DE SENTIDOS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE D - RESUMOS DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA PRODUZIDOS PELOS SUJEITOS DA PESQUISA .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO CEP .....</b>	<b>98</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso (TACC) busca apresentar e discutir a pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional Ensino na Saúde (MPES) realizado junto à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, nos anos de 2013 e 2014.

Inicialmente é apresentada uma introdução, trazendo uma primeira aproximação ao tema, bem como justificativas e motivações pessoais para a realização desta investigação.

Na sequência, há apresentação do artigo "A Tutoria como estratégia para aprendizagem significativa do estudante de Medicina", resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que utilizou como procedimento metodológico a Roda de Conversa na avaliação da Tutoria no formato da Aprendizagem Baseada em Problemas, no currículo da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB).

Posteriormente é descrita uma proposta de intervenção, produto do processo de realização da pesquisa, nomeada: "Incorporação da Roda de Conversa como estratégia para avaliação do módulo Tutoria", que sugere a inclusão sistemática da Roda de Conversa no processo de avaliação semestral do Módulo Tutoria na FCM/PB.

Finalizo com algumas conclusões gerais sobre a experiência do MPES, sobre a realização da pesquisa e elaboração do artigo, bem como sobre o produto de intervenção.

Os apêndices trazem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido construído para a pesquisa, uma parte do Mapa Dialógico da Primeira Roda de Conversa, os repertórios linguísticos agrupados em conjuntos de sentidos e um Relato de Experiências produzido pelos estudantes participantes como sujeitos da pesquisa.

Em anexo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL.

## 2 INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória pessoal participei de algumas atividades que utilizavam metodologias ativas, principalmente graduação, residência médica e atualmente nos meus espaços de trabalho. Na minha graduação em Medicina na Faculdade de Medicina de Marília (Famema), entre os anos de 2000 a 2005, pude experienciar a ABP (Aprendizagem Baseada em Problemas) e suas diversas ressonâncias, entre elas o poder de instigar e motivar o estudo, a geração de dúvidas e compreensão sobre a busca permanente de respostas, a valorização do trabalho interdisciplinar, o olhar sobre o indivíduo como um todo, sensibilizando-me sobre o poder transformador que o uso do ABP traz ao processo de formação do futuro médico. Posteriormente, houve um contato muito interessante durante a Residência em Medicina de Família e Comunidade, realizada no Grupo Hospitalar Conceição, entre 2006 a 2008, quando pude vivenciar processos de aprendizagem baseados em metodologias ativas, principalmente a problematização, ligada diretamente a Educação Popular em Saúde, o que me despertou para a necessidade de aproximação das atividades teóricas com as práticas, sendo necessária a valorização do sujeito e de suas necessidades sociais e políticas. Nesse período, pude ter principalmente a vivência prática das metodologias ativas nos processos de ensino aprendizagem, tendo realizado pouca aproximação com os fundamentos teóricos e suas origens, já que vivia a experiência como estudante.

Desde 2010, atuo como professor do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM-PB), onde sou tutor e estou na coordenação do módulo de Tutoria, que realiza atividades durante os três primeiros períodos do curso e que utiliza ferramentas da ABP para favorecer a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades e atitudes. Desde então, pude iniciar a experiência como docente, o que me sensibilizou a buscar compreender os princípios do método e suas bases teóricas. Dessa forma, iniciei os estudos teóricos a partir das necessidades da prática como docente, buscando aprofundamento e entendimento sobre práticas pedagógicas no ensino na saúde.

Assim, a motivação inicial para me dedicar a estudar com maior profundidade o ensino na saúde vem, atualmente, desta experiência que tenho tido como professor,

mas também da atuação como médico nos espaços de Atenção Primária do Sistema Único de Saúde desde 2006. Nestes espaços, pude vivenciar a necessidade da maior aproximação entre as instituições de ensino e a atuação dos profissionais de saúde, o que pode trazer qualificação para a formação do futuro profissional, bem como favorecer a educação permanente dos profissionais que atuam na ponta e que muitas vezes ficam distantes dos ambientes de ensino.

Nesta imersão no campo da docência, mas sem formação pedagógica específica, várias dificuldades surgem, pois não houve um espaço formal para desenvolvimento das habilidades de ensinar, como discutido por Batista e Batista (2004), quando trazem os conceitos de "nativo" e "estrangeiro" na experiência docente em saúde. Segundo os autores, os docentes da área da saúde muitas vezes são nativos no campo técnico, pois são profissionais da saúde, mas geralmente são estrangeiros no campo da educação, pois tornaram-se professores sem aproximação com os saberes necessários para as práticas pedagógicas. Foi neste mesmo caminho que iniciei minhas atividades docentes, o que me exigiu buscar saberes que me faziam falta para uma atuação como educador mais qualificada e com uma postura mais construtiva, impulsionando-me a pesquisar sobre questionamentos que tenho no meu campo de trabalho como professor.

Dessa forma, junto à Tutoria desenvolvida no curso de Medicina da FCM/PB, comecei a questionar-se sobre a complexidade de um currículo que não é totalmente orientado por problemas, mas que utiliza a Tutoria no modelo da ABP e também atividades mais tradicionais, baseadas em aulas expositivas. O centro destes questionamentos está em como o estudante compreende e lida com essas diferentes concepções de aprendizagem, o que me levou a definir a seguinte pergunta para a pesquisa: Qual o discurso dos estudantes de Medicina sobre a Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas neste currículo?

Para responder a este questionamento e considerando a minha trajetória pessoal, foi desenhada uma pesquisa de abordagem qualitativa que buscou aproximação com as práticas discursivas para pesquisas do cotidiano, buscando entender os sentidos dessa experiência nas falas dos estudantes. A pesquisa buscou compreender como a Tutoria está relacionada ao processo de aprendizagem do

estudante de Medicina, identificando especificidades, limites e possibilidades de sua utilização em um currículo que não é integralmente construído no formato da ABP. Esta pesquisa iniciou-se através do aprofundamento teórico sobre processos de ensino aprendizagem, principalmente os desenvolvidos na área da saúde, com atenção especial ao uso de metodologias ativas. Foram buscados estudos sobre o uso da ABP, práticas de Tutoria e currículo nos cursos de Medicina, a fim de realizar um embasamento teórico consistente. O processo de elaboração do Projeto de Pesquisa foi desenvolvido buscando responder à pergunta da pesquisa inserida no campo da educação médica, o que influenciou nas escolhas das abordagens metodológicas (RINGSTED et al., 2011).

No desenvolvimento da pesquisa, a Roda de Conversa com estudantes participantes da Tutoria foi utilizada como um dos procedimentos metodológicos, principalmente devido a sua aproximação com a própria dinâmica da Tutoria, que valoriza o diálogo e a discussão em um pequeno grupo. Devido ao pesquisador estar inserido de forma permanente no campo, todo o desenvolvimento da pesquisa esteve intrinsecamente relacionado ao processo de avaliação do Módulo de Tutoria durante o ano de 2014, que até então utilizava formulários não identificados preenchidos por todos os estudantes no final do semestre. Assim, a realização das Rodas de Conversa para a pesquisa enriqueceu o processo de avaliação do Módulo, tornando-se um produto de intervenção, já que a proposta é de incluí-la de forma permanente na avaliação do Módulo.

### **3 ARTIGO: A TUTORIA COMO ESTRATÉGIA PARA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO ESTUDANTE DE MEDICINA**

#### **Resumo**

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), inserida em um currículo de formato híbrido, utilizando as falas de estudantes de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. Para a compreensão do campo-tema optou-se por desenvolver uma pesquisa com abordagem qualitativa. Os referenciais teórico-metodológicos utilizados são autores que discutem os processos de ensino-aprendizagem e da área de linguagem e análise de discurso. Como procedimentos metodológicos foram utilizadas as técnicas de Roda de Conversa, diário de campo e observações. Foram identificados os Repertórios Linguísticos das falas dos sujeitos, com foco nas controvérsias do discurso, que conformaram sete conjuntos de sentidos. Concluiu-se que, a partir das falas dos estudantes, a inserção da Tutoria no formato da ABP em currículos mais tradicionais pode ser uma alternativa para iniciar processos de mudança curricular no caminho da construção de uma aprendizagem significativa, desde que haja planejamento coerente com o restante do currículo.

**Palavras chave:** tutoria, educação médica, aprendizagem baseada em problemas, currículo, aprendizagem significativa

#### **THE TUTORIAL GROUP AS A STRATEGY FOR MEANINGFUL LEARNING OF MEDICAL STUDENT**

#### **Abstract**

This research aimed to evaluate the Tutorial Group on the model of Problem-Based Learning (PBL), inserted in a hybrid format of curriculum, using the speeches of medical students of Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. To understand the

theme-field we chose to develop a qualitative research. The theoretical and methodological references employed are authors who discuss the teaching-learning processes and language area and discourse analysis. As instruments the Conversation Circle techniques, field diary and observations were used. The Language repertoires were identified from their comments, focusing on the controversies of the speech, that formed seven sets of directions. We conclude that, from the speech of students, the insertion of Tutoring in formed the BPA in more traditional curricula can be an alternative to starting curricular change processes in the way of building a meaningful learning, provided there is consistent planning with the rest of curriculum. The methodological procedures used were the Conversation wheel techniques, field diary and observations. The Language repertoires were identified from their comments, focusing on the controversies of the discourse that formed seven sets of directions. It was concluded that, from the speech of students, the insertion of Tutorial in the PBL format in traditional curricula can be an alternative to starting curricular change processes in the way of building a meaningful learning, provided there is consistent planning with the rest of the curriculum.

**Keywords:** tutorial group, medical education, problem-based learning, curriculum, meaningful learning

### **Introdução**

A Medicina e a atuação profissional dos médicos vêm sofrendo transformações ao longo do tempo, refletindo as alterações da sociedade no Brasil e no mundo. No século XIX, a Revolução Industrial e o avanço científico trouxeram à tona uma compreensão técnica e biologicista sobre a doença, o que culminou numa dispersão mundial de compartimentalização do indivíduo e intensa especialização do profissional, que seriam marcadas pela publicação do Relatório Flexner, já no século XX. A teoria flexneriana recomendou, entre outras coisas, que o ensino de Medicina fosse estruturado sobre um alicerce científico e principiasses com uma sólida fundamentação das ciências básicas e os estudos clínicos posicionados em uma fase posterior, quando o conhecimento dessas ciências seria aplicado nos cuidados dos pacientes (MAMEDE

2001). Essa visão simplificadora e reducionista estava imersa no paradigma desta época, que resultou em fragmentação do saber em áreas e disciplinas isoladas, com grande dificuldade de comunicação entre os especialistas (VASCONCELOS, 2012). O ensino na área da saúde desqualificou as ferramentas vistas como não científicas, invertendo prioridades: preferindo a doença ao doente, fragmentando o todo, reduzindo o indivíduo a um somatório de órgãos e sistemas, ignorando tanto sua especificidade biológica, como suas dimensões psicológicas, culturais e sociais (CECCIM, 2004).

A segunda metade do século XX traz, paulatinamente, a insuficiência do modelo biomédico, suscitando movimentos de transformação no campo da saúde e da educação médica. O entendimento linear da causalidade das doenças deixa de estar isolado e começam a ser solicitadas compreensões mais abrangentes sobre a saúde em sua complexidade. Segundo Morin (2011), principalmente a partir dos anos 1960, há um grande despertar de pensamentos que levam a ligar, contextualizar e globalizar saberes, articulando disciplinas de modo mais fecundo. Nesse período, algumas instituições de educação médica buscaram a transformação curricular a fim de possibilitarem a formação de um médico capaz de compreender o paciente de forma integral, com destaque para a Universidade de McMaster no Canadá, que a partir de 1968 construiu o seu currículo buscando novas e mais adequadas estratégias educacionais para o uso na educação de adultos e, de forma prioritária, estabeleceu o princípio da educação centrada no estudante, que culminou com a implantação da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP ou PBL, sigla em inglês de Problem-Based Learning) (VENTURELLI, 1997). Logo após, outras importantes instituições também realizaram reforma do seu currículo de Medicina utilizando metodologias ativas de ensino-aprendizagem em diversos países.

Para Venturelli (1997), nos últimos quinze anos do século passado, a educação nas ciências da saúde desenvolveu uma impressionante transformação que se expressou em novos métodos e planos educacionais, colocando ênfase na aprendizagem e não tanto na transferência passiva da informação. Na ABP, segundo Wood (2003), a estratégia educacional central é a discussão de situações-problema em grupos com cinco a oito estudantes, chamados de grupos tutoriais, ou Tutoria. Esses grupos de aprendizagem, além de facilitarem o processo de aquisição de

conhecimentos, contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento de outros atributos na formação do futuro médico, tais como habilidades de comunicação, trabalho em equipe, solução de problemas, respeito aos colegas e desenvolvimento de postura crítica. Assim, o domínio de conhecimento de situações práticas somado ao desenvolvimento dessas habilidades e atitudes, prepara o estudante para lidar com os futuros problemas da vida profissional (BARROWS, 1983).

No Brasil, a ABP tem sido utilizada como orientação curricular em várias instituições, destacando-se a Faculdade de Medicina de Marília e a Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Londrina, que iniciaram o trabalho com seus currículos não tradicionais na década de 1990. No entanto, a ABP também tem sido empregada em formatos híbridos, nos quais um núcleo central de problemas é trabalhado paralelamente a atividades expositivas mais convencionais, ou parcialmente em currículos tradicionais, utilizado em algumas disciplinas. Embora supostamente menores, presume-se que os ganhos previstos para o formato original da ABP possam também ser verificados nas demais construções (RIBEIRO, 2010).

Assim, a ABP tem sido cada vez mais utilizada nas academias de Medicina, por favorecer a construção de currículos mais condizentes com as necessidades de saúde e por estar em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos Cursos de Medicina no Brasil, publicadas inicialmente em 2001 e reeditadas em 2014. As DCN estabelecem que as instituições de ensino de Medicina devam buscar um egresso com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva; capacitado a atuar de forma ética no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência e responsabilidade social (BRASIL, 2001; 2014). Essas competências devem possibilitar que o médico possa atuar nos diversos cenários, tendo como compromisso os princípios do Sistema Único de Saúde e a saúde pública resolutiva e qualificada.

Nos cursos de Medicina em que há planejamento curricular em formato híbrido, utilizando metodologias tradicionais conjuntamente a propostas de ABP, a estratégia mais utilizada tem sido a inserção da Tutoria, atividade concebida no currículo de orientação por problemas, mas que tem sido adaptada nessas novas conformações

curriculares. Neste caso, são desenvolvidos os mesmos passos clássicos da ABP. Todavia, os estudantes assistem aulas expositivas sobre assuntos de várias disciplinas que são integrados nas situações-problema discutidas na Tutoria.

Neste contexto, a motivação inicial para estudar os processos de ensino-aprendizagem na área da saúde, a educação médica e, mais especificamente, a Tutoria no formato da ABP, vem de experiência pessoal com esta metodologia de aprendizagem desde a vivência como estudante na graduação de Medicina, realizada na Faculdade de Medicina de Marília, até a atividade atual, como professor da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB). Durante os anos de graduação, a ABP e suas diversas ressonâncias foram vivenciadas, entre elas, o poder de instigar e motivar o estudo, a geração de dúvidas e o despertar para a busca permanente de respostas, a valorização da interdisciplinaridade, o olhar sobre o indivíduo como um todo, sensibilizando-me sobre o poder transformador que o uso da ABP traz ao processo de formação do futuro médico. Há quase cinco anos, já como professor do curso de Medicina, pude iniciar a experiência na Tutoria, utilizando fundamentos da ABP, mas em um currículo que não é orientado por problemas, havendo sensibilização para aprofundar a compreensão sobre esta estratégia.

Assim, imerso neste campo, esta pesquisa teve como objetivo avaliar a Tutoria no modelo da ABP em um currículo híbrido, por meio das falas de estudantes de Medicina da FCM/PB. A pesquisa buscou compreender como a Tutoria está relacionada ao processo de aprendizagem do estudante de Medicina, identificando especificidades, limites e possibilidades de sua utilização em currículos que não são integralmente no formato da ABP. Esta pesquisa iniciou-se através do aprofundamento teórico sobre processos de ensino aprendizagem, principalmente os desenvolvidos na área da saúde, com atenção especial ao uso de metodologias ativas. Foram buscados estudos sobre o uso da ABP, práticas de Tutoria e currículo nos cursos de Medicina, a fim de realizar um embasamento teórico consistente. O processo de elaboração do Projeto de Pesquisa foi desenvolvido buscando responder à pergunta da pesquisa, que foi suscitada a partir da imersão do autor no campo da educação médica, e não na direção do fornecimento geral de soluções universais, pois o estudo envolve uma prática inovadora que traz uma grande complexidade de fatores envolvidos, o que influenciou diretamente nas escolhas

das abordagens metodológicas (RINGSTED et al., 2011), neste caso as práticas discursivas, buscando realizar uma pesquisa do cotidiano.

### **Os processos de ensino-aprendizagem na ABP**

A ABP conta com mais de quarenta anos de utilização e seus bons resultados têm sido confirmados em pesquisas que trazem que os egressos desses cursos apresentam algumas competências superiores aos dos graduados no ensino tradicional, principalmente as ligadas às dimensões sociais (KOH et al, 2008; GOMES, 2009). Mesmo assim, ainda surgem questionamentos pela ausência de explicitação de fundamentação teórica específica por parte de seus idealizadores (PENAFORTE, 2001). Contudo, os princípios da ABP trazem aproximações com as teorias de alguns autores, dentre elas, a Aprendizagem Significativa de David Ausubel, que se caracteriza pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. Moreira (2011) discute este conceito e refere que o novo conhecimento adquire significados para o aprendiz e o conhecimento prévio fica mais rico, mais diferenciado e elaborado, gerando maior estabilidade. Ele defende que o conhecimento prévio é, isoladamente, a variável que mais influencia a aprendizagem, o que fortalece a necessidade de realizar problematização no contato com uma situação-problema, despertando os conhecimentos e vivências prévias do estudante, como defendido na ABP. Moreira (2011) ainda reforça que, na aprendizagem significativa, o aprendiz não é um receptor passivo, mas ele deve fazer uso dos significados que já internalizou, de maneira substantiva e não arbitrária, para poder captar os significados dos materiais educativos e construir o seu próprio aprendizado. Essa forma de aprendizagem traz estreita relação com alguns dos princípios da ABP, como a valorização do currículo centrado no estudante e estímulo para que o aluno possa “aprender a aprender”.

Outro autor que discute os processos de desenvolvimento humano e que podemos aproximar das discussões de ensino-aprendizagem na ABP é Lev Vygotsky, quando desenvolve a teoria sociocultural do aprendizado, valorizando as mediações do contexto. Para Vygotsky, o aprendizado é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades e atitudes a partir de seu contato com a realidade, com as outras pessoas e com o meio ambiente (OLIVEIRA, 1997). Em Vygotsky, justamente

por sua ênfase na questão socio-histórica, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo, o que é muito evidente na forma como os estudantes aprendem na ABP, mais especificamente na Tutoria, pois todo o processo de discussão, de elaboração de conhecimentos e de identificação de lacunas é realizado em grupo, de forma colaborativa.

Nas conformações curriculares que propiciam o uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, os estudantes e professores compartilham as responsabilidades pelo aprendizado e essa possibilidade de maior autonomia para o educando o solicita a ultrapassar a zona de dualismo entre certo e errado prescritas pelo professor tradicional, exigindo um novo entendimento através do seu próprio olhar (BATE et al., 2013). A partir desse desenho, outras habilidades e atitudes podem ser desenvolvidas e potencializadas durante o curso, ultrapassando os limites do conhecimento cognitivo programado por uma lista de conteúdos especificados em currículos conteudistas.

Os movimentos de mudança nas organizações curriculares tem sido consequência de vários fatores além das DCN, dentre eles a infinita disponibilidade de informação, o mercado de trabalho, o multipluralismo que se opõe à homogeneização e respeita as individualidades, além da necessidade de aprendizado para o trabalho interdisciplinar, o que tem resultado em necessidade de reelaboração do caminho a ser percorrido pelo estudante durante a graduação (MAIA, 2004). Um evento impactante no planejamento dos currículos foi a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, que possibilitou a flexibilização curricular, focando a educação no desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo de trabalho (BRASIL, 1996).

### **A Tutoria no modelo da ABP**

De uma forma geral, há algumas diferentes atividades que tem sido nomeadas como Tutoria, porém, todas tem proximidade com a concepção de aprendizagem em grupo, somado ao desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, além do aprendizado estar centrado no estudante. Os tipos de Tutoria que mais se desenvolvem nas graduações de Medicina no Brasil, são: Tutoria no formato da ABP, estruturante em currículos orientados por problemas ou inserida em formatos híbridos; Tutoria

Mentoring, que busca oferecer suporte e apoio ao estudante; Tutoria em práticas de preceptoria nos serviços de saúde; e a Tutoria no Ensino à Distância, que faz a mediação entre o professor e os acadêmicos, facilitando o desenvolvimento das atividades. No caso desta pesquisa, o foco será dado apenas para a Tutoria no formato da ABP.

A Tutoria na orientação da ABP é caracterizada por sessões presenciais, quando um pequeno grupo de estudantes e um professor se reúnem para a discussão de uma situação-problema planejada por um grupo de docentes, buscando atingir objetivos previstos no currículo (KOMATSU et al, 1998). No início da reunião, é escolhido entre os estudantes um coordenador, para dirigir a sessão, e um relator, para registrar as discussões do grupo. A função do professor, chamado de tutor, é facilitar o funcionamento do grupo e garantir que os objetivos de aprendizagem sejam atingidos, ajudando o coordenador sempre que necessário. Em alguns momentos, o tutor tem papel mais ativo, instigando e fazendo alguns questionamentos, mas, geralmente, as intervenções do tutor devem limitar-se ao mínimo necessário, para evitar-se que ele assuma o papel do coordenador ou direcione demasiadamente o grupo, o que pode ser desestimulante por diminuir a autonomia dos estudantes. Ao grupo é apresentada uma situação-problema quando são seguidos os Passos da Tutoria, conforme descrito por Wood (2003): 1. Leitura da situação-problema, identificação e esclarecimento de termos desconhecidos; 2. Identificação dos problemas propostos pelo enunciado; 3. Formulação de hipóteses explicativas para os problemas; 4. Síntese das hipóteses; 5. Formulação dos objetivos de estudo; 6. Estudo individual dos assuntos respeitando aos objetivos; e 7. Retorno ao grupo tutorial para rediscussão do problema frente aos novos conhecimentos adquiridos no estudo individual. Nas sessões subsequentes, novas situações-problema serão discutidas, com formulações de novos objetivos, com aprendizado sobre os conteúdos estudados, bem como desenvolvimento das habilidades para o trabalho em grupo.

#### **A Tutoria no Curso de Medicina da FCM/PB**

A FCM/PB é uma instituição privada, localizada na região metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba, e possui os cursos de graduação em Medicina,

Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Farmácia. O curso de Medicina, iniciado em 2004, tem como perfil do egresso, descrito em seu Projeto Pedagógico do Curso, o médico com formação generalista conforme descrito pelas DCN. No planejamento do Curso de Medicina, buscou-se uma lógica que possibilitasse a integração das diversas dimensões do conhecimento em módulos, a fim de buscar maior relação entre os conteúdos disciplinares, sendo sua prática ainda um grande desafio. Todo o curso está organizado em três eixos, correspondendo cada um a uma grande área temática que se desenvolve durante os seis anos. São eles: o eixo do Desenvolvimento Pessoal Profissional, relativo à ética e ao humanismo na prática médica; o da Interação Ensino Serviço Comunidade, relativo ao desenvolvimento de compromisso social e de práticas de atenção à saúde, seja individual ou coletiva, e o eixo Técnico Científico. As metodologias utilizadas para as práticas de ensino aprendizagem são diversas, correspondendo a um currículo que utiliza aulas expositivas mais tradicionais, mas também outras metodologias mais ativas. Se tomarmos como referência a avaliação dos currículos realizada por Lampert (2009), o currículo da FCM/PB talvez esteja mais próximo de uma estrutura curricular com abordagem pedagógica inovadora nos primeiros períodos do curso, ou seja, apresenta inovações buscando adaptar-se às mudanças e orientações das DCN. No entanto, ainda mantém alguma tendência ao tradicional na sua prática, principalmente nos dois terços finais do curso.

Uma das estratégias problematizadoras pensadas para a integração dos conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e atitudes foi a implantação da Tutoria, a partir de 2008. Com utilização dos princípios clássicos da Tutoria na ABP, esta atividade se constitui como um módulo e integra conhecimentos teóricos e práticos dos três eixos temáticos com vistas a favorecer a formação de profissionais com uma visão holística do processo saúde-doença. As situações-problema, previamente planejadas pelos professores, são desenvolvidas neste ambiente e permitem a exploração do conhecimento prévio dos estudantes, o desenvolvimento do raciocínio clínico e epidemiológico, a formulação de hipóteses, a busca e a análise crítica do conhecimento necessário para melhor explicar o problema e a formulação de planos de cuidado para situações individuais e coletivas. O Módulo Tutoria acontece nos três primeiros períodos do curso, com grupos constituídos de forma aleatória, com até dez

estudantes e um tutor, com sessões uma vez por semana, com duração de cerca de três horas.

### **Método**

Esta pesquisa foi realizada no Curso de Medicina da FCM/PB entre os meses de junho a novembro de 2014, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. O campo nesta pesquisa não é compreendido como separado e distante do pesquisador, mas como campo-tema. Sendo assim, trata-se de um universo próximo, em que o pesquisador e os sujeitos se relacionam e estão interconectados, estando presentes em momentos específicos de investigação, bem como em conversas e eventos do cotidiano que foram descritos no diário de campo, sempre considerando as questões éticas envolvidas (SPINK, 2004). O campo-tema é a temática da pesquisa em si e, portanto, a todo o momento o pesquisador está “em campo”.

Para a compreensão do campo-tema optou-se por realizar pesquisa com abordagem qualitativa. Como referenciais teórico-metodológicos foram utilizados autores que trabalham os processos de ensino-aprendizagem, Lev Vygotsky e David Ausubel, além da área de linguagem e análise de discurso, Mary Jane Spink, Peter Kevin Spink e Rafael Diehl.

Como procedimentos metodológicos foram utilizadas as ferramentas descritas por Rafael Diehl (2006): diário de campo, o olhar e o percurso; além da Roda de Conversa, baseada em princípios do diálogo, segundo Paulo Freire (1980), e no Método da Roda, segundo Gastão Campos (2000). Esses procedimentos serão discutidos nos próximos parágrafos.

A escrita do Diário de Campo possibilitou uma forma de distanciamento e de deslocamento da posição perante a experiência, ultrapassando os limites da descrição, mas implicando ao observador colocar-se e narrar suas impressões (DIEHL, 2006). O Diário de Campo foi produzido durante a participação habitual do pesquisador como tutor de um grupo da Tutoria, no primeiro e segundo semestre de 2014. É um material que traz anotações, impressões e ocorrências no campo relacionadas à pesquisa, como a transcrição de uma conversa realizada entre o pesquisador principal e a co-

facilitadora logo após a primeira Roda de Conversa. Através do escrever, o diário de campo possibilita revivenciar as situações e ressignificá-las.

Segundo Diehl (2006), o olhar é uma ferramenta em que o observador considera-se implicado naquilo que observa. Assim, o observador possui limitações, pois abandona a busca de uma realidade imparcial e passa a significá-la como coletivamente construída. Mas se o limite restringe, também possibilita, pois o olhar passa a ser um modo de autoria, com reconhecimento de nuances antes invisíveis. Já o percorrer, descrito pelo mesmo autor, comporta os deslocamentos e as paradas, permitindo questionar os lugares ocupados nos coletivos, os pontos de onde partimos e por onde transitamos, numa experiência de estranhamento de lugares distantes e, simultaneamente, próximos.

A opção pela Roda de Conversa como momento específico de investigação nesta pesquisa deu-se pela proximidade com a dinâmica da própria atividade investigada, a Tutoria no formato da ABP, em que alguns dos pontos principais são o trabalho em grupo e a horizontalidade no diálogo. Dessa forma, a Roda de Conversa possibilita compreender a inserção do pesquisador em seu campo-tema e o trabalho com sua população, o que potencializa a pesquisa do cotidiano, já que não há um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, mas sim um espaço de conversas espontâneas (SPINK, 2008). Além disso, a Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações entre pesquisador e participantes. De uma forma geral, quando é utilizada como técnica de pesquisa, inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador ao grupo e, a partir daí, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, discutindo e posicionando-se de forma dialógica neste espaço (MÉLLO, 2007).

O espaço da Roda de Conversa tem seus princípios baseados nos Círculos de Cultura, propostos inicialmente por Paulo Freire no livro "Educação como Prática de Liberdade". Os Círculos de Cultura, pensados a partir da lógica da Educação Popular (FREIRE, 1980), eram uma experiência em que se trabalhava com um grupo de pessoas, de forma dialógica, onde todos ensinavam e aprendiam, quando o aprendizado era construído e não transmitido. Neste espaço coletivo, novas hipóteses de leitura do mundo podem ser elaboradas, pois "ninguém ignora tudo e ninguém tudo

sabe", sendo essa a questão central do diálogo, o que traz estes sujeitos como construtores de cultura. Outra aproximação teórica importante para o desenvolvimento das Rodas de Conversa é o Método da Roda, de Gastão Campos, defendido principalmente para a cogestão de coletivos. O autor propõe que nos espaços de grupo há necessidade de fortalecer a autonomia do sujeito e do coletivo, através da solidariedade, integração e aprendizado, possibilitando a identificação de necessidades e de construção compartilhada de estratégias de superação. É importante o ambiente ser democrático e capaz de estimular a criatividade, pois assim haverá mudanças nos processos produtivos (CAMPOS, 2000). Dessa forma, a Roda de Conversa é defendida aqui como possibilidade de técnica de pesquisa, pois não há interesse em reificar verdades, mas de utilizar o princípio da dialogia para estabelecer conversas no cotidiano, em que os sujeitos são ativos na produção do conhecimento (BATISTA et al, 2014). Portanto, neste contexto, conforme defendido por Peter Spink (2008), o pesquisador é visto como um conversador, que faz parte do cotidiano e está imerso no campo-tema.

Para esta pesquisa foi realizada uma Roda de Conversa inicial no dia 07 de junho de 2014, com 10 estudantes de Medicina que estavam cursando o Módulo de Tutoria, com condução do pesquisador principal e de um co-facilitador, além de um relator. Para constituição deste grupo, foram convidados 12 estudantes que estavam cursando o módulo de Tutoria, 04 de cada período do curso, e que se destacaram na atividade, segundo avaliação dos seus respectivos tutores. Compreenda-se destaque aqui, aqueles estudantes que participaram ativamente do processo e, não necessariamente, que tenham tido excelente avaliação de aprendizagem. Foram excluídos estudantes que se transferiram para o curso depois de iniciada a graduação em outra instituição, os que foram dispensados de outros módulos, bem como estudantes que tinham como tutor o pesquisador principal.

Antes do início, foi explicado a todos os objetivos da pesquisa, reforçado sobre a voluntariedade de participação na Roda, além da necessidade de concordarem com as condições apresentadas pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A partir de uma provocação inicial, em que foi sugerido que os participantes avaliassem o Módulo Tutoria, identificando suas potencialidades, seus limites e suas relações com a

aprendizagem, o grupo foi discutindo sobre a temática proposta de forma bastante autônoma, trazendo seus entendimentos, seus questionamentos, convergindo e divergindo seus posicionamentos, com pequenas intervenções dos dois facilitadores. Esta Roda teve 1h23min de duração.

Após análise inicial, o material proveniente deste momento da pesquisa foi apresentado em uma nova Roda de Conversa, com duração de 1h34min, realizada no dia 15 de outubro, que desta vez contou com a participação de 08, dos 10 sujeitos iniciais. Um transferiu-se de faculdade e outro apresentou problemas familiares, motivos que os impediram de estar no segundo momento. O objetivo foi apresentar a conversa inicial a fim de democratizar a análise com a participação dos sujeitos. Tratou-se de procedimento metodológico e ético, salientando-se aqui que não foi objetivo chegar a consensos em relação à análise, mas enriquecer o processo e seus resultados, o que reforça o compromisso da pesquisa com o bem coletivo.

As duas Rodas de Conversa foram gravadas em áudio e o pesquisador realizou transcrições sequenciais e integrais, segundo recomendações de Nascimento e colaboradores (2014), substituindo os nomes dos participantes por códigos, garantindo o sigilo das identidades.

Os materiais das transcrições foram utilizados para a elaboração dos Mapas Dialógicos, ferramenta pré-analítica que organiza as falas, conferindo visibilidade à interanimação dialógica, às negociações de sentidos, às disputas e aos posicionamentos (NASCIMENTO et al., 2014). O Mapa Dialógico é um quadro onde as colunas são definidas por categorias a ver com os objetivos da pesquisa, relacionando com os sujeitos que falaram dispostos nas linhas. A escolha pelo uso de Mapas Dialógicos está atrelada ao referencial teórico-metodológico utilizado, pois o grande objetivo é dar visibilidade ao diálogo dos sujeitos, valorizando seus repertórios linguísticos (NASCIMENTO et al., 2014).

As colunas então foram separadas e preparadas para organização em conjuntos de sentidos, para identificação dos Repertórios Linguísticos, que são, em linhas gerais, a primeira unidade de análise do discurso. Inicialmente chamados de Repertórios Interpretativos, os Repertórios Linguísticos são o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam as diversas construções

discursivas do grupo de sujeitos, tendo como parâmetros o contexto em que são produzidas (SPINK; MENEGON, 1999). Os conjuntos iniciais foram apresentados na segunda Roda de Conversa, sendo reelaborados após este momento a partir dos posicionamentos dos sujeitos da pesquisa.

Desta forma, no próximo tópico serão apresentados os Conjuntos de Sentidos relacionados às avaliações da Tutoria e as análises correspondentes a cada um deles.

### **Resultados e Discussão**

A análise dos repertórios linguísticos provenientes dos mapas dialógicos possibilitou identificar e compreender as múltiplas maneiras de se falar sobre a Tutoria, o que possibilitou focar nas controvérsias daí decorrentes (ARAGAKI et al, 2014). Definimos 07 conjuntos de sentidos relacionados ao processo da Tutoria: 1. Relações com o currículo; 2. Autonomia do estudante; 3. Aproximações entre teoria e prática; 4. Aprendizado em e com o grupo; 5. Sentimentos e Afetos; 6. Sobre a participação do Tutor; e 7. Processos de Avaliação. A seguir, as reflexões sobre estes Conjuntos de Sentidos, com base nos referenciais teóricos propostos.

#### **Conjunto de Sentidos 1: Relações com o Currículo:**

"invente o caminho e vai mais fundo"

As falas dos estudantes trazem comparações entre as aulas tradicionais em sala e a Tutoria, trazendo as controvérsias de dois espaços que trazem concepções de aprendizado diferentes, associando à primeira termos como:

"esquece; memoriza; decora; não associa; dar aula; desenrolar de algum jeito; decoreba; receber tudo pronto; tipo aula".

Já a Tutoria é associada a termos como:

"aprendizagem; estímulo; prática; aprofundar; capacidade criativa e até lúdica; aprende mais e mais fácil; a gente crie; deixar mais livre; invente o caminho e

vai mais fundo; amplia mais; sedimentar o conhecimento; desafio; debater; despertar; surpreender”.

São vistos pelos estudantes como espaços diferentes, sendo o aprendizado na sala de aula descrito com maior proximidade ao processo de transmissão do conhecimento e a Tutoria à sua construção. No discurso, parece haver prioridade para o estudo dos conteúdos de sala de aula, no entanto, o aprendizado construído na Tutoria é mais resgatado quando necessário. O choque entre os dois modelos de currículo aparece bastante nas falas, o que indica a necessidade de planejamento específico para buscar equilíbrio entre as propostas pedagógicas e de avaliação.

"Ah...a Tutoria eu deixo para última hora... será que sou só eu? Daí quando a gente conversa assim a gente vê que muita gente deixa."

"Sempre acontece de a gente dizer: eu vi isso na Tutoria. Nunca acontece de a gente dizer: eu vi isso na aula de [...]."

Segundo Henk Schmidt (1993), os fundamentos cognitivos da ABP tem estreita relação com a compreensão dos fatores que influenciam o armazenamento e a recuperação de informações pela mente humana. Dessa forma, como presente nas falas, na Tutoria o estudante parte da ativação dos seus conhecimentos prévios, tendo espaço para reelaborá-los a partir do estudo que foi estimulado pela identificação de lacunas, bem como da relação com o contexto. Todo esse processo vai influenciar no resgate posterior do conhecimento construído, principalmente em contextos futuros semelhantes.

Um aspecto bastante discutido pelo grupo foi a integração dos conteúdos desenvolvidos na Tutoria com o restante do currículo do curso, evidenciando a importância da cronologia curricular. Sugerem que a Tutoria é mais potente quando está relacionada com os assuntos dos outros módulos. Utilizam as expressões como:

"relacionado às matérias; atrelada aos assuntos; conciliar a Tutoria com os outros módulos; ligado ao aprendizado da sala de aula".

David Ausubel na discussão da aprendizagem significativa apresenta a definição de subsumor ou ideia-âncora, que é o nome dado ao conhecimento específico existente na estrutura cognitiva do indivíduo, que permite dar significado a um novo conhecimento que lhe é apresentado ou por ele descoberto (MOREIRA, 2011). Assim, tanto os conteúdos desenvolvidos nas aulas, como na Tutoria, possibilitam um maior aprendizado se estiverem relacionados, pois funcionam como subsumores no processo de interação não-arbitrária com o novo conhecimento, adquirindo novos significados.

Como vivenciam a Tutoria em um currículo que não é orientado por problemas, fazem comentários e questionamentos sobre como seria toda uma graduação utilizando apenas a ABP, demonstrando certa hesitação e receio em ter um currículo todo construído com metodologia ativa. Talvez essa reação seja produto do processo histórico pessoal de associar o aprendizado à transmissão do conhecimento.

"(a Tutoria) ela sozinha eu acho que não funcionaria bem; só o PBL não seria tão proveitoso; não tem que ser só PBL e não tem que ser só aula"

Alguns estudantes citam, com pesar, o fim da tutoria após o terceiro período, o que pode indicar que outras estratégias integradoras deveriam ser planejadas para o restante do currículo, quer seja a manutenção da Tutoria, quer sejam outras práticas pedagógicas com metodologias ativas problematizadoras que possibilitem a interação de diferentes saberes.

"vão ser só saudades porque não vai ter mais tutoria depois do terceiro período; sofrendo com isso; a gente está se despedindo"

Por outro lado, alguns dão alguns sinais de que a Tutoria começa a ser menos motivadora ao final do ciclo de três períodos, o que nos leva a refletir que talvez outras estratégias fossem mais interessantes no restante do currículo, pois podem trazer o estímulo do novo e mais desafiador.

"depois a Tutoria já fica mais fácil, porque a gente tem mais casos clínicos nas aulas; tem muita gente que fica cansado de Tutoria no terceiro período".

Falam das diferenças entre o estudante iniciante e o que está nos próximos períodos do curso, geralmente associando o iniciante às dificuldades e ao desconhecimento, com amadurecimento no processo da Tutoria ao longo do tempo.

"isso acontecia mais no primeiro período; disseram que era novo; dificuldade de iniciante; nunca tinha ouvido falar; acho importante ver a evolução; os pensamentos são diferentes em cada período".

Essas falas devem-se ao estranhamento inicial que é o desafio de desenvolver uma atividade que é centrada nos estudantes e não focada na transmissão do professor, como tradicionalmente vivenciada por grande parte dos acadêmicos.

### **Conjunto de Sentidos 2: Autonomia do estudante:**

"por que a pedra está em tal canto?"

Neste outro conjunto de sentidos, aflora-se o aprendizado centrado no estudante, direcionando a responsabilidade de aprendizado para o educando, colocando-o como autor dessa construção. Defendem que apesar de certa insegurança, o movimento de realizar as próprias buscas, a partir de suas necessidades, favorece a maior elaboração dos conhecimentos e desenvolvimento pessoal. Todavia, relatam hesitação e receio em assumir a autoria do próprio processo de aprender a aprender, já que não estão habituados com a corresponsabilização pelo processo de aprendizado.

"responsabilidade do aprendizado no aluno; tivemos uma experiência de se cobrar mais; mas é preciso saber se o aluno está preparado e tem essa responsabilidade de construir o seu conhecimento".

Segundo Campos (2000), a autonomia dos sujeitos é desenvolvida através de sua participação nos espaços coletivos, quando o poder é compartilhado através do

diálogo e da coprodução de subjetividades. Neste contexto, a compreensão do aprender de forma construtiva e não de transmissão fica ainda mais evidente, quando trazem:

"não tem a resposta pronta; aprender a filtrar; o raciocínio flui de uma vez, no caminho certo".

E sugerem, também, que o aprender a partir das necessidades pode gerar expectativas que estimulam a busca, como em:

"fazer hipóteses; certa expectativa; o que será que vai acontecer?; curiosidade; caminho não tão determinado".

O raciocínio e a problematização são evidenciados nas falas por um conjunto de expressões, entre elas vários verbos de ação, relacionados ao aprendizado por descoberta e a forma problematizadora de pensar. Foram utilizados termos como:

"indagar; raciocinar; opinar; contrapor; arriscar; investigar; perguntar; levantar uma hipótese; articular as ideias; desenrolar as ideias"  
"por que aquela pedra está em tal canto?"

Neste processo de autoria do aprendizado, ressaltam a melhoria de habilidades e competências, como a objetividade, a busca de fontes seguras e a humildade para reconhecer suas próprias limitações que leva a necessidade de buscas por respostas de forma permanente. No entanto, afirmam que quanto mais utilizam fontes seguras e evidências científicas, podem distanciar-se da criticidade de construção de suas próprias opiniões e apontamentos.

"sintetizar e enxugar num texto mais curto; saber buscar informações e procurar artigos em fontes seguras de estudo; pegar o livro certo; um tapa para você aprender como é que você devia aprender; tomar cuidado com a medicina de orelhada".

"pesquisar antes para não dizer bobagem; o livro sabe e eu não sei".

Uma controvérsia suscitada pelo grupo foi no sentido de discutir onde está o conhecimento, se no professor, no estudante ou no livro, o que nos leva a pensar o conhecimento como produto do diálogo entre estes sujeitos. Na construção dialógica, todos possuem saberes, que são diferentes e tornam-se mais potentes através do encontro crítico das diferenças, quando as pessoas estão disponíveis para criar, recriar e decidir (FREIRE, 1996).

### **Conjunto de Sentidos 3: Aproximações entre teoria e prática:**

"daí tudo flui muito rapidinho e a gente vai longe"

Neste conjunto de sentidos, os estudantes fazem relações entre o aprendizado teórico e as experiências práticas com a saúde, focando as controvérsias nos espaços onde os aprendizados são construídos. Citam problemas de saúde vivenciados pelos familiares e trazem termos que parecem aproximar mais das situações reais, tornando mais significativa a aprendizagem.

"fica mais real; torna-se mais interessante; já viveu aquilo; pra aprofundar mais; leva para uma pessoa; nem sempre acontece de você ter a presença daquele problema no seu dia a dia, mas quando acontece...é algo que não dá para controlar, daí tudo flui muito rapidinho e a gente vai longe".

Outro ponto interessante, é que o conhecimento construído na Tutoria é utilizado por eles em atividades cotidianas, o que favorece o reconhecimento do valor de uso daquele novo saber.

"você se sente mais útil; já sou um pouquinho médica; fico um pouco tenso se acontece algo parecido com o que eu vi na Tutoria; deixa a Tutoria mais viva".

As relações entre teoria e prática possibilitam que ocorram aprendizagens significativas, sendo necessárias duas condições principais: a disponibilidade de material de aprendizagem potencialmente significativo, no caso as situações-problema; predisposição do aprendiz para aprender, o que seria representado pelos aprendizados em vivências anteriores, tanto em espaços formais como não formais de educação (AUSUBEL, 2003). As falas ainda apresentam aproximações com o futuro ambiente de trabalho:

"antecipa situações que a gente vai viver daqui a alguns anos; no futuro a gente vai vivenciar; vai cuidar de vidas; quando a gente for médico; quando chegar na realidade".

Algumas vezes foi citada a valorização das visões mais integralizadoras do processo saúde doença, para além do modelo biomédico.

"enxergar vários fatores que envolvem a doença: a família, os fatores psicológicos; se encaixam na realidade do paciente; a oportunidade de enxergar os sentimentos das pessoas e criar uma sensibilidade".

Mas, também, argumentaram que os aspectos da saúde não biomédicos são mais difíceis de serem desenvolvidos:

"pensamentos ficavam travados quando envolviam temas sociais ou relacionados ao SUS; agora quando eram temas mais médicos, de coisas que a gente viu na sala, fluía super rápido".

Também é citada a formação mais especializada do médico, reforçando que durante o curso o estudante já foca em uma especialidade, mas também com a possibilidade da formação mais generalista:

"um vai ser pediatra, outro vai ser geriatra, ou vai ser gastro (...)".

"sem necessariamente buscar um especialista; como os médicos gerais do SUS".

#### **Conjunto de Sentidos 4: Aprendizado em e com o grupo:**

"eu mesmo nunca me senti empacado porque alguém sabia menos."

Os estudantes desenvolvem também a ideia de construção coletiva do aprendizado e falam do grupo como unidade, reforçando que há uma forma colaborativa de se trabalhar com objetivo comum:

"o grupo começa a conversar; o grupo vai pensando, todo mundo junto".

"vai aprendendo um pouquinho com cada um; cada um traz uma coisa nova; ouvir de um por um; construindo junto; em roda; pensar junto; pensar junto; junto é melhor; constrói o conhecimento com ajuda dos outros; cada um do grupo contribui com mais alguma coisa; nunca vai saber de tudo sobre o corpo humano sozinho; passar o conhecimento para os outros; ninguém tinha medo de arriscar não (no meu grupo)".

E, neste conjunto de sentidos, trazem que aprendem na relação com o outro, mesmo que o outro não seja o professor, mas outro estudante. Segundo Vygotsky (2007) todo o aprendizado acontece através das interações e é mediado por algo, que pode ser o professor, mas também pode ser o livro, o outro estudante, os familiares e as situações-problema apresentadas na Tutoria, que desencadeiam as elaborações coletivas e trocas de experiências pessoais. Nas falas, trazem críticas aos estudantes que querem assumir uma postura de transmissão de informação para os outros e valorizam o trabalho coletivo, com equilíbrio entre fala e escuta.

"o resolver o negócio sozinho; não querer ouvir; vomitar o conteúdo".

"ouvir; concordar; enxergar coisas e pontos diferentes; deixar o outro falar; dividir a experiência que cada um tem; debater".

Discutem sobre a diversidade no grupo, refletindo que dentro do grupo há heterogeneidade e que isso potencializa o aprendizado:

"pessoas diferentes, pensando em grupos diferentes; tem coisas parecidas e diferentes; saber a opinião dos outros".

Esse foi um dos conjuntos de sentidos que os estudantes tentaram resgatar durante a segunda Roda, pois disseram ter sentido falta de uma maior ênfase na síntese apresentada. Trouxeram as dificuldades de se trabalhar com as diferenças, tanto de vivências anteriores, como de conhecimentos específicos da Medicina. Alguns levantaram as dificuldades de ter no grupo algum estudante que já tenha uma formação anterior, principalmente na área da saúde. Outros trazem estratégias de como lidar com essas diferenças.

"Ou então porque um não sabia e o outro sabia; no início que prejudicava quando tinha um enfermeiro no grupo; prejudicava quem sabia menos, que era o restante do grupo e agora prejudica os outros que sabem mais; se sente bloqueado no grupo porque tem duas pessoas que dominam a Tutoria; agora nesse ponto de já ser formado, eu particularmente não gosto muito".

"Eu mesmo nunca me senti empacado porque alguém sabia menos; se ela dá espaço certo para quem precisa mais; tem que problematizar, [...] daí a gente consegue aproveitar o que os outros sabem".

As dificuldades em se trabalhar no grupo são apontadas, sendo algumas coletivas e outras individuais:

"grupo que sempre faz as mesmas perguntas; o grupo ficava meio que sem saber o que fazer".

"não respeitar o espaço do outro; quer passar por cima; obstáculo de falar em público; dificuldade de se colocar no grupo; saber lidar com o grupo; ficava completamente nervosa".

O número reduzido de participantes no grupo de Tutoria é bem avaliado pelos participantes, sendo reforçado que essa característica favorece o desenvolvimento dos estudantes mais tímidos e com dificuldades de falar em público. Aparecem também expressões que denotam desenvolvimento de habilidades para o trabalho em grupo, o que possibilita construir uma postura mais dialógica e horizontal na relação com o outro (FREIRE, 1980).

"aprendemos a compartilhar com o outro, a ouvir, a esperar; a trabalhar em equipe; intervir; criar oportunidade; saber respeitar; ter jogo de cintura; dar espaço; ouvir e falar o que a gente acha; liberdade de falar; dar espaço".

Em resposta às dificuldades trazidas no trabalho em grupo, alguns se posicionam de forma diferente, destacando que o aprendizado em grupo é mais potente e mais significativo se houver aproveitamento deste espaço de diferenças.

"não é um aprendizado só, individual; o que o grupo e cada um puder acrescentar".

#### **Conjunto de Sentidos 5: Sentimentos e afetos:**

"aprende melhor quando enxerga primeiro o errado"

Esse conjunto de sentidos apresenta a questão do saber e o não saber, evidenciando em várias falas a importância do erro no processo de aprender. Todavia, são geradas angústias e frustrações.

"o primeiro sentimento é de frustração! Por ter errado; ficava chutando; nem sei nada; aprende melhor quando enxerga primeiro o errado".

Esses sentimentos estão relacionados à diferente forma de se aprender na Tutoria, pois neste processo o aprendizado é construído pelo estudante e não apenas recepcionado por ele, o que reitera a incompletude dos diferentes saberes. Assim, essa superação dos limites estabelecidos pelos processos de transmissão de informações geram desconforto, mas também são um estímulo para a busca e a compreensão mais complexa das situações de saúde. Nesse mesmo ambiente, é interessante o jogo que trazem entre o falar e não falar nas sessões de Tutoria, o que suscita ansiedades e insegurança que vão sendo superadas ao longo do tempo.

"Ai meu Deus, eu tenho que falar alguma coisa!; não fluir; medo de falar besteira; insegurança muito grande; você trava; angustiada; cheio de dúvidas; acaba se acostumando".

Os primeiros contatos com a Tutoria são descritos como difíceis e imersos em dúvidas e algum sofrimento, tanto na compreensão do método, como superação das dificuldades de se colocar e discutir em grupo.

"e aí o começo do primeiro período foi muito ruim, mas aí chegou no segundo eu fui perdendo (a timidez); ficava todo mundo tenso assim nas duas primeiras semanas; tive dificuldade no início".

Interessante chamar a atenção ao fato de que o início das atividades da Tutoria na FCM/PB acontece logo na entrada na graduação de medicina. Esse princípio está repleto de anseios de uma forma geral com relação ao curso, e são acompanhados por incertezas e dificuldades devido às várias mudanças na estrutura de vida dos acadêmicos, como a mudança de cidade, saída da casa dos pais, aumento nos gastos devido ao acúmulo de despesas financeiras, além de estarem acompanhados de uma expectativa familiar sobre o seu bom desempenho na faculdade. Assim, na Tutoria podem falar sobre essas inquietações e compartilhar com os outros estudantes e com o

tutor, conformando-se como um espaço de acolhimento das necessidades individuais, tanto relacionadas às aprendizagens, como às questões afetivas.

"como se fosse um grupo de amigos, de pessoas mais próximas; empatia; troca com as pessoas; os outros me ajudavam nos meus problemas; o tutor sabia o que eu estava passando; eu me sentia mais à vontade".

Em um currículo não orientado por problemas, como o estudado, há uma grande quantidade de disciplinas paralelas à Tutoria, sendo que esta, por ser centrada no estudante, demanda deste um planejamento para o estudo individual. Assim, nem sempre há tempo para um estudo com afinco para a Tutoria, pois muitas vezes as aulas mais tradicionais são mais valorizadas, pois estão associadas a uma grande quantidade de informações que serão "cobradas" nas provas, gerando conflitos sobre o que priorizar nos tempos de estudo.

"Fico ansiosa porque nem sempre dá tempo de estudar tudo da Tutoria; eu acho que eu devia estudar mais para a Tutoria, mas fico preocupado com as notas e com o que vai ser cobrado na prova; a gente sabe que tem muita gente que não estuda direito e fica angustiado; eu sofria porque tinha que dar conta de duas coisas ... no fim eu dava um jeito".

Neste conjunto de sentidos há visibilidade da vinculação e da inclusão de conflitos, o que favorece a valorização das subjetividades dos estudantes e potencializa o desenvolvimento de competências afetivas no contato com o outro. Na Tutoria, demonstram ser protagonistas nesse diálogo para compartilhamento dos sentimentos e de suas próprias fragilidades, pois vivenciam experiências e dificuldades diferentes (CAMPOS, 2000).

#### **Conjunto de Sentidos 6: Sobre a participação do tutor**

"o tutor é um professor melhorado".

Nesse campo, os participantes relacionaram o próprio aprendizado a mediação do tutor e nomearam como "fundamental" essa relação. Nas falas, há dois perfis de tutores: aqueles mais envolvidos com o método e os outros que colaboram menos para o aprendizado do aluno.

"o tutor é fundamental; mais engajado; que estimula a gente a pensar e criar vários questionamentos; estimula bastante a gente a pensar; dá aquela segurança; como se dissesse: vai está coerente".

"não estimulava tanto; amarrava muito; não falava nada".

Demonstram relacionar o papel do tutor a ser facilitador do processo, preferindo os tutores que participam e estimulam o raciocínio do grupo. Algumas vezes associam o bom rendimento do grupo devido à boa condução do tutor.

"não deve dar as respostas; não é apenas para confundir; deixava a gente livre; pedia para ser criativo; não que ela desse as respostas; estimular e fazer o aluno raciocinar".

Apesar de o tutor ser visto como alguém que está aprendendo, ainda permanece uma postura de medo do estudante em demonstrar suas fragilidades, o que demonstra uma relação ainda não tão horizontal no processo.

"e o que ele (estudante) sabe ele acaba achando que é besteira; a gente já pensa que a tutora já fica pensando...ah, esse rapaz é muito burro, olha o que ele está pensando!"

Fazem também algumas comparações entre o docente na sala de aula tradicional e no processo da Tutoria, sendo que o tutor é associado a estar mais aberto para aprender, enquanto o professor da sala de aula tem as respostas prontas.

"o tutor não sabe de tudo; a gente levava conhecimento para a tutora".

"o professor não aceita o que está no livro, só o que ele disse na sala de aula".

"o tutor é um professor melhorado. Tem o papel de passar segurança para quem tem as ferramentas na mão, mas que não está sabendo usar".

Interessante nesse conjunto a controvérsia entre as perguntas e as respostas, deslocando o tutor para a responsabilidade de provocar as perguntas e direcionado que as respostas são construídas pelos estudantes a partir de questionamentos. Nesse ínterim, o tutor faz o papel de mediador, colaborando na caminhada de ressignificação dos aprendizados do educando, pois são necessárias interações entre as disciplinas, as vivências anteriores, os saberes prévios, resultando em um novo conhecimento que será utilizado de forma intencional em ações futuras (VYGOTSKY, 2007).

### **Conjunto de Sentidos 7: Processos Avaliativos**

"daí você se liga e percebe que tem que mudar"

Estes termos e expressões não estavam compondo um conjunto de sentidos quando foi apresentada a síntese da análise da primeira Roda para os sujeitos da pesquisa. Assim, durante a segunda Roda de Conversa, os participantes entenderam como uma lacuna a ausência deste conjunto de sentidos, o que nos levou a destacá-lo nos resultados, analisando seu repertório linguístico.

Os estudantes discutiram bastante sobre as formas de avaliação da aprendizagem na Tutoria, falaram das dificuldades em fazer uma boa síntese, bem como em elaborar um portfólio reflexivo. Porém, demonstraram que esses momentos são importantes para o aprendizado. Falaram das avaliações que os tutores realizam, afirmando que, algumas vezes, não compreendem bem quais os critérios que o tutor utiliza.

"Mas eu acho que talvez o portfólio realmente ajude para você aprender a fazer a pesquisa; mas eu tinha dificuldade não de escrever, mas na questão de formular o portfólio; eu não entendo direito como ele avalia".

Apresentam as potencialidades da avaliação, principalmente quando ela identifica lacunas que devem ser desenvolvidas pelo estudante, como no caso da avaliação formativa durante o processo.

"Eu acho que é muito relativa a questão da avaliação porque se tem alguém que fala pouco, não quer dizer que ela não saiba; aquelas avaliações que tem ao final de cada bloco (...) isso é muito importante; tanto da nota como da avaliação oral, falando da participação".

As controvérsias nos modelos de avaliação na Tutoria estão presentes no repertório linguístico e são percebidas quando alguns falam da avaliação como quantificação de conteúdo e resultados, enquanto outros trazem uma compreensão mais construtiva, como componente do processo de aprendizagem.

"o que a gente quer é tirar dez; eu acho que às vezes a nota é injusta; porque é bom quando alguém diz que você deixou a desejar e fazer essa devolutiva em partes é muito bom".

### **Considerações Finais**

No discurso dos estudantes várias controvérsias estiveram presentes quando avaliaram o módulo Tutoria, refletindo os conflitos decorrentes da forma problematizadora de pensar a aprendizagem na ABP, bem como deflagrados pelas características deste currículo que é composto em partes por um modelo mais tradicional, em partes com a realização de algumas atividades mais inovadoras, entre elas a Tutoria no modelo da ABP.

Neste encontro de dois modelos, os estudantes trazem reflexões e questionamentos sobre onde está o conhecimento, havendo apontamentos em direção

ao professor, ao estudante e aos textos científicos, mas também defendido como resultado do diálogo entre estes diversos atores. Fazem elaborações sobre onde aprendem, relacionando os saberes prévios aos aprendizados desenvolvidos na faculdade, tanto individualmente, como em grupo, relacionando a teoria e a prática.

Na diversidade de saberes, trazem as controvérsias da construção coletiva, identificando dificuldades e potencialidades desse encontro de diferentes sujeitos, com olhares construídos pelas suas trajetórias pessoais. Entre esses diferentes está o tutor, imerso nos desafios de ensinar e aprender, sendo visto às vezes como detentor do conhecimento, às vezes como mediador da aprendizagem.

A Tutoria no modelo da ABP, inserida em um currículo que não é orientado por problemas, implica planejamento da instituição para favorecer que os objetivos de sua implantação sejam atingidos, como o desenvolvimento do processo de autonomia do estudante, bem como a visão integradora da saúde, que serão desenvolvidos com intensidade diferente de um currículo totalmente baseado na ABP. Na Tutoria, os estudantes tem oportunidade de iniciar o desenvolvimento de algumas competências que o currículo fragmentado em disciplinas não favorece, como as habilidades de trabalho em grupo, entre elas a negociação, o respeito ao diferente, a tolerância e a liderança, bem como o olhar mais compreensivo sobre a complexidade das situações de saúde, aprendendo a utilizar saberes interdisciplinares. Dessa forma, estratégias que possibilitem a integração dos conteúdos dispersos nas disciplinas, como a Tutoria, podem levar o estudante a pensar as interações. Todavia, são necessárias outras inovações que possam acontecer em atividades práticas, pois a Tutoria restringe-se às situações-problema planejadas.

O desafio está em construir espaços de aprendizados mais significativos durante todo o curso de graduação, e que estes possibilitem a formação de médicos que respondam às necessidades de saúde da população, não havendo um único caminho a ser seguido. No entanto, a inserção da Tutoria no formato da ABP em currículos mais tradicionais pode ser uma alternativa para iniciar esse processo de mudança, desde que haja coerência com o restante do currículo e seja acompanhado de avaliação e planejamento permanentes com comprometimento de todos os sujeitos envolvidos.

## Referências

- ARAGAKI, Sérgio Seiji, PIANI, Pedro Paulo, SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BARROWS, Howard S. Problem-Based, Self-directed Learning. **JAMA**, dec 9, v. 205, n. 22. 1983.
- BATE, Emily et al. Problem-based learning (PBL): Getting the most out of your students- Their roles and responsibilities: AMEE Guide, n. 84. **Medical teacher**, v. 36, n. 1, p. 1-12, 2013.
- BATISTA, Neisa Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 30/08/2014.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Medicina**. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 03 de 20 de junho de 2014.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Medicina**. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 4/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 38.
- CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição de sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CECCIM, Ricardo Burg. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 1400-1410, set-out, 2004.
- DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, Aug. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Romeu et al. Aprendizagem Baseada em Problemas na formação médica e o currículo tradicional de Medicina: uma revisão bibliográfica. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, Sept. 2009.

KOH, G. C. H.; KHOO, H. E.; WONG ML, KOH D. The effects of problem-based learning during medical school on physician competency: a systematic review. **Can Med Assoc J.** v. 178, n. 1, p. 34-41, 2008.

KOMATSU, R.S.; ZANOLLI, M.; LIMA, V.V. Aprendizagem baseada em problemas. In: Marcondes E, Gonçalves E, (Org.). In: **Educação médica.** São Paulo: Sarvier; 1998. p. 223-37.

LAMPERT, Jadete Barbosa; et al. Projeto de avaliação de tendências de mudanças no curso de graduação nas escolas médicas brasileiras. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, supl.1, 2009.

MAIA, J. A. O currículo no ensino superior em saúde. In: BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sylvania Helena da Silva (Org). **Docência em Saúde: temas e experiências.** . São Paulo: SENAC, p. 101-133, 2004.

MAMEDE, Sílvia. Aprendizagem Baseada em Problemas: Características, processos e racionalidade. IN: MAMEDE, Sílvia; PENAFORTE, Julio César (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas: Anatomia de uma nova abordagem educacional.** Fortaleza: Hucitec, 2001.

MÉLLO, Ricardo Pimentel, et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade** v.19, n 3, p. 26-32, 2007.

MOREIRA, Marco A. O que é afinal aprendizagem significativa?. In \_\_\_\_\_. (Org.). **Aprendizagem Significativa: a teoria e os textos complementares.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011. p. 13-57.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

NASCIMENTO, V.L. V. et al. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

OLIVEIRA, M.K. Vygotsky - **Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** São Paulo, Ed. São Paulo, 1997.

PENAFORTE, Júlio Cesar. John Dewey e as raízes filosóficas da Aprendizagem Baseada em Problemas. IN: MAMEDE, Silvia; PENAFORTE, Julio César (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas: Anatomia de uma nova abordagem educacional.** Fortaleza: Hucitec, 2001.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo. **Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL):** uma experiência no ensino superior. São Carlos: EdufSCar, 2010.

RINGSTED, Charlotte et al. 'The research compass': An introduction to research in medical education: AMEE Guide No. 56. **Medical teacher**, v. 33, n. 9, p. 695-709, 2011.

SCHMIDT, Henk G. Foundations of problem-based learning: some explanatory notes. **Medical Education**; v. 27, p. 422-32, 1993.

SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. IN: SPINK, Mary (Org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.

VENTURELLI, José. **Educación Medica: nuevos enfoques, metas y métodos.** Organización Panamericana de la Salud, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovick, 1896-1934. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Organizadores Michael Cole... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WOOD, Diana F. Problem Based Learning. **BMJ**, v. 326, n. 7384, p. 328-330, 2003.

#### **4 PRODUTO DE INTERVENÇÃO: INCORPORAÇÃO DA RODA DE CONVERSA COMO ESTRATÉGIA PARA AVALIAÇÃO DO MÓDULO TUTORIA**

##### **Introdução**

Os processos de avaliação estão presentes nas instituições de ensino e abrangem processos focados na mensuração das aprendizagens, nos processos, no desempenho dos professores, bem como na qualidade das ofertas institucionais (LAMPERT, 2009). As avaliações estão em constante mudança e buscam a qualidade da formação profissional, disparando diferentes processos internamente nos cursos. Sendo assim, é fundamental que as escolas médicas avancem nas experiências avaliativas das próprias instituições, possibilitando a identificação de fragilidades e planejamento de estratégias de superação (MOURÃO, 2009).

O processo de planejamento diz respeito a um conjunto de princípios teóricos, procedimentos metodológicos e técnicas de grupo que podem ser aplicados a qualquer tipo de organização social que tem um objetivo, perseguindo uma mudança situacional futura. O planejamento não trata apenas das decisões sobre o futuro, mas questiona principalmente qual é o futuro de nossas decisões. A superação da visão tradicional requer uma mudança de postura intelectual e governamental, compreender que não cabe ao planejamento prever o futuro, mas buscar viabilidade para criar o futuro, como uma ferramenta que amplia o arco de possibilidades humanas, um instrumento de liberdade (RAUPP, 2008).

Neste processo de avaliação e planejamento é necessário coerência e utilização de aspectos quantitativos e qualitativos do processo, valorizando sua complexidade e sua dinamicidade (MOURÃO, 2009). Assim, para uma abordagem qualitativa da avaliação pode-se lançar mão de tecnologias leves, segundo a definição de Merhy (2006), descritas como as relacionadas às interações e subjetividades, possibilitando acolhimento, vínculo e autonomia, pois favorecem a comunicação e a construção coletiva dos saberes. As tecnologias leves potencializam as mudanças e favorecem a escuta sobre as necessidades, sobre os modos de sentir e de vivenciar a experiência.

A partir destas perspectivas, pretende-se discutir o uso da Roda de Conversa na avaliação do Processo da Tutoria no curso de Medicina da FCM/PB.

### **A Roda de Conversa sobre a Tutoria da FCM/PB**

Em 2008, o Curso de Medicina da FCM/PB iniciou a Tutoria, como estratégia na busca de integração dos conteúdos técnico-científicos com casos clínicos de abordagem biopsicossocial. Com utilização dos princípios clássicos da Tutoria no modelo da ABP, esta atividade foi inserida dentro dos módulos de funções biológicas, nos primeiros três períodos do curso. A partir de 2010, a avaliação da Tutoria estendeu-se para além da ponderação da aprendizagem do estudante, buscando identificar problemas e fortalezas do própria atividade, culminando em 2012 com a identificação da necessidade de conformá-la como um módulo independente e que buscasse fazer a integração dos diversos outros módulos, tanto os ligados às questões técnico-científicas, como nos eixos de desenvolvimento pessoal profissional e de interação com a comunidade, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades e atitudes.

Neste processo de avaliação do Módulo, participam tanto os docentes, como os discentes, a fim de possibilitar um olhar mais abrangente sobre o desenvolvimento das atividades. Assim, ao final do semestre, são preenchidos formulários não identificados que avaliam o processo da Tutoria e a participação dos tutores. Todo este material é consolidado e discutido pelos professores do módulo em busca da superação das fragilidades. Esses consolidados de avaliação tem colaborado muito na compreensão de como o estudante passa pelo processo da Tutoria, quantificando a impressão dos estudantes sobre o alcance dos objetivos do Módulo, a condução dos tutores e a qualidade das situações-problema discutidas. Mesmo assim, o grupo de tutores tinha a impressão de desconhecer como os estudantes avaliavam a Tutoria e como aprendiam nesse processo, o que me estimulou a realizar a pesquisa apresentada no artigo.

No processo da pesquisa foi trabalhada a Roda de Conversa como procedimento metodológico, o que tornou esse processo de avaliação menos impessoal, pois possibilitou o diálogo e a troca de opiniões de forma mais direta. Desta forma, no primeiro semestre de 2014, optou-se por incorporar as informações levantadas na Roda, realizada para a pesquisa de mestrado, ao processo habitual de avaliação do Módulo da Tutoria, o que trouxe resultados interessantes, pois ampliou os olhares,

aprofundando pontos que não são questionados nos formulários de avaliação preenchidos pelos estudantes.

Essa Roda de Conversa aconteceu com estudantes de diversos períodos, a fim de criar espaço para o compartilhamento de olhares e avaliação do Módulo. Pensou-se no uso da Roda de Conversa por entendê-la como possibilidade de realizar o trabalho em grupo, garantindo a horizontalidade e o diálogo, potencializando a compreensão sobre o cotidiano, já que não há um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, mas uma busca por uma conversa espontânea. (MÉLLO, 2007). Foram convidados estudantes que tinham se destacado na atividade, segundo avaliação dos tutores, compreendendo-se destaque aqui, aqueles estudantes que participaram ativamente do processo e, não necessariamente, que tenham tido excelente avaliação de aprendizagem. Dos 12 estudantes convidados, 10 participaram da Roda realizada em junho, sendo 03 estudantes do primeiro período, 04 estudantes do segundo período e 03 estudantes do terceiro período. A condução foi realizada pelo professor coordenador do módulo, junto de uma tutora, além de um estudante do sétimo período no papel de relator. A conversa teve como tema central o Processo da Tutoria, mas foram os estudantes que focaram, aprofundaram e relacionaram as questões que julgaram mais importantes. Os participantes expuseram suas elaborações sobre o tema, discutindo e posicionando-se de forma dialógica neste espaço. A Roda de Conversa enriqueceu o processo de avaliação da Tutoria, pois alguns dos pontos não apareciam nos formulários de avaliação, ou eram apenas citados, o que limitava a compreensão do tutores. Porém, no processo de troca do grupo, vieram à tona falas que possibilitaram o amadurecimento do tutores na compreensão sobre o impacto da Tutoria no processo de aprendizagem dos estudantes.

A realização desta Roda de Conversa mostrou-se como um procedimento ético, em que os membros da Roda de Conversa participam de forma ativa, o que possibilitou a aproximação dos olhares de diferentes atores, potencializando o processo de avaliação do Módulo. A partir deste recurso, que utiliza as conversas espontâneas, os estudantes também puderam ampliar as suas compreensões sobre os objetivos do Módulo, bem como relacioná-lo com seu próprio processo de aprendizagem no curso.

### **Proposta e Resultados Esperados**

Através desta Roda de Conversa, destinada à pesquisa de mestrado, percebeu-se que a utilização de um método mais dialógico pode colaborar de forma muito significativa na avaliação do Módulo, trazendo o compartilhamento de saberes diferentes, que se tornam mais potentes a partir desse encontro (FREIRE, 1980).

Assim, sugere-se que a cada final de semestre seja incorporada uma Roda de Conversa com estudantes dos diversos grupos de Tutoria, a fim de avaliar as atividades do Módulo durante aquele período, sendo utilizada aqui como uma tecnologia leve, que favorece a identificação de questões mais subjetivas e potencializa os dados quantitativos trazidos pelos formulários de avaliação. Dessa forma, caminha-se para a busca de uma avaliação mais democrática, que pode colaborar na superação do olhar fragmentado, valorizando o contexto social, os valores culturais e as características do cotidiano escolar (SEIFFERT, 2004).

Como metodologia, a Roda de Conversa deve ser realizada com representantes dos diversos grupos dos três períodos do curso, favorecendo o diálogo entre as diferenças, o que contribui para um produto mais próximo do cotidiano que vivenciam, sendo importante reforçar que na Roda os tutores também devem dialogar e trazer suas elaborações e questionamentos vivenciados na Tutoria. A conversa deve ser gravada em áudio e na transcrição os participantes devem ser identificados com códigos, para garantir sigilo e um bom aproveitamento dos discursos.

Nessa proposta, os estudantes tem a possibilidade de corresponsabilização na identificação dos problemas do Módulo, além de participarem do planejamento de possíveis estratégias de enfrentamento, tornando-os sujeitos de todo o processo (CAMPOS, 2002). No espaço da Roda, as falas não trazem apenas os entendimentos e posicionamentos que já possuem, mas é um espaço de diferentes compreensões, discordâncias e novas elaborações. A partir da integração dos valores quantitativos dos formulários com as informações da Roda de Conversa, caminha-se para uma avaliação mais criteriosa, ética e compromissada com a transformação curricular e com a qualidade da formação médica.

Para oficialização desta nova proposta de avaliação, o pesquisador apresentará os resultados da pesquisa à coordenação do Curso de Medicina da FCM/PB e proporá sua incorporação ao processo de avaliação do Módulo Tutoria.

### Referências

CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos**: a constituição de sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LAMPERT, Jadete Barbosa; et al. Projeto de avaliação de tendências de mudanças no curso de graduação nas escolas médicas brasileiras. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, supl.1, 2009.

MÉLLO, Ricardo Pimentel, et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade** v.19, n 3, p. 26-32, 2007.

MERHY, Emerson Elias; CHAKKOUR, M; STÉFANO, E; STÉFANO, M E; Santos, C M; RODRIGUES, R A. Em busca de ferramentas analisadoras das tecnologias em saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde. In: MERHY, E. E; ONOCKO, R, organizadores. **Agir em saúde**: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 113-150.

MOURÃO, M.G.M.; CALDEIRA, A.P.; RAPOSO, J.B.V. A avaliação no contexto da formação médica brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v. 33, n. 3, p. 452 – 464, 2009.

RAUPP, Barbara. **Planejamento e Gerência nas Unidades de Atenção Primária / Básica do SUS**: Referenciais conceituais, metodológicos e Operacionais. Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, 2008.

SEIFFERT, Otília Maria Lúcia Barbosa; ABDALLA, Ively Guimarães. Avaliação Educacional na formação docente para o ensino superior em saúde. In: BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sylvia Helena da Silva (Org). **Docência em Saúde**: temas e experiências. São Paulo: SENAC, p. 101-133, 2004.

## 5 CONCLUSÕES GERAIS

Realizar o MPES me proporcionou ressignificar conhecimentos anteriores ao aprofundar saberes advindos de minha trajetória pessoal, somando novos saberes e construindo um novo olhar sobre os processos de ensino-aprendizagem na saúde.

A elaboração do projeto de pesquisa e sua realização foram desafiadores por representarem um caminho pessoalmente pouco explorado, demandando um esforço maior de superação e que levou a um encantamento progressivo, o que possibilitou uma relação de amorosidade (FREIRE, 2005) com a ciência que dá espaço às contradições e a complexidade da vida. Uma ciência que busca superar o paradigma hegemônico da racionalidade e aproximar-se do diálogo, ao trazer questões mais simples e mais profundas, pois estas são capazes de causar revoluções (SANTOS, 2010).

O próprio desenrolar dos procedimentos metodológicos da pesquisa possibilitou a identificação de um produto viável e que traz a valorização do sujeito e sua corresponsabilização no processo, que é a inclusão da Roda de Conversa na avaliação do módulo Tutoria da FCM/PB.

Uma repercussão decorrida do processo de realizar uma segunda Roda de Conversa para apresentação da análise inicial do material do primeiro encontro foi o interesse do grupo de estudantes participantes da pesquisa em escrever relatos de experiências sobre seus próprios aprendizados na Tutoria. Com a inserção no processo de análise, os estudantes aproximaram-se da autoria desse processo, sentido-se mais responsáveis pela avaliação do currículo. Dois trabalhos foram realizados, um apresentado no Fórum da FCM/PB em novembro de 2014 e outro aprovado para apresentação no Congresso Iberoamericano de Medicina Familiar e Comunitária a ser realizado em Montevideo, em março de 2015. Ambos resumos estão no apêndice D. Outros produtos ainda podem ser gerados a partir dos resultados da pesquisa, principalmente a partir da aproximação com os entendimentos que os estudantes têm ao vivenciar a Tutoria nesse formato, possibilitando identificar especificidades do processo.

A partir da problemática avaliada pela pesquisa, pode-se discutir como a atividade da Tutoria é avaliada pelo estudantes de Medicina, possibilitando identificar a necessidade de haver permanente planejamento na estrutura curricular do Curso de Medicina da FCM/PB, para garantir o alcance dos objetivos da estratégia. Além disso, o material produzido por esta pesquisa poderá ser utilizado para repensar as estratégias utilizadas para a formação mais qualificada e responsável do futuro médico, considerando os limites e as possibilidades do uso da Tutoria no modelo da ABP nos currículos de Medicina com tendência ao formato tradicional.

Este estudo deteve-se centralmente em pesquisar a perspectiva dos estudantes, no entanto, outros atores que também fazem parte desse processo talvez pudessem ser pesquisados com mais profundidade em outros momentos, como os docentes e os gestores de ensino, além da comunidade que está em contato com estes estudantes de Medicina.

Todo esse desenrolar do mestrado me potencializou a atuar como um educador que promova espaços para construção de saberes, privilegiando a interação dialógica e as individualidades, ousando ser mais artesanal e menos reproduzidor em série, no caminho da construção da cidadania e de uma sociedade mais justa.

## 6 REFERÊNCIAS GERAIS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP. Papyrus, 2000.

ARAGAKI, Sérgio Seiji, PIANI, Pedro Paulo, SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos**: Uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BARROWS, Howard S. Problem-Based, Self-directed Learning. **JAMA**, dec 9, v. 205, n. 22. 1983.

BATE, Emily et al. Problem-based learning (PBL): Getting the most out of your students- Their roles and responsibilities: AMEE Guide, n.. 84. **Medical teacher**, v. 36, n. 1, p. 1-12, 2013.

BATISTA, Neisa Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sylvania Helena da Silva . Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Orgs). **Docência em Saúde**: temas e experiências. 1ª ed. São Paulo: SENAC, p. 101-133, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 30/08/2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Medicina**. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 03 de 20 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Medicina**. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 4/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 38.

CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos**: a constituição de sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.

CECCIM, Ricardo Burg. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 1400-1410, set-out, 2004.

DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, Aug. 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Romeu et al. Aprendizagem Baseada em Problemas na formação médica e o currículo tradicional de Medicina: uma revisão bibliográfica. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, Sept. 2009.

KOH, G. C. H.; KHOO, H. E.; WONG ML, KOH D. The effects of problem-based learning during medical school on physician competency: a systematic review. **Can Med Assoc J.** v. 178, n. 1, p. 34-41, 2008.

KOMATSU, R.S.; ZANOLLI, M.; LIMA, V.V. Aprendizagem baseada em problemas. In: Marcondes E, Gonçalves E, (Org.). In: **Educação médica**. São Paulo: Sarvier; 1998. p. 223-37.

LAMPERT, Jadete Barbosa; et al. Projeto de avaliação de tendências de mudanças no curso de graduação nas escolas médicas brasileiras. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, supl.1, 2009.

MAIA, J. A. O currículo no ensino superior em saúde. In: BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sílvia Helena da Silva (Org). **Docência em Saúde: temas e experiências**. São Paulo: SENAC, p. 101-133, 2004.

MAMEDE, Sílvia. Aprendizagem Baseada em Problemas: Características, processos e racionalidade. IN: MAMEDE, Sílvia; PENAFORTE, Julio César (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas: Anatomia de uma nova abordagem educacional**. Fortaleza: Hucitec, 2001.

MÉLLO, Ricardo Pimentel, et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade** v.19, n 3, p. 26-32, 2007.

MERHY, Emerson Elias; CHAKKOUR, M; STÉFANO, E; STÉFANO, M E; Santos, C M; RODRIGUES, R A. Em busca de ferramentas analisadoras das tecnologias em saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde. In:

MERHY, E. E; ONOCKO, R, organizadores. **Agir em saúde**: um desafio para o público. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 113-150.

MOREIRA, Marco A. O que é afinal aprendizagem significativa?. In \_\_\_\_\_. (Org.). **Aprendizagem Significativa**: a teoria e os textos complementares. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011. p. 13-57.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MOURÃO, M.G.M.; CALDEIRA, A.P.; RAPOSO, J.B.V. A avaliação no contexto da formação médica brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v. 33, n. 3, p. 452 – 464, 2009.

NASCIMENTO, V.L. V. et al. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. IN: SPINK, Mary Jane et al (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

OLIVEIRA, M.K. Vygotsky - **Aprendizado e desenvolvimento**: Um processo sócio-histórico. São Paulo, Ed. São Paulo, 1997.

PENAFORTE, Júlio Cesar. John Dewey e as raízes filosóficas da Aprendizagem Baseada em Problemas. IN: MAMEDE, Silvia; PENAFORTE, Julio César (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas**: Anatomia de uma nova abordagem educacional. Fortaleza: Hucitec, 2001.

RAUPP, Barbara. **Planejamento e Gerência nas Unidades de Atenção Primária / Básica do SUS**: Referenciais conceituais, metodológicos e Operacionais. Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, 2008.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo. **Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL)**: uma experiência no ensino superior. São Carlos: EdufSCar, 2010.

RINGSTED, Charlotte et al. 'The research compass': An introduction to research in medical education: AMEE Guide No. 56. **Medical teacher**, v. 33, n. 9, p. 695-709, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010. p. 59.

SCHMIDT, Henk G. Foundations of problem-based learning: some explanatory notes. **Medical Education**; v. 27, p. 422-32, 1993.

SEIFFERT, Otilia Maria Lúcia Barbosa; ABDALLA, Ively Guimarães. Avaliação Educacional na formação docente para o ensino superior em saúde. In: BATISTA, Nildo

Alves; BATISTA, Sylvia Helena da Silva (Org). **Docência em Saúde**: temas e experiências. São Paulo: SENAC, p. 101-133, 2004.

SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. IN: SPINK, Mary (Org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

VENTURELLI, José. **Educación Medica**: nuevos enfoques, metas y métodos. Organización Panamericana de la Salud, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovick, 1896-1934. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WOOD, Diana F. Problem Based Learning. **BMJ**, v. 326, n. 7384, p. 328-330, 2003.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

*"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa"*

Eu,....., tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo "Análise da Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas em um currículo híbrido: estratégias para uma aprendizagem significativa do estudante de medicina", que será realizado com estudantes de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, recebi do médico Willian Fernandes Luna, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- 1) Que o estudo se destina a avaliar a Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) em um currículo híbrido, através das falas de estudantes de Medicina da FCM PB.
- 2) Que a importância deste estudo é compreender como a atividade da Tutoria está relacionada ao processo de aprendizagem do estudante de Medicina, identificando seus limites e suas possibilidades;
- 3) Que os resultados que se desejam alcançar são a compreensão sobre algumas especificidades sobre a Tutoria e o uso da ABP em currículos de medicina, o que pode colaborar para a organização curricular e conseqüente formação mais qualificada do profissional médico;
- 4) Que este estudo começará em junho de 2014 e terminará em março de 2015;
- 5) Que eu participarei do estudo da seguinte maneira: através de uma Roda de Conversa que será conduzida pelo pesquisador, onde discutirei com outras pessoas sobre a temática da pesquisa, sendo utilizado um aparelho que gravará as falas, ciente do direito de não responder a determinadas perguntas, bem como não participar quando não me sentir à vontade para isso. Além disso, poderei desistir da minha participação a qualquer momento da pesquisa;
- 6) Que eu não terei riscos físicos e que os possíveis riscos mentais são: a) quebra de sigilo sobre os meus dados, no entanto, o pesquisador se compromete em manter todos os meus dados pessoais registrados utilizando-se códigos de identificação e arquivo digital codificado, permitindo apenas acesso aos participantes diretos da pesquisa. Além disso, a gravação da roda de conversa será descartada depois de transcrita pelo pesquisador principal. Fui avisado que não devo identificar os participantes para minimizar ainda mais a associação das minhas respostas ao meu nome; b) constrangimento em dar minhas opiniões, o que será minimizado pela liberdade de não responder o que não me convenha e garantias no sigilo das informações obtidas conforme descrito anteriormente;
- 7) Que poderei contar com a assistência do pesquisador Willian Fernandes Luna, e de seu orientador, o psicólogo Jefferson de Souza Bernardes, para solucionar qualquer problema relacionado à esta pesquisa;
- 8) Que essa pesquisa não trará benefícios diretos para mim. No entanto, com base nos dados obtidos, será possível produzir conhecimento científico que visa contribuir para o repensar na organização dos currículos acadêmicos conforme preconizado através das diretrizes curriculares para o curso de medicina. Para alcançar este benefício, o pesquisador principal se compromete em oferecer cópia do(s) artigo(s) e promover reunião com o Coordenador de Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba para que juntos possam definir as melhores estratégias para enfrentar tal problemática;
- 09) Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e que receberei uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- 10) Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- 11) Que as informações conseguidas através de minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto;

Análise da Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas em um currículo híbrido:  
estratégias para uma aprendizagem significativa do estudante de medicina  
Contato Willian Fernandes Luna (83) 9984 0085



12) Que eu deverei ser ressarcido por qualquer despesa que venha a ter com a minha participação nesse estudo e, também, indenizado por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão, sendo que, para estas despesas foi-me garantida a existência de recursos.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dela participar e, para tanto eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do (a) participante voluntário(a):

Domicílio: (rua, conjunto).....

Nº: ....., complemento: ..... Bairro: .....

Cidade: ..... CEP:..... Telefone: .....

Ponto de referência: .....

**Nome e Endereço do Pesquisador Responsável:**

Willian Fernandes Luna

End. Rua Presidente Delfim Moreira, 325, ap 303. Bessa. João Pessoa. CEP 58035 260

Telefone (83) 9984 0085 Email: Willian\_btu@hotmail.com

Instituição: Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. Praça Dom Ulrico 56, Centro João Pessoa – PB. www.cienciasmedicas.com.br

**Nome e Endereço do Orientador:**

Jefferson de Souza Bernardes

End. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de Psicologia da UFAL. AV. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL. CEP 57072-900

Fone (82) 9989 3255 Email: jbernardes.ufal@gmail.com

**ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL: Campus A. C. Simões – Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL. CEP 57072-900. Telefone (82) 3214-1041.**

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) voluntário (a)  
(rubricar as demais folhas)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pelo Estudo  
(rubricar as demais folhas)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador  
(rubricar as demais folhas)

Análise da Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas em um currículo híbrido:  
estratégias para uma aprendizagem significativa do estudante de medicina  
Contato Willian Fernandes Luna (83) 9984 0085

**APÊNDICE B - TRECHO DO MAPA DIALÓGICO DA PRIMEIRA RODA DE CONVERSA**

(continua)

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	
01-06	P							Quero que vocês se sintam bem à vontade para falarem o que você quiserem. Nós vamos deixar dois gravadores, um e cada canto da nossa roda, para que a conversa possa ser gravada e possa ficar registrada. Agora eu queria que a gente começasse a se apresentar.
07-89	Todos							Cada um se apresentou para o grupo. Descrição completa na transcrição integral.
90-93	P							Vamos começar então. Eu não terei perguntas pré-estabelecidas para vocês. Bom, vamos iniciar nossa conversa. A ideia é que seja o mais natural possível. Então a gente vai conversar sobre como a Tutoria está relacionada com o que vocês aprendem, no curso de medicina, na faculdade. Como é que é isso para vocês?

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

95-101	E3	O que acontece é que nas matérias em geral a gente tem uma determinação sobre o que é para ser estudado.						
	E3	E, na Tutoria, a gente tem a possibilidade de desenvolver a nossa capacidade criativa e até lúdica.	Porque a gente tem a oportunidade de seguir o nosso caminho, não tão determinado, mas a partir das nossas indagações e curiosidades.					
	E3 / E5	Isso faz com que a gente crie, que a gente invente o caminho e vá muito mais a fundo do que apenas o caso. Muitas vezes a gente sai do caso e amplia mais. Outras vezes tem pessoas que se limitam ao caso. Então envolve muito disso, da capacidade criativa.			(E5) Complementando o E3, eu acho que uma coisa importante que a gente vê, conversando com outros grupos, é que os objetivos de cada grupo são diferentes uns dos outros. Porque são pessoas diferentes, pensando em grupos diferentes. Então, a evolução do caso, as indagações, as dúvidas, e as curiosidades variam de acordo com os grupos. Isso eu acho bastante interessante na Tutoria porque mesmo que o caso seja o mesmo, as pessoas conseguem enxergar coisas e pontos diferentes no mesmo caso			

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

102-107	E5	.	Eu acho que estimula muito o raciocínio diagnóstico.					
108-115	E1	Eu acho que a Tutoria deve sim estar atrelada aos assuntos que são vistos em sala nas outras aulas, porque facilita muito. Daí o negócio flui rapidinho.			O grupo começa a conversar, vai discutindo outros assuntos e facilita muito o raciocínio.			
			Eu acho que é muito interessante, a gente aprende bastante. É muito legal ter que descobrir, todo mundo ter que investigar o que é. Raciocinando.					
		Diferente de quando a gente está decorando algo.	Principalmente quando a participação do grupo e do tutor estimula esse raciocínio ...o assunto fica mais sedimentado.					
116-118	E4				Como o grupo também é menor, eu acho que facilita as pessoas ficarem mais a vontade para se colocar e falar o que achou daquele caso, o que notou, o que encontrou, o que pesquisou. Eu acho que isso é bem interessante por ser reduzida a quantidade de pessoas.			

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

116-123	E2			Eu acho que a Tutoria meio que antecipa situações que a gente vai viver daqui a alguns anos, né? Como vamos, no futuro, discutir casos com os colegas, para que possa haver isso. É sempre bom um olhar, ver aquilo que você não viu				
		Mas agora na faculdade é principalmente para você fechar, sempre relacionado ao assunto que a gente está vendo. Por isso é tão importante quando é relacionado às matérias que a gente está pagando.						
		A gente vê uma doença ou assunto em sala, vê algumas características, memoriza e decora para uma prova, mas quando você chega na Tutoria, você vê a mesma coisa e às vezes não associa. Como se chegasse na vida real e		Para saber que você está estudando para fazer aquilo de verdade. E te dá mais responsabilidade para a vida real, mesmo que você esteja só em sala de aula, com alguns colegas.				

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

		esquecesse a sua decoreba de sala. Aí te força a ...tipo ... despertar para isso.						
124-131	E9		Não sei se são em todas as Tutorias, mas usando como exemplo a minha, que foi a única que eu tive até agora. A gente começa, lê a situação. Falo que eu nem sei nada. Aí ninguém sabe nada. Tenta esclarecer alguns termos desconhecidos. Alguns tem que ficar meio chutando.		Mas daí, tipo, vai pensando, todo mundo junto. Formula questões, às vezes mais de dez, e algumas a gente vai conseguindo responder quando está trabalhando junto. Às vezes até a metade.			
			E vai enxugando naquilo que a gente ainda não sabe. Porque tem coisa que a gente já sabe, mas tem dúvidas.		Mas em grupo o conhecimento aumenta. Aí termina a gente sabendo coisas que a gente pensava que não sabia.		A minha tutora estimula bastante a gente pensar	
			A olhar, vê que não sabe, ou pensar que não sabe, aí quando paro e penso em conjunto, vê que a gente sabe de alguma coisa. Eu acho isso bem interessante.		A gente já até falou sobre isso um dia no grupo.			
140-141	E10	Não sei se de todo mundo foi, mas no nosso caso os últimos três casos foram entrelaçados. Foi uma história, de uma pessoa em comum ...						

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

								Risos de vários do grupo
		Pelo visto não foi só para a gente isso. Mas é que disseram que era novo...						
								Risos de vários do grupo
		Eu achei muito interessante e gerava uma certa expectativa. O que será que vai acontecer? A gente até sugeriu para o tutor que isso acontecesse mais vezes. Talvez até com uma família. Poderiam entrelaçar mais os problemas. Foi muito interessante.						
148	EB	Parecia uma novela!						
149	E10/E6	E todo mundo na sala já ficava. O que será que vai acontecer?	Eu acho que a Tutoria coloca muito a responsabilidade do aprendizado no aluno. Acho que ela tira um pouco a responsabilidade do tutor, do professor, de ensinar, de aprender e coloca a responsabilidade no aluno					

Linha	Participantes	Categorias					SOBREA PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA		

(continuação)

150-160	E6	Isso é importante ligado ao aprendizado que se tem nas aulas da sala, dos assuntos, porque faz você pesquisar em outras fontes. Mas eu acho que ela sozinha, sem o auxílio das aulas, como é o que acontece aqui na faculdade, eu acho que ela talvez não funcionaria bem, não para todo mundo, mas para muita gente.						
		Até o ponto que eu acho que tem muita gente que não vai buscar uma fonte confiável. Dá para só colocar no google, ver o que aparece, levar para a Tutoria e já resolve o estudo.	Então eu acho que a responsabilidade que colocam em cima do aluno para o aprendizado é importante, mas é preciso saber se o aluno está preparado e tem essa responsabilidade de construir o seu conhecimento.					
161-175	E7		Eu vejo muito essa autonomia também, como o E6 falou, porque fica com a gente a responsabilidade de buscar e saber se aquela informação que você tinha era realmente o que você estava pensando					

Linha	Participantes	Categorias					Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	

(continuação)

		<p>Mas uma coisa que eu acho importante também é a criatividade. Porque do nada você fica com medo de falar uma besteira, e daí o tutor fala: "Pode ir falando". E aí a gente vai falando, vai falando, e aí a gente vai vendo que aquela besteira que a gente estava pensando, que a gente tinha suspeitado, fazia algum sentido.</p>		<p>Então... mas para confirmar isso a gente tem que usar fontes confiáveis, até porque aprender isso nessa fase do curso é uma forma muito didática de entender isso, que futuramente a gente precisa dessas fontes confiáveis porque a gente vai cuidar de vidas, né?</p>				
		<p>Tomar cuidado com a medicina de "orelhada", aquilo que você escuta que é bom, ou não é, falado por outras pessoas, mas nunca foi ler a evidência. Isso não pode acontecer. Você tem que sempre estar embasado. Tem que estar respaldado até em defesa própria.</p>		<p>Então eu acho que a Tutoria é uma oportunidade de poder estimular a gente aprender a trabalhar com o que no futuro a gente vai vivenciar.</p>	<p>Como falaram. A gente vai aprendendo um pouquinho com cada um ...assim ... e no fim a gente tem uma síntese.</p>			

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

176-190	E2		Um ponto que eu também acho importante é o da responsabilidade do aluno, logo no início.			Bom, no meu caso, eu tive o primeiro contato. Tive dificuldade no início. Então tem que ver se o aluno consegue lidar com aquilo, se ele está ou não está preparado para aquilo. Mas eu acho que ele aprende a lidar. Pelo menos aconteceu isso comigo. Falo por mim que na primeira Tutoria eu era um desastre! Eu não acompanhava bem. Eu me sentia bem atrás dos outros alunos. E não funcionava para mim. Eu fui pegar o espírito da Tutoria mais no final.		
		E passei depois disso, um ano, que foi o segundo e terceiro período, adorando Tutoria. Por mim eu estou super triste que vai acabar. Porque tipo assim, eu vi o que eu tinha errado no primeiro período e vi o que eu tinha que melhorar no segundo período	Foi para mim meio que um tapa para você aprender como é que você devia aprender, estudar, questionar.					
			E, acho que o mais importante, é ter que ter responsabilidade sobre			Para mim foi um pouco assim. Acho que foi até bem mais tranquilo.		

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

			as suas coisas. Então eu acho que mesmo que você se sinta inseguro, meio perdido no primeiro contato, acho que com o tempo, passa a ser mais organizado com as coisas. Não só na Tutoria, mas como pensar, como elaborar, como ter dúvidas.					
191-215	E6		Mas acho que nem todo aluno está preparado para isso.					
		Eu acho que você está preparado e eu também estou. Acho que a gente vai aprendendo com o tempo. Hoje mesmo a gente já sabe os significados das palavras, dos termos desconhecidos.	Mas não é todo aluno que está preparado para ele buscar por si só. Isso não é uma coisa da faculdade. É uma coisa da formação dele.					
		O aluno está acostumado a receber tudo pronto. Ele está acostumado a assistir uma aula e acabou, sem ter que estudar em casa. Ou então, chega em casa e vai estudar aquele capítulo que o professor mandou estudar. Ou					Tem vezes até que é melhor estudar pela transcrição da aula, porque nem sempre o professor aceita o que está no livro. Ele quer o que ele falou na aula. A gente sabe que tem professor na faculdade que não aceita o que está no livro. Tem que ser o que ele disse mesmo.	

Linha	Participantes	Categorias					Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	

(continuação)

		mesmo que não tenha a indicação do professor, mas tem exatamente o capítulo daquele assunto que foi dado na aula. Um exemplo: tem uma aula de BQM (Biologia Celular e Molecular), ele vai lá, pega o livro desse assunto, encontra o que o professor deu na aula.						
			E o que a gente quer é tirar dez na prova. Então eu acho que é esse o problema. Nem todo aluno está preparado para ter essa responsabilidade de usar uma boa fonte.					
		Por isso, quando a Tutoria está relacionada as aulas da faculdade, possibilita aos estudantes que não tem essa responsabilidade aprender bem. E se fosse só tutoria, só PBL, eu acho que não teria este mesmo estímulo. Isso para parte dos alunos.	Talvez você teria. Não sei se a maioria conseguiria acompanhar e aprender bem se fosse só Tutoria.					

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

		Você vendo assim o histórico, você vai ver que o PBL foi implantado acho que em Marília e depois na UEL, eu acho, e você vê que depois caiu o rendimento delas, no escopo que faz todas as faculdades.	Isso foi associado ao aluno, mas também a capacidade do aluno ter responsabilidade para estudar e buscar seu aprendizado.					
	E6	Então, é isso que eu acho, não falando que essas faculdades não são boas, mas que muito aluno aprende pouco com o PBL.						
	E2	Isso quando é só PBL, né? Simplesmente o PBL.						
217-230	E7	Eu acho é que aí é que entra a questão de relacionar com os assuntos que a gente teve		Até porque é um estímulo maior para a gente levar para a prática,				
		porque às vezes você até viu algo na aula, mas você não gosta da aula daquele professor. Ou você nem está com cabeça para assistir aula. Ou você não está com		Ou às vezes é até uma doença que tem na sua família. Que é o que acontece muito nas tutorias. Geralmente alguém já fala: minha mãe tem, meu irmão tem.				

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

		cabeça só para ler aquilo						
		Então quando chega na tutoria, correlacionando tudo, inclusive com o assunto que a gente estudou		a gente vai busca pra aprofundar mais aquele assunto, como "aquela pedra na vesícula" que minha mãe tinha e quando eu vi na aula, eu nem liguei, porque era só uma doença.				
		Mas quando eu debati na Tutoria, a gente despertou mais interesse e curiosidade.			Cada um traz uma coisa nova que a gente só na aula nem vê.			
		Mas eu também acho válido o que E6 falou na questão de ser só PBL, porque eu acho que são métodos que se complementam, eu tenho a impressão de que nenhum dos dois é bom sozinho. Eu acho então que um complementando o outro é muito bom.						
231-233	E10	É uma forma tão criativa que acaba fixando, de um jeito ou de outro. Evocê fixa.						Alguns outros concordam com a afirmação.
		Evocê fixa!						

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

234	E7/E3	Geralmente você sempre fala: Eu vi isso na Tutoria. Nunca acontece de a gente dizer: eu vi isso na aula de ...				(E3) Gente, o que acontece, quando a gente passa em medicina a gente tem uma certa fantasia de que a gente conhece a medicina. A gente está tão animado que a gente passou que aí a gente pensa que a gente sabe.		
236-247	E3	A medida que os obstáculos vão se confrontando com esta visão, com a nossa inteligência, com a nossa capacidade cognitiva, a gente sente a necessidade de pesquisar mais, que é o que E3 estava comentando. Por que a gente pesquisa mais depois? Porque a gente percebe que a gente não sabe todas as coisas que a gente acreditava quando passou. E aí tem a questão da humildade.	A gente aprende que temos limitações como alunos e que ser médico é um desafio maior do que a gente pensava		E acrescentou a E4 a questão da equipe.. À medida que o tempo vai passando nós aprendemos a compartilhar com o outro; a ouvir, a esperar. Isso que a gente desenvolve... a trabalhar em equipe.			

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBREA PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

248-255	E3 / E4	Então todo esse crescimento e evolução vai aos poucos e eu acho que a Tutoria propicia um ambiente para que a gente tenha essa humildade.					E eu acho que para quem está no começo ainda é muito importante a participação do Tutor.	
							Porque eu posso dizer que para mim, no primeiro período, não sabia nem o que era Tutoria. Eu sentia que minha tutora não estava muito envolvida, que faltava, que eu abria caso com um, fechava com outro. Então eu via que era um negócio que não estava direito. Quando chegou no segundo período, eu já pensei: Meu Deus, agora eu acho que eu vou saber o que é Tutoria. Foi quando eu vi um tutor mais engajado, que estimula a gente a pensar e criar vários questionamentos. Então eu acho que está muito atrelado em ter um tutor que está realmente envolvido, querendo fazer aquilo.	

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

256-274	ES						Era exatamente isso que eu ia dizer. Que a importância do tutor é fundamental. Eu acho que ...eu pelo menos tive a sorte, de ter tutores que me cobravam bastante nesses três períodos, e acho que por isso que a Tutoria me enriqueceu tanto assim. Mas eu vi vários relatos de pessoas que não se sentiam tão empolgados com a Tutoria porque o tutor não estimulava tanto e eu acho que realmente tem que ter essa cobrança, sabe?	
			Assim, tem alunos que eu vejo que se não tiver com uma fonte segura para ir para a Tutoria, ele não se sente seguro, ele não vai seguro para discutir o caso porque ele já ficou com aquilo na cabeça e tem que levar coisas que comprovem realmente. Que seja site seguro, fontes de livros, de artigo, mas que seja de bibliografia segura					
				Acho que a partir da Tutoria eu consegui enxergar vários fatores que envolvem a doença: a			Então a participação do tutor eu acho que é fundamental. De verdade mesmo! Ele	

Linha	Partid pantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBREA PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

				família, os fatores psicológicos ...e todo esse contexto ... eu acho que a Tutoria disponibiliza ... ela não coloca só a doença em si, só os sintomas e sinais e diga qual é a doença. Ela não é só isso. Tem toda a parte de convivência familiar, toda a parte psicológica. A gente tenta também resolver os casos olhando o lado do SUS, e eu acho importante quando os casos envolvem a realidade do Brasil, quando envolve o SUS e quando a gente tem que ir atrás de exames que se encaixam na realidade do paciente. Também tem isso.			consegue conduzir e dependendo do tutor ele consegue estimular que a gente enxergue a situação do início ao fim.	
275-292	E1	Para mim eu acho que a Tutoria é um aprofundamento. E acho importante que seja atrelado aos outros assuntos por isso. Acho que não tem que ser só PBL e não tem que ser só aula. Por que o quê que acontece? A gente assiste uma aula e acaba tendo um conhecimento básico do assunto.					E quanto a questão do tutor eu acho que é fundamental, porque eu já vi muita gente dizer muita coisa, e dizem que no PBL, ou que na Tutoria quem faz é o aluno. O professor fica lá olhando e o aluno tem que fazer sozinho. Mas eu não vejo assim. Inclusive agora, com minha tutora atual, foi muito melhor essa minha tutoria, porque ela estimulava	

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Rbda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Rbda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(continuação)

		Aí na Tutoria é que a gente começa a aprofundar o assunto. E aí fica muito mais fácil de a gente aprofundar, porque a gente já sabe o básico. Então é um aprofundamento do conhecimento, extremamente importante. Mas eu acho que só o FBL, sem essa base prévia, eu acho que não seria tão proveitoso, como eu acho que é hoje. Só que eu acho que talvez o curso pudesse ter mais aspectos próximos, parecidos com o FBL, no restante do ensino, não só na Tutoria. Mas também não só FBL, nem só aula.					bastante. Não é que o professor tem que ficar calado e deixar só os alunos falarem, mas tem que estimular. Não tem é que dar a sposta	
			Às vezes até o tutor dá uma dcazinha, faz a gente raciocinar e a gente segue o raciocínio ...o raciocínio flui de uma vez				E às vezes a gente estava lá emperrado, só faltava uma dica, um estímulo, e nem sempre é pra confundir também não ... tem gente que fala que o	Rtss no grupo

Linha	Participantes	Categorias						Outros questionamentos gerais na condução da Roda / Citações sobre ocorrências e reações durante a Roda de Conversa
		RELAÇÕES COM O CURRÍCULO	AUTONOMIA DO ESTUDANTE	APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	APRENDIZADO EM E COM O GRUPO	SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA	SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR	

(conclusão)

							tutor está lá só para confundir e te levar para outro lado ...	
			Às vezes é só dar uma dicazinha que o pensamento flui na hora. Ajuda bastante mesmo.				Então eu acho que o tutor deve sim participar. Não deve dar as respostas, nem nada disso. Mas ajuda bastante quando ele estimula o raciocínio do aluno. Se não fica uma coisa muito perdida e não funciona também. Então a participação do tutor é fundamental.	
298-300	E10					Principalmente no primeiro período, né? Que a gente é muito novo, não conhece.	Então tudo que o tutor estimulava, fluía muito melhor. Ficava muito mais produtiva a Tutoria quando ele ajudava um pouquinho.	
301-305	EB						No começo, eu fiquei duas semanas com uma tutora, mas ela não falava nada.	

Fonte: Autor, 2014.

Nota: Este é um trecho do material, sendo que os Mapas Dialógicos completos possuem as transcrições integrais das duas Rodas de Conversa, com valorização da Interanimação Dialógica.

## APÊNDICE C - REPERTÓRIO LINGUÍSTICO NOS DIVERSOS GRUPOS DE SENTIDOS

### REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 1

(continua)

RELAÇÕES DA TUTORIA COM O CURRÍCULO
RELAÇÕES ENTRE A SALA DE AULA E A TUTORIA: A sala de aula associada a termos como "Esquece, memoriza, decora, não associa, desenrolar de algum jeito, receber tudo pronto, ". A tutoria associada a termos como: "aprendizagem, estímulo, prática, aprofundar, capacidade criativa e até lúdica, aprende mais e mais fácil, a gente crie, deixar mais livre, invente o caminho e vai mais fundo, amplia mais, sedimentar o conhecimento,, desafio, debater, despertar, surpreender". Talvez aí a riqueza de um currículo híbrido... os repertórios surgem a partir desta relação entre sala e tutoria. São espaços diferentes, mas não precisam ser opostos, tampouco complementares. As relações entre sala e tutoria produzem múltiplos sentidos. Deixar para a última hora o estudo da Tutoria é citado, pois a prioridade são as aulas. "Eu vi isso na Tutoria. Nunca acontece de a gente dizer: eu vi isso na aula de ...". Há uma citação de que o aluno aprende pouco com o PBL.
a gente chega na faculdade a gente muitas vezes esquece ... mesmo se já viu na aula, na Tutoria antes.
A gente vê uma doença ou assunto em sala, vê algumas características, memoriza e decora para uma prova, mas quando você chega na Tutoria, você vê a mesma coisa e às vezes não associa. Como se chegasse na vida real e esquecesse a sua decoreba de sala. Aí te força a ...tipo ... despertar para isso.
Acho que tem que passar por isso mesmo ...eu mesmo achei que não conseguiria passar, mas foi muito importante para mim.
Agora me veio uma questão que eu acho que é interessante compartilhar com vocês. É que eu tive Tutoria também na minha graduação ...até o quarto período. E eu participava muito.
A gente fica muito próximo desse processo de vocês ...aprenderem e a gente também aprender
Ah ...a Tutoria eu deixo para última hora ... será que sou só eu? Daí quando a gente conversa assim a gente vê que muita gente deixa.
Aí eu sempre tento desenrolar de algum jeito. Eu tento estudar os dois e acaba dando certo. Mesmo que não fosse do jeito que eu queria.
Até porque é um estímulo maior para a gente levar para a prática, porque às vezes você até viu algo na aula, mas você não gosta da aula daquele professor. Ou você nem está com cabeça para assistir aula. Ou você não está com cabeça só para ler aquilo
E aí fica muito mais fácil de a gente aprofundar, porque a gente já sabe o básico. Então é um aprofundamento do conhecimento, extremamente importante e a gente aprende isso na Tutoria.
Diferente de quando a gente está decorando algo.
E é ótimo, porque um dia você precisa olhar, estudar de novo, é muito melhor. Aí você consegue integrar mais. Ever tudo que você viu naquele dia com aquele mapa mental. Pelo menos eu sou assim.
E eu, no meu caso, desde o cursinho eu fazia mapas mentais. Que eu acho que é você amarrar tudo que você acha de importante numa folha só.
E foi bom ver o pessoal que está mais na frente e ver como a experiência da Tutoria é boa.
E passei depois disso, um ano, que foi o segundo e terceiro período, adorando Tutoria. Por mim eu estou super triste que vai acabar. Porque tipo assim, eu vi o que eu tinha errado no primeiro período e vi o que eu tinha que melhorar no segundo período.
É uma coisa que você precisa ter tido a oportunidade de colocar as suas cartas na mesa. Para você poder escolher as que você quer usar. Para você saber o que é realmente mais importante.
É uma forma tão criativa que acaba fixando, de um jeito ou de outro. E você fixa.
E você acaba aprendendo mais e mais fácil.
E na Tutoria, a gente tem a possibilidade de desenvolver a nossa capacidade criativa e até lúdica.
Ele começava a falar de algo que precisava, daí ele ia longe. Ele passava por um objetivo, por dois, por três ...e ele lá no quadro, falando de tudo isso ... risos
Ele dava tipo aula mesmo ...
Então, é isso que eu acho, não falando que essas faculdades não são boas, mas que muito aluno aprende pouco com o PBL.
Então, quem acha que ficou algo a falar, que possa se colocar agora. A gente vai ter outra oportunidade quando a gente se reunir no semestre que vem, mas quem está pensando em algo hoje e quer dividir com os outros, esse é o momento.
Eu acho que deixar mais livre é melhor para cada um conseguir se adequar as suas características.
Eu acho que você está preparado e eu também estou. Acho que a gente vai aprendendo com o tempo. Hoje mesmo a gente já sabe os significado das palavras, dos termos desconhecidos.
Eu confesso que eu fiquei morrendo de vontade de falar bastante ...risos.
Eu quero comentar um caso que aconteceu comigo na Tutoria, porque tinha um menino que sempre queria dar aula.

Fiquei com vontade de falar do meu entendimento da Tutoria.
Geralmente você sempre fala: Eu vi isso na Tutoria. Nunca acontece de a gente dizer: eu vi isso na aula de ...
Isso faz com que a gente crie, que a gente invente o caminho e vá muito mais a fundo do que apenas o caso. Muitas vezes a gente sai do caso e amplia mais. Outras vezes tem pessoas que se limitam ao caso. Então envolve muito disso, da capacidade criativa.
Já na síntese não, você coloca o que é essencial e fica mais fácil de você lembrar. Se alguém te pergunta algo depois você geralmente lembra bem. No portfólio você já não lembra direito, porque tem muita coisa escrita, eu acho que essa parte do conhecimento ...de aprofundar, de sedimentar o conhecimento com a síntese é bastante interessante.
Mas aí foi assim, eu não conseguia fazer isso rápido. Passava a semana todinha estudando e só deixava algumas coisas (Tutoria) para a última hora. E acho até que isso acontece com todo mundo.
mas para estudar a gente tem que saber o que é mais importante para estudar a doença. Então talvez esse seja o maior desafio da Tutoria.
Mas quando eu debati na Tutoria, a gente despertou mais interesse e curiosidade.
mas realmente quando acontece você acha interessante.
Mas uma coisa que eu acho importante também é a criatividade.
Mas uma pessoa que tenha mais segurança ...é como quando você está estudando para uma prova e que vai ser do assunto todo ... aí você chega na véspera, bate aquela ansiedade e você vai pensando que isso eu não sei, isso também não ... e pronto, você se perdeu por você mesmo.
Não sei se de todo mundo foi, mas no nosso caso os últimos três casos foram entrelaçados. Foi uma história, de uma pessoa em comum ...
O aluno está acostumado a receber tudo pronto. Ele está acostumado a assistir uma aula e acabou, sem ter que estudar em casa. Ou então, chega em casa e vai estudar aquele capítulo que o professor mandou estudar. Ou mesmo que não tenha a indicação do professor, mas tem exatamente o capítulo daquele assunto que foi dado na aula. Um exemplo: tem uma aula de BCM (Biologia Celular e Molecular), ele vai lá, pega o livro desse assunto, encontra o que o professor deu na aula.
Pensa porque isso aconteceu e qual a relação com o que você já sabe... e já fica explicando que vai ter esse sintoma e aquele, de depois, quando você vai pesquisar, você percebe que muitas vezes sabia só o básico mesmo.
Puxando um pouco para outro lado, eu acho que entra nessa história de sempre tentar buscar o específico ...por exemplo, está com dor-de-cabeça ... tem que procurar um neurologista; está com uma dor no estômago ... tem que ir no gastro; não é sempre assim.
Tem horas que tem que dar prioridade a alguma coisa e eu sempre fico meio dividido ...pesquisei mais a Tutoria ou estudo mais para a prova? Como eu sou um pouco perfeccionista, eu não gosto de me doar pela metade, então eu fico querendo me cobrar mais, querendo fazer as duas coisas perfeitas. E acaba que eu me cobro muito e eu acho que essa também é uma das dificuldades.
Você ainda está com aquele assunto bem ...fresquinho na cabeça e acho importante porque você consegue captar o principal,
Para mim foi importante para encerrar um ciclo. A Tutoria foi algo que me surpreendeu ...
E o que a gente quer é tirar dez na prova.
O que acontece é que nas matérias em geral a gente tem uma determinação sobre o que é para ser estudado.
INTEGRAÇÃO DA TUTORIA COM O RESTANTE DO CURRÍCULO: Trazem aspectos da cronologia curricular: sugerem que quando a Tutoria é mais potente (o negócio flui rapidinho) quando está relacionada com os assuntos dos outros módulos: Usam as expressões como relacionado às matérias; atrelada aos assuntos; ligado ao aprendizado da sala de aula;
Demonstram pensar que o PBL em todo o currículo poderia não funcionar bem: ela sozinha eu acho que não funcionaria bem; só o PBL não seria tão proveitoso - e defendem um currículo híbrido: não tem que ser só PBL e não tem que ser só aula;
Alguns estudantes citam com pesar o fim da tutoria após o terceiro período: vão ser só saudades porque não vai ter mais tutoria depois do terceiro período; sofrendo com isso; a gente está se despedindo
Eu acho que a Tutoria deve sim estar atrelada aos assuntos que são vistos em sala nas outras aulas, porque facilita muito. Por exemplo, um caso que a gente teve neste semestre, de colelitíase, nós tivemos a aula antes sobre o assunto. Daí o negócio flui rapidinho.
Mas agora na faculdade é principalmente para você fechar, sempre relacionado ao assunto que a gente está vendo. Por isso é tão importante quando é relacionado às matérias que a gente está pagando.
Isso é importante ligado ao aprendizado que se tem nas aulas da sala, dos assuntos, porque faz você pesquisar em outras fontes.
Mas eu acho que ela sozinha, sem o auxílio das aulas, como é o que acontece aqui na faculdade, eu acho que ela talvez não funcionaria bem, não para todo mundo, mas para muita gente.
Eu acho que por isso, quando a Tutoria está relacionada as aulas da faculdade, às aulas mais comuns, tudo associado, possibilita aos estudantes que não tem essa responsabilidade aprender bem.
Acho que se você chegar na faculdade e se fosse só tutoria, só PBL, eu acho que não teria este mesmo estímulo. Isso para parte dos alunos.
Você vendo assim o histórico, você vai ver que o PBL foi implantado acho que em Marília e depois na UEL, eu acho, e você vê que depois caiu o rendimento delas, no escoro que faz todas as faculdades.
Isso quando é só PBL, né? Simplesmente o PBL.
Eu acho é que aí é que entra a questão de relacionar com os assuntos que a gente teve
Então quando chega na tutoria, correlacionando tudo, inclusive com o assunto que a gente estudou

(conclusão)

Mas eu também acho válido o que E4 falou na questão de ser só PBL, porque eu acho que são métodos que se complementam, eu tenho a impressão de que nenhum dos dois é bom sozinho. Nada é bom sem ajuda de outros métodos. Eu acho então que um complementando o outro é muito bom. O PBL complementando.
Para mim eu acho que a Tutoria é um aprofundamento. E acho importante que seja atrelado aos outros assuntos por isso. Acho que não tem que ser só PBL e não tem que ser só aula. Por que o quê que acontece? A gente assiste uma aula e acaba tendo um conhecimento básico do assunto. Ai na Tutoria é que a gente começa a aprofundar o assunto.
Mas eu acho que só o PBL, sem essa base prévia, eu acho que não seria tão proveitoso, como eu acho que é hoje
Só que eu acho que talvez o curso pudesse ter mais aspectos próximos, parecidos com o PBL, no restante do ensino, não só na Tutoria. Mas também não só PBL, nem só aula.
Eu acho que entre P2 e P3 vai ser traqu coasto, porque já é mais parecido com a realidade que a gente vive, então vai ser mais ou menos como nessa etapa. E vão ser só saudades, porque não vai ter mais tutoria depois do terceiro período.
A gente é que está sofrendo com isso (fim da Tutoria). Vocês ainda tem um semestre.
quando você não tem nenhuma aula prévia, e aí é que entra a importância de estar ligado ao que você vê em sala de aula.
Teve uma Tutoria agora há pouco, que foi sobre úlcera gástrica, e estava falando lá que ele tinha ... não, na verdade foi a de cálculo biliar .. como é mesmo que diz ... falava que estava com fezes claras, e a gente já tinha visto em sala que isso poderia ser obstrução, ou lesão hepática, ou algo do gênero, então aí a gente já sabia suspeitar, já sabia por onde começar.
Então por isso que eu acho que essa ligação entre o que você vê na sala e o que você vai ter na Tutoria é importante... que você veja antes alguma coisa sobre o assunto que você vai ter na tutoria
Em relação a isso que ele (Mau) falou, tudo que envolve aquilo que você já viu em sala para gente já flui muito melhor,
Eu acho que até o conhecimento prévio, que parece que não, mas diminui o medo de errar, porque até o conhecimento com a aula prévia estimula mais ainda.
A gente até sugeriu para o tutor que isso acontecesse mais vezes. Talvez até com uma família. Poderiam entrelaçar mais os problemas. Foi muito interessante. Parecia uma novela!
Eu então acho essas ferramentas de fundamental importância.
É a última dificuldade que eu pensei foi a de conciliar ...conciliar a Tutoria com os outros módulos.
que não vai ter tutoria no quarto período, a gente está se despedindo mesmo.
COMPARAÇÕES ENTRE OS PERÍODOS DIFERENTES DO CURSO: Falam das diferenças entre o aluno iniciante e o que está nos próximos períodos: geralmente o iniciante é associado a dificuldade ou ao desconhecimento: isso acontecia mais no P1: disseram que era novo; dificuldade de iniciante; nunca tinha ouvido falar; acho importante ver a evolução; os pensamentos são diferentes em cada período.
Inclusive no P1 isso acontecia mais.
Comigo, no começo, eu gostava muito da proposta ...
Pelo visto não foi só para a gente isso. Mas é que disseram que era novo...
A minha dificuldade foi o portfólio, porque na verdade no início a gente não sabe e tem uma dificuldade de iniciante mesmo.
E eu acho que essa etapa acontece mais no primeiro período,
Risos no grupo ... Alguns dizem ...eu não me identifiquei com embriologia ... com embriologia não ... mais risos
Eu tive isso tanto no meu primeiro período, como agora no meu terceiro, e, para mim, ficou marcado, tipo, é uma coisa que eu quero poder fazer um dia.
Eu acho que foi no segundo período. É muita gente do meu grupo não sabia nem o que era, nunca tinha ouvido falar.
Acho importante ver a evolução, comparando o primeiro, segundo e terceiro período.
Daí a partir do segundo período eu fui me habituando muito à metodologia.
Enfim, é muito bacana porque os pensamentos são diferentes em cada período.

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 2

(continua)

AUTONOMIA DO ESTUDANTE
<p><b>APRENDIZADO CENTRADO NO ESTUDANTE:</b> Aparece muito que a responsabilidade do estudante sobre o seu aprendizado colabora na sua busca e, apesar de certa insegurança, isso favorece a construção do seu aprendizado. Também é citada certa preocupação em saber se o estudante está preparado para ter essa responsabilidade.</p> <p>Eu acho que a Tutoria coloca muito a responsabilidade do aprendizado no aluno</p> <p>Então eu acho que a responsabilidade que colocam em cima do aluno para o aprendizado é importante, mas é preciso saber se o aluno está preparado e tem essa responsabilidade de construir o seu conhecimento.</p> <p>Eu vejo muito essa autonomia também, como o Maurílio falou, porque fica com a gente a responsabilidade de buscar e saber se aquela informação que você tinha era realmente o que você estava pensando</p> <p>Um ponto que eu também acho importante é o da responsabilidade do aluno, logo no início.</p> <p>Falo por mim que na primeira Tutoria eu era um desastre! Eu não acompanhava bem. Eu me sentia bem atrás dos outros alunos. Não funcionava para mim. Eu fui pegar o espírito da Tutoria mais no final.</p> <p>E, acho que o mais importante, é ter que ter responsabilidade sobre as suas coisas. Então eu acho que mesmo que você se sinta inseguro, meio perdido no primeiro contato, acho que com o tempo, a avaliação do tutor, te faz ter mais responsabilidade e ser mais organizado com as coisas.</p> <p>Para mim foi um pouco assim. Acho que foi até bem mais tranquilo. Mas acho que nem todo aluno está preparado para isso.</p> <p>Então eu acho que é esse o problema. Nem todo aluno está preparado para ter essa responsabilidade de usar uma boa fonte.</p> <p>Talvez você teria. Não sei se a maioria conseguiria acompanhar e aprender bem se fosse só Tutoria.</p> <p>Isso foi associado ao aluno, mas também a capacidade do aluno ter responsabilidade para estudar e buscar seu aprendizado.</p> <p>A gente viu Vanessa, Carla e Kelly falando de uma praticidade, de uma experiência bem prática. E no início a gente viu Matheus, Felipe e até eu mesmo tivemos uma experiência de se cobrar mais, de ter que escrever mais no portfólio.</p> <p>M: Eu acho que a importância do erro é mais no sentido de a gente se cobrar. Pelo menos comigo isso acontece. Quando eu erro ...e vejo lá que está errado.</p> <p>Aí você se cobra mais, estuda mais a fundo para nunca mais errar aquilo. Pra mim funciona assim. E a partir dali começa a analisar melhor os assunto e aí está a importância de errar.</p> <p>Mas um exemplo, a primeira tutoria neste semestre foi de pelagra ...daí a gente foi para um hospital, em outra atividade da faculdade, acho que foi da semiologia. Era para treinar anamnese. Começou a fazer a história do paciente e quando chegou no interrogatório sintomatológico aí um olhava assim para o outro e era igual ao caso da Tutoria da gente ... a gente tinha visto há pouco e se a gente tivesse pulado alguma besteirinha ali, a gente podia ter passado despercebido</p> <p>Eu queria ajudar de alguma forma. Aí a pessoa se cobra ainda mais.</p>
<p><b>RAIOCÍNIO E PROBLEMATIZAÇÃO:</b> Nesse conjunto, aparecem muitos termos (entre eles vários verbos) relacionados ao aprendizado por descoberta e a forma problematizadora de pensar, como indagar, raciocinar, opinar, contrapor, arriscar, investigar, perguntar, levantar uma hipótese, articular as ideias, desenrolar as ideias. "Por que aquela pedra está em tal canto?" Também aparece uma compreensão do aprender de forma construtiva e não de transmissão: não tem a resposta pronta, aprender a filtrar, o raciocínio flui de uma vez, no caminho certo. Sugere também o aprender a partir das necessidades pode gerar uma expectativa que estimula a busca, como em: fazer hipóteses, certa expectativa. O que será que vai acontecer?, curiosidade, caminho não tão determinado, nosso caminho.</p> <p>Porque a gente tem a oportunidade de seguir o nosso caminho, não tão determinado, mas a partir das nossas indagações e curiosidades.</p> <p>Eu acho que estimula muito o raciocínio diagnóstico.</p> <p>Eu acho que é muito interessante, a gente aprende bastante. É muito legal ter que descobrir, todo mundo ter que investigar o que é. Raciocinando.</p> <p>Eu achei muito interessante e gerava uma certa expectativa. O que será que vai acontecer?</p> <p>E todo mundo na sala já ficava. O que será que vai acontecer?</p> <p>Mas não é todo aluno que está preparado para ele buscar por si só. Isso não é uma coisa da faculdade. É uma coisa da formação dele.</p> <p>Às vezes até o tutor dá uma dicazinha, faz a gente raciocinar e a gente segue o raciocínio ...o raciocínio flui de uma vez</p> <p>E a questão de deixar o aluno livre, do grupo ser menor, de você poder ir jogando uma tempestade de ideias, eu mesma nunca tinha feito isso ... de fazer tempestade de ideias.</p> <p>Quem se cobrar muito vai aprendendo a ser mais prático. E quem é muito prático, vai aprendendo a ser mais específico, para suprir detalhes que talvez tenha esquecido</p>

<p>E aí eu queria só problematizar mesmo, eu sinto que como tutora, no fechamento, os alunos participam muito mais, por terem estudado em várias fontes.</p> <p>O que o livro diz é o que está certo, então quando eu chegar no encerramento eu já sei muito mais. Então, como tutora, o que eu sinto é que os alunos ficam muito mais travados, não sei se por medo de falarem uma besteira, ou às vezes falta criatividade... algo que eu ouvi bastante hoje aqui.</p> <p>É o que eu estava falando mesmo. Na abertura a gente realmente fica mais travado.</p> <p>mas um caminho para o raciocínio,</p> <p>Mas na abertura, para estimular os objetivos,</p> <p>Porque quando você chega na Tutoria e já é algo que você viu alguma coisa, você já sabe que você pode opinar, você sabe que você não está falando besteira.</p> <p>Para levantar uma hipótese tendo como base algo que você já tinha tido. Você tinha alguma segurança. Porque fica bem difícil você chegar para uma abertura, sem saber nada porque ele não tem a resposta pronta.</p> <p>porque já teve uma Tutoria que a gente teve uma pergunta - foi até a última - porque a gente conseguiu fluir e responder tudo, conseguiu explicar tudo na sala,</p> <p>Por quando você seguindo um raciocínio e a tutora fazia este gesto, já me estimulava a continuar porque eu devia estar no caminho certo. Então você acaba forçando mais, relacionando com mais alguma coisa, indo mais além ... e o outro já vem e diz que pode ser isso, ou aquilo, então eu acho que essa questão de ...</p> <p>porque como eu disse, no fechamento é mais levar o que a gente estudou mesmo ...</p> <p>Agora, a partir do momento que contrapõem, que você viu o outro lado, e que o outro lado é que era o certo, acho que isso fica mais sedimentado. Então isso que eu acho que é importante arriscar na abertura, entendeu? Porque você errando e você enxergando depois o lado certo no encerramento aquilo ajuda a sedimentar melhor.</p> <p>Alguma palavra aí no texto que você consiga relacionar com algum assunto? Tentar sempre tirar algo do texto, alguma vírgula, ou alguma outra coisa importante. A gente sempre tentava esmiuçar muito.</p> <p>Porque você já tem algum conhecimento e aí você quer avançar mais, ir mais fundo ... e aí começa falar que é isso, "porque a pedra está em tal canto" ... aí você vai além da aula, começa a criar suposições, relações.</p> <p>quando a gente chega na abertura, é realmente isso que Carol falou, que é a insegurança. Mesmo que você saiba ... ou que você suponha, mas a insegurança predomina. Porque eu prefiro ficar na minha, do que falar muito e acabar me perdendo nas minhas próprias palavras.</p> <p>Quer dizer que a suspeita é de refluxo e ele não passou. E aí você começa a se interessar e pensar: Por que será que ele não passou esse exame? Talvez porque esse exame não seja no início.</p> <p>Porque a gente começa fazendo por perguntas ... então a gente começa fazendo o portfólio respondendo pergunta por pergunta. Eu eu vejo isso com a menina que mora comigo que é do P1</p> <p>E adorei a síntese e quero fazer para o resto da vida!</p> <p>Porque de falar, de indagar, de fazer hipótese, eu nunca tive desses problemas. Acho que as vezes eu falo até demais.</p> <p>você começa a perceber onde é melhor para colher cada tipo de informação. Isso é muito difícil. Além do que às vezes um artigo diz uma coisa, o outro diz outra coisa, e daí a gente vai percebendo que tem muitas respostas mesmo, então a gente tem que aprender a filtrar.</p> <p>Quando alguém vai redigir aquela questão a gente tem que ler e parece às vezes, alguma coisa, como uma úlcera, mas o paciente tinha dor nas costas ... e aí a gente já pergunta: mas o que é que tem a ver úlcera com dor nas costas? Aí a pessoa que redige também pensa numa relação.</p> <p>Exatamente! Isso ajuda às vezes a desenrolar uma ideia.</p> <p>E por já terem mais experiência, elas sabem mais dos termos desconhecidos, mesmo não sabendo a fundo. Mas isso facilita para elas discutirem no grupo e isso atrapalha um pouco.</p> <p>Porque se não ele já lia e ficava falando tudo o que era ... e isso atrapalhava o grupo a pensar.</p> <p>Eu acho que a gente vai viver muito isso na prática.</p> <p>o pensamento vai se desenrolando e sendo aprofundando ... você até descobre alguma coisa.</p> <p>eu já tinha esse hábito de estudar discutindo questões. Só que eu tinha dificuldade de ... eu tinha o medo, que vocês falaram ... de insegurança de levar para o grupo o que eu tinha estudado.</p> <p>Eu era meio que "a estrela" no primeiro período. Eu levava um monte de coisas. Lembro que tinha uma vez que a gente tinha que discutir as fibras musculares, actina e miosina, e eu montei uma cartolina com várias informações ... risos ... lembro também que a gente teve uma fratura de colo de fêmur, daí eu levei também um monte de coisas... fiz uma vez em massinha o colo do fêmur. Eu era a ... no primeiro período eu dava um show</p> <p>Eu achava difícil articular as ideias.</p> <p>Aí na história tem uma fita vermelha ... daí vem o questionamento: o que é que tem a ver a fita? A mulher não sentiu dor no infarto ... o que é que tem a ver? Aí às vezes no final a gente percebe que realmente não tinha muito a ver com a questão, porque a gente tem que pegar as características principais daquela situação ... daquela doença</p> <p>Não só na Tutoria, mas como pensar, como elaborar, como ter dúvidas. Ajuda em muita coisa... dá o norte para muita coisa.</p>
--

(conclusão)

MELHORIA DAS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS aqui, você pode destacar as competências e habilidades que vão compor o repertório: falar; pensamento fluir; objetividade (texto mais curto); saber buscar informações (procurar artigos, fontes seguras de estudo, pegar o livro, pesquisar antes, fonte confiável, artigos de revisão; livro certo, artigo certo, ); humildade; limitações: entender por que errei fica pensando (por que será que eu falei aquilo ... não tinha nada a ver); disposto a errar; um tapa para você aprender como é que você devia aprender, estudar, questionar. Aprender equilíbrio, poder debater, poder enxugar e sintetizar. O livro sabe e eu não sei; Explicar de outra forma;
Às vezes a única coisa que uma pessoa saberia para falar ...vem o formado e fala ... já aconteceu comigo ... eu só sabia aquilo daquela situação ... risos
Às vezes é só dar uma dcazinha que o pensamento flui na hora. Ajuda bastante mesmo.
Dáí eu fui aprendendo a ser mais ...a ter um texto mais curto e conseguir dizer todas as ideias nele. Eu fui desenvolvendo essa habilidade ao longo do tempo e ...eu ainda sou boa para escrever tudo ... risos
Acho que no primeiro período tem muito isso de a gente querer procurar artigos,
Agora algumas coisas que me chamaram bastante atenção foram algumas coisas que alguns falaram, lembro de Caio, Carla, é com relação às fontes seguras de estudo, né?
ai depois eu fui começando a perceber que também precisava pegar livro, porque lá as coisas estavam mais organizadas, mais didáticos, e associando aos artigos. Então hoje eu estudo pelos dois caminhos, tem coisas que eu acho melhor pegar no livro, tem coisas que eu prefiro nos artigos...
Às vezes a pessoa fica meio sem querer compartilhar muito porque ainda tem muita dúvida ...daí prefere pesquisar antes.
Até o ponto que eu acho que tem muita gente que não vai buscar uma fonte confiável. Dá para só colocar no google, ver o que aparece, levar para a Tutoria e já resolve o estudo.
Depois isso tudo foi melhorando, fui aprendendo que existem os artigos de revisão, aí foi melhorando e tal e a partir do segundo período mesmo que eu comecei a pesquisar bem mais tranquilo as diferentes informações... pegando o livro certo, o artigo certo, daí isso tudo junto fica uma pesquisa bem melhor... e não fica tão embolado, como ficava antes.
A medida que os obstáculos vão se confrontando com esta visão, com a nossa inteligência, com a nossa capacidade cognitiva, a gente sente a necessidade de pesquisar mais, que é o que Maurílio estava comentando. Por que a gente pesquisa mais depois? Porque a gente percebe que a gente não sabe todas as coisas que a gente acreditava quando passou. E aí tem a questão da humildade. A gente aprende que temos limitações como alunos e que ser médico é um desafio maior do que a gente pensava
Acho que dá para falar algo mais ou menos assim: Será que você não consegue explicar de outra forma?
e acho que isso melhoraria muito o fluxo de pensamento que você sente quando é seu primeiro contato com o assunto.
e agora já estou falando muito, conseguindo dar minhas idéias, minhas opiniões, e agora eu vejo que foi muito válido.
E daí já vou tentar entender porque eu errei, porque eu falei errado. Aí o "cabra" vai, pesquisa mais e às vezes fica até bravo com você mesmo ...fica pensando: por que será que eu falei aquilo ... não tinha nada a ver.
E aí a gente vai fazendo, vai se questionando e aprendendo. Isso é uma coisa muito boa! Então eu acho que as ferramentas que ela usa, principalmente a síntese, eu acho muito importante.
Agora, uma coisa que ajuda muito quando você está disposto a errar, quando você tem segurança de poder errar.
E os livros todos que tem na biblioteca, vocês não usam?" E eu fui me dando conta que eles tinham muito a me oferecer, que estavam disponíveis, mas que a gente tinha que pesquisar antes ... não adiantava chegar na última hora e querer ir para a biblioteca na noite anterior ... Nos livros a gente tem muita informação boa e tem muito artigo que nem tem tanta qualidade assim.
Foi para mim meio que um tapa para você aprender como é que você devia aprender, estudar, questionar.
E vai enxugando naquilo que a gente ainda não sabe. Porque tem coisa que a gente já sabe, mas tem dúvidas.
Eu acho que são etapas do conhecimento. Eu acho que é do mesmo jeito de quando a gente é criança tem que ter primeiro aquela noção geral. Então tem o primeiro passo, que no nosso caso seria o portfólio. Então é uma forma de expressar tudo que você viu, mesmo que você fuja um pouco. Porque você precisa até passar por isso para você saber o que é realmente importante e começar a enxugar, que é o que acontece no segundo período.
Então eu acho que essa é uma dificuldade, a de associar as características mais importantes, mas muitas vezes as características que aparecem na situação nem sempre são as mais frequentes, ou as principais,
Então o portfólio me deu a base para pesquisar mais assim, porque eu queria colocar sempre mais.
Então todo esse crescimento e evolução vai aos poucos e eu acho que a Tutoria propicia um ambiente para que a gente tenha essa humildade.
Então, o que acontece. A gente vai vendo que a gente vai equilibrando.
Falava para a gente pensar sobre algum ponto, sobre algo que a gente já sabia.
Para mim o principal foi aprender a fazer pesquisa já no primeiro período. Todo mundo falava: ah, tem que ler artigo científico e tal, mas eu não entendia o que era isso. Aí eu começa a pesquisar os negócios e às vezes tem coisas bem simples na Tutoria, às vezes só o significado de um termo ou outro .. e aí é difícil você colocar um sintoma e tal e achar um artigo sobre aquilo.
Só que eu acho que às vezes isso é um pouco da ideia do aluno de pensar que o livro sabe e eu não sei.
Tomar cuidado com a medicina de "orelhada", aquilo que você escuta que é bom, ou não é, falado por outras pessoas, mas nunca foi ler a evidência. Isso não pode acontecer. Você tem que sempre estar embasado. Tem que estar respaldado até em defesa própria.

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 3:

(continua)

APROXIMAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA	
APROXIMAÇÃO COM O FUTURO AMBIENTE DE TRABALHO: Falam que a Tutoria faz aproximação com as atividades futuras como médicos: antecipa situações que a gente vai viver daqui a alguns anos, no futuro a gente vai viver; vai cuidar de vidas, quando a gente for médico; quando chegar na realidade;	
Eu acho que a Tutoria meio que antecipa situações que a gente vai viver daqui a alguns anos, né? Como vamos, no futuro, discutir casos com os colegas, para que possa haver isso. É sempre bom um olhar, ver aquilo que você não viu	
Para saber que você está estudando para fazer aquilo de verdade. E te dá mais responsabilidade para a vida real, mesmo que você esteja só em sala de aula, com alguns colegas.	
Então... mas para confirmar isso a gente tem que usar fontes confiáveis, até porque aprender isso nessa fase do curso é uma forma muito didática de entender isso, que futuramente a gente precisa essas fontes confiáveis porque a gente vai cuidar de vidas, né?	
Então eu acho que a Tutoria é uma oportunidade de poder estimular a gente aprender a trabalhar com o que no futuro a gente vai viver.	
Cada um é fundamental, importante para o profissional que vai atuar no futuro. E a personalidade vai interferir, como no caso do esquema que a Kelly falou.	
Mas acontece, mesmo que a gente não veja no nosso dia-a-dia. E é a realidade que a gente vai enfrentar no futuro. Pode até ter casos meio absurdos, mas que normais, são bem comuns no dia-a-dia do médico.	
Vai lhe deixar preparado para o futuro, né?	
E caramba, imagina você não ter visto nada disso na faculdade e depois quando chegar lá na realidade não saber como agir. Você já nem vai ficar tão assustado, porque já ouviu falar, já viu uma história desse tipo.	
E acho que isso vale mesmo para o futuro, quando a gente for médico,	
Talvez tenha muito médico que não faz isso, que não consegue compartilhar, acha que sabe tudo, que acha que é superior, então acho importante a gente desenvolver isso.	
Acho que está bem associado esse fato de a gente ter esse primeiro contato com o portfólio e no segundo e terceiro com as sínteses, que é o que a gente vai fazer mais na frente como profissional.	
RELAÇÃO COM VIVÊNCIAS PESSOAIS: Neste conjunto, os estudantes trazem relações do aprendizado teórico com as vivências pessoais. Otm bastante problemas de saúde vivenciados pelos familiares e trazem termos que parecem aproximar mais das pessoas reais: fica mais real, torna-se mais interessante, já viveu aquilo, pra aprofundar mais, leva para uma pessoa. Outro ponto interessante, é que o conhecimento da Tutoria parece já ser utilizado por eles em atividades cotidianas: você se sente mais útil; já sou um pouquinho médica; fico um pouco tenso se acontece algo parecido com o que eu vi na Tutoria, leva para uma pessoa; deixa a Tutoria mais viva	
Ou às vezes é até uma doença que tem na sua família. Que é o que acontece muito nas tutorias. Geralmente alguém já fala: minha mãe tem, meu irmão tem.	
a gente vai busca pra aprofundar mais aquele assunto, como "aquela pedra na vesícula" que minha mãe tinha e quando eu vi na aula, eu nem liguei, porque era só uma doença.	
Eu acho também importante lembrar que tem algumas coisas que a gente vive assim na tutoria e...tem casos que a gente vê, estuda na Tutoria e a gente acha que não sabe nada e aí alguém começa contar alguma coisa que aconteceu na família e eu lembro de um caso que foi de diverticulite que teve.	
E eu tinha ouvido essa palavra com um tio meu, que ele teve uma crise de diverticulite, e eu começava na Tutoria a falar coisas que eu achava que ele tinha me dito. Sabe? Eu falei que fazia um buraco não sei a onde, e extravasa tudo...aí inflama a cavidade todinha...	
Então às vezes a gente acha que não sabe, mas já viveu aquilo. Isso é muito válido!	
Torna-se mais interessante também quando alguém conta que na família teve algo parecido. Aí o outro já fica mais ligado e fala de algo que viu em algum outro lugar, na família dele também. Eu tive um tio, minha mãe, minha irmã...	
Fica mais real, né? Parece que lhe tira dali da sala, daquele ambiente que você está cercado de professores, de colegas,	
e te coloca lá sozinho, mais próximo de como vai ser. E leva para uma pessoa...por exemplo, ela está aqui...	
É tipo assim, quando a gente traz para as experiências que a gente tem, no dia-a-dia, porque fulano teve, ou a vizinha, ou a irmã da empregada...tanto faz... você acaba trazendo para o seu dia de verdade	
A gente fica até um pouco tenso se acontece algo parecido com o que eu vi na Tutoria. Como um dia que eu estava no restaurante e uma pessoa do lado estava com suspeita de estar tendo um AVC. E eu já tinha estudado isso na Tutoria...	
Porque a pessoa se sente mais útil, né? Você vê uma coisa na Tutoria e...aí acontece isso e você. Caramba, o omeprazol tem que tomar meia hora antes do café da manhã...risos	
E eu tenho que tomar os 30 dias mesmo que passe, porque está recuperando lá a mucosa e você acaba sentindo mais onde você quer chegar no final do curso... já sou um pouquinho médica. Estou chegando lá, digamos assim. E você consegue orientar algumas coisas como tomar o remédio...olhe, pare de beber... faça a cirurgia que é importante... Então eu acho que você se sente mais útil.	
Nem sempre acontece de você ter a presença da doença, mas quando acontece...	
Por exemplo, eu...teve uma tutoria sobre refluxo e eu estava com refluxo. E eu fui me identificando com o problema e fui pensando, será que eu tenho refluxo? Eu estou sentindo isso mesmo...	

(conclusão)

Então fica muito mais...sei lá... mais viva a tutoria quando acontece isso. Apesar de não ter como se controlar essas coisas. Quando a gente estudou infarto, teve um tio meu que teve infarto e foi no mesmo local do que teve na tutoria e minha mãe ficava falando que quando ele teve tinha acontecido não sei onde... Ai eu nunca tinha tentado entender direito. Mas depois da Tutoria, comecei a perguntar mais, a ir atrás, tentar entender melhor o que tinha acontecido. Aprofunda mais, isso é bem interessante.
De todas as situações que a gente elaborou - lembrando que são todas situações reais vivenciadas pelos tutores, só que mais elaboradas para ficar mais interessante para vocês - e ele continuou: eu já não aguento mais fazer uma situação de tutoria e depois acontecer algo parecido comigo, já foram três vezes!
e é algo que não dá para controlar, se você vai ou não se deparar com aquela doença logo
<b>ABORDAGEM BIOPSISSOCIAL:</b> Algumas vezes foi citada a valorização das visões mais holísticas do processo saúde doença / para além do modelo biomédico: enxergar vários fatores que envolvem a doença: a família, os fatores psicológicos; olhando o lado do SUS, se encaixam na realidade do paciente; a oportunidade de enxergar os sentimentos das pessoas e criar uma sensibilidade; processo de humanizar; cada caso é um caso; Mas também trazem que os aspectos não biomédicos são mais difíceis de serem desenvolvidos: pensamentos ficavam travados quando envolviam temas sociais ou relacionados ao SUS Também é citada a formação mais especializada, reforçando que durante o curso o estudante já foca em uma especialidade: um vai ser pediatra, outro vai ser geriatra, ou vai ser gastro ... E a formação mais generalista: sem necessariamente buscar um especialista; médicos gerais do SUS
Acho que a Tutoria também disponibiliza isso. Acho que a partir da Tutoria eu consegui enxergar vários fatores que envolvem a doença: a família, os fatores psicológicos...e todo esse contexto
... eu acho que a Tutoria disponibiliza... ela não coloca só a doença em si, só os sintomas e sinais e diga qual é a doença. Ela não é só isso. Tem toda a parte de convivência familiar, toda a parte psicológica. A gente tenta também resolver os casos olhando o lado do SUS
e eu acho importante quando os casos envolvem a realidade do Brasil, quando envolve o SUS e quando a gente tem que ir atrás de exames que se encaixam na realidade do paciente. Também tem isso.
E outra coisa que eu acho marcante na Tutoria é questão de quando a gente lê e que fala da cultura do povo...uma história que a mulher usava uma fita vermelha na perna... em outra que a mulher estava com medo de estar grávida... a outra pessoa está preocupada porque não se cuidou. Quando fala isso, a gente tem a oportunidade de enxergar os sentimentos das pessoas e criar uma sensibilidade em relação a Tutoria que eu acho que é importante no processo de humanizar
em compensação teve outras em que os pensamentos ficaram travados, principalmente quando envolviam temas sociais, ou temas mais relacionados ao SUS. Eu mesma não sei nada, não tenho nenhuma base.
A gente está começando agora com o módulo de Atenção à Saúde, então a gente começa a ter experiências, mas quando envolvia temas assim, ficar super travado. Agora quando eram temas mais médicos, de coisas que a gente viu na sala, fluiu super rápido.
Porque quando a gente está lá na faculdade fica uma coisa muito restrita, às vezes. A gente esquece do mundo... esquece que o mundo está cheio daquilo ali e você às vezes não nota
E é aquela questão social do papel da Tutoria. Porque aqui, graças a Deus, todo mundo é privilegiado. Não temos muitas dificuldades que tem no mundo. Por exemplo, tinha casos em que a menina não sabia se estava com vermes ou estava grávida. E a gente pensa: Meu Deus, como assim?
Porque ninguém daqui vive isso. Acho que a gente nem sonha que isso acontece.
Gente, o que acontece, quando a gente passa em medicina a gente tem uma certa fantasia de que a gente conhece a medicina. A gente está tão animado que a gente passou que aí a gente pensa que a gente sabe.
mas são as daquela pessoa que passou por aquela situação. Então cada caso é um caso
Além disso, quando se fala da cultura do povo, a gente se torna um pouquinho mais humano. A gente pode ter uma percepção de como as pessoas vêem as coisas, como sentem, como pensam, acaba sendo muito legal isso
Eu acho que hoje em dia é essa a ideia do SUS mesmo, de ser multiprofissional, vários médicos, enfermeiros, odontólogos, psicólogos, tentando resolver um caso e eu acho que na Tutoria a gente discute junto e aprende muito a ouvir a opinião de outras pessoas.
um vai ser pediatra, outro vai ser geriatra, ou vai ser gastro... então cada um já tem mais aptidão para algum assunto.
A medicina dá condições de a gente resolver sem necessariamente buscar um especialista...eu acho que é isso que acontece com médicos gerais do SUS. E dá para a gente resolver muitos dos problemas das pessoas.

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 4:

(continua)

APRENDIZADO EM E COM O GRUPO
<p><b>CONSTRUÇÃO COLETIVA DO APRENDIZADO:</b> Falam do grupo como unidade: o grupo começa a conversar; o grupo vai pensando, todo mundo junto; Outro aspecto interessante é a forma colaborativa de se trabalhar com objetivo comum: vai aprendendo um pouquinho com cada um; cada um traz uma coisa nova; ouvir de um por um; construindo junto; em roda; pensar junto; pensar junto; junto é melhor; constrói o conhecimento com ajuda dos outros; cada um do grupo contribui com mais alguma coisa</p> <p>nunca vai saber de tudo sobre o corpo humano sozinho; passar o conhecimento para os outros; ninguém tinha medo de arriscar não (no meu grupo); quando fala besteira e quebra a cara, o conhecimento fica bem mais sedimentado. Exploraria a questão do aprender na relação com o outro, qualquer que seja este outro. Ou seja, esta figura, não necessariamente, é o professor... Trazem críticas aos estudantes que querem dar aulas para os outros, numa postura de transmissão de informação, desvalorizam o resolver o negócio sozinho, não querer ouvir, vomitar o conteúdo; Trazem que associado ao aprendizado está o ouvir, concordar, enxergar coisas e pontos diferentes, deixar o outro falar, dividir a experiência que cada um tem; debater</p>
O grupo começa a conversar, vai discutindo outros assuntos e facilita muito o raciocínio.
Mas daí, tipo, vai pensando, todo mundo junto. Formula questões, às vezes mais de dez, e algumas a gente vai conseguindo responder quando está trabalhando junto. Às vezes até a metade.
Mas em grupo o conhecimento aumenta. Aí termina a gente sabendo coisas que a gente pensava que não sabia.
A gente já até falou sobre isso um dia no grupo.
Como falaram. A gente vai aprendendo um pouquinho com cada um ... assim ... e no fim a gente tem uma síntese.
Cada um traz uma coisa nova que a gente só na aula nem vê.
o essencial de cada coisa, do que cada um falou. E aí cada um acrescenta alguma coisa a sua síntese e ninguém vai para o fechamento do caso já sabendo tudo, e acha que fechou sozinho. Mas você sempre vai ouvir o que outra pessoa disse, vai juntando com o seu, coisas que até mesmo você nem sabia.
O que o grupo precisa saber para fechar aquele caso.
daí o grupo começava a falar e não era a resposta.
Daí um ia falando, outro puxando um pouco mais, daí vai ficando mais claro, todo mundo vai pensando junto e isso tudo ia fluindo.
De ir colocando no quadro tudo que vem à sua mente e depois daquilo ver o que o grupo quer saber.
Principalmente quando a participação do grupo e do tutor estimula esse raciocínio ...o assunto fica mais sedimentado.
É para estar em roda, junto com todo mundo, construindo junto. Não sei, é tenso isso.
Só que isso, só se o grupo estiver fazendo junto, né? Alguém vai para o quadro para escrever pelo grupo, pensar junto ...
algo que ilustre o que o grupo está discutindo. Isso é legal, mas tem que ser com o grupo todo.
Lembro uma vez que a gente estava discutindo o trajeto de artéria e veia e o tutor pediu para desenhar no quadro e todo mundo foi construindo junto. Isso foi muito legal. A gente aprendeu muito porque todo mundo foi falando
Outro ponto que eu queria chamar a atenção assim e que Felipe falou, mas acho que naquela hora a gente não deu muita atenção, é o fato de na Tutoria a gente trabalhar como uma equipe. Como se fosse uma equipe de vários tipos de médicos, pensando em um caso.
Você constrói mesmo o conhecimento com a ajuda dos outros
Mas junto é melhor.
Então isso é muito interessante, porque você está lá, conversando com o outro, discutindo, daí você diz um negócio e cada um do grupo contribui com mais alguma coisa
A gente nunca vai saber de tudo sobre o corpo humano sozinho, porque a gente vai se especializar em uma coisa. Isso a gente aprende agora. Cada um tem uma aptidão para uma disciplina, é bem diferente.
É bem diferente de a pessoa querer passar todo o conhecimento para os outros. Para mostrar que sabe.
Acho que a abertura flui mais. E ...com certeza, eu acho que a gente vai levar isso de que o livro tem mais coisas seguras a nos mostrar, mas eu aprendi isso, assim, que na abertura, pelo menos nos meus grupos, ninguém tinha medo de arriscar não. E quando a gente fala uma besteira e depois quebra a cara, o conhecimento fica bem mais sedimentado.
É importante intervir porque não é para estar lá em pé, ensinando os outros.
Eu acho que se pode fazer isso ...é legal ir para o quadro.
Eu acho que você pode falar pelo menos assim: Ah, eu vi no mesmo lugar que você. Concordar. Pra não ficar repetindo tudo de novo. Ah, eu também acho isso ou entendi isso. Vi um mesmo artigo ... São formas de participar também, mesmo que outro já tenha falado

Eu gostei bastante. Gostei bastante de ouvir, porque como eu estou no primeiro período, gostei muito de ouvir as experiências do pessoal. Tem coisas que agora eu vou até reparar mais
Isso eu acho bastante interessante na Tutoria porque mesmo que o caso seja o mesmo, as pessoas conseguem enxergar coisas e pontos diferentes no mesmo caso.
Isso, pode ser como um relator, mas pode ser também como no encerramento, quando alguém estudou algo e quer fazer um gráfico ... um desenho ...
Eu pegava um artigo que tinha muita coisa e quando chegava na hora de compartilhar, de usar mesmo as informações que eu tinha encontrado, eu não conseguia fazer isso.
Com muita dificuldade para ser mais objetivo e conseguir compartilhar melhor as coisas, fazendo mais sentido o que eu estudei.
Já ajudou o grupo que não sabia nada naquele momento. Pelo menos o local onde acontecia eu já consegui ajudar em algumas coisas.
Por que geralmente a gente quer resolver o negócio sozinho ... quero falar isso, mas não quero ouvir o que o outro acha.
porque eu acho que muita gente que está lá na hora da Tutoria e percebe que falou pouco e começa a achar que tem que falar tudo que estudou.
Porque todo mundo pesquisou muita coisa parecida.
principalmente no fechamento da situação, porque tem gente que vem querendo vomitar todo o conteúdo que estudou em casa e não deixa os outros falarem. Parece que quer dizer tudo, tudo que pesquisou e não para. Acaba se tornando um chato.
Tem gente que já na primeira pergunta já quer falar tudo que estudou. Já está lá no diagnóstico já! Já chegou lá no plano de cuidados, que normalmente é a última questão.
Tinha momento na Tutoria, como em um objetivo ou outro, que eu falava bastante, mas daí no outro eu deixava outra pessoa falar e aí no final eu pensava o que é que eu ia falar.
Ver a experiência que cada um tem, no seu momento.
Já estudou para discutir. Já fez sua pesquisa em casa e já tem tudo ali para poder debater.
<b>DIVERSIDADE NO GRUPO:</b> Trazem que dentro do grupo há heterogeneidade e que isso potencializa o aprendizado: pessoas diferentes, pensando em grupos diferentes; tem coisas parecidas e diferentes; saber a opinião dos outros
Complementando o Arnaldo, eu acho que uma coisa importante que a gente vê, conversando com outros grupos, é que os objetivos de cada grupo são diferentes uns dos outros. Porque são pessoas diferentes, pensando em grupos diferentes. Então, a evolução do caso, as indagações, as dúvidas, e as curiosidades variam de acordo com os grupos.
E passar para o grupo experiências que você teve.
de pessoas que sabem igual ou mais que você, com saberes diferentes
Tentar ouvir várias opiniões para poder achar uma solução para um caso. Por que nem sempre o que um diz é o certo ou errado, ou é aquela única coisa que vai solucionar o problema. Eu acho que todo mundo tem algo a acrescentar
Um é mais objetivo e outro é mais subjetivo, sendo que tudo isso acrescenta ao grupo e agrega muito para o nosso futuro.
E também tem aquela coisa que num grupo cada um sabe um pouco mais de algum assunto, porque até tem gente que já sabe um pouco que especialidade vai fazer
Eu gostei de saber a opinião dos outros e inclusive saber como que os do primeiro período estão pensando ... saber o que vocês acham.
Então eu gostei da conversa porque eu acabo me sentindo mais "normal", assim ... quando vejo que tem coisas parecidas e coisas diferentes
<b>POTENCIALIDADES E DIFICULDADES DO TRABALHO EM GRUPO:</b> Citam a questão do trabalho em pequeno grupo: interessante por ser reduzida a quantidade de pessoas;
As dificuldades em se trabalhar no grupo são apontadas, sendo algumas coletivas (grupo que sempre faz as mesmas perguntas; o grupo ficava meio que sem saber o que fazer) e outras individuais (não respeitar o espaço do outro; quer passar por cima; obstáculo de falar em público; dificuldade de se colocar no grupo; saber lidar com o grupo; ficava completamente nervosa);
Aparecem também expressões que denotam desenvolvimento de habilidades para o trabalho em grupo, como: aprendemos a compartilhar com o outro, a ouvir, a esperar; a trabalhar em equipe; intervir, empatia, criar oportunidade; saber respeitar; ter jogo de cintura; dar espaço; ouvir e falar o que a gente acha; aprender a esperar; liberdade de falar; dar espaço; troca com as pessoas;
Ele chegava a se levantar, pegava o pincel e ia para o quadro. E eu acho que o grupo ficava meio sem saber o que fazer. Eu queria saber o que fazer com isso.
Como o grupo também é menor, eu acho que facilita as pessoas ficarem mais a vontade para se colocar e falar o que achou daquele caso, o que notou, o que encontrou, o que pesquisou. Eu acho que isso é bem interessante por ser reduzida a quantidade de pessoas.
Isso acontece porque o grupo é menor.
Então, quanto mais o grupo trazer isso para experiências reais, mais a gente aprende. É muito válido.
porque eu sou uma pessoa que tem um pouco de dificuldade de falar em público. E eu me preocupava muito com isso e já pensava que para mim ia ser horrível.

Aí eu ficava pensando em como ia ser no grupo, que eu ia ter que falar o que eu acho, tendo o tutor lá, e achei que ia ser bem chato mesmo.
Outra grande dificuldade é saber lidar com o grupo, por ser um grupo pequeno você acaba que criando meio que uma intimidade, assim, e é difícil conviver às vezes. Tem grupo que tem gente que gosta de impor muito, daí a gente treina a função do coordenador, do relator, e eu tinha essa dificuldade em algumas tutorias que tinha que ter paciência para poder aguentar determinadas opiniões e outras coisas. E, às vezes, tem gente que não consegue respeitar o momento do outro falar e
mas para mim foi uma dificuldade mesmo de me colocar no grupo, mas que felizmente eu consegui ultrapassar
Hoje eu vejo que é um obstáculo que passa, que você vai ter que ultrapassar.
Daí um começa a falar e outro quer passar por cima, para poder falar, e fica às vezes com medo de ficar com uma nota ruim e fica com medo de ter falado pouco. Daí fica querendo falar mais e mais.
Até porque cada um tem que ter seu espaço para falar, né? E a nota, por ser personalizada, num grupo pequeno, tem que enxergar essa diversidade entre os alunos, porque pode acontecer de ter alguém como J, que não gosta de falar, mas aí também tem eu no grupo, que falo muito, daí não pode ter essa história de eu merecer mais nota porque eu falo muito. Muitas vezes eu posso até ganhar uma nota menor por não estar respeitando esse espaço do outro estudante. Que é a questão do aprendizado do trabalho em grupo. Então eu acho super importante ser um grupo menor
Tem essa história também, de ter grupo que sempre faz as mesmas perguntas.
E eu sempre tive essa oportunidade com os meus grupos e eu acho que a gente fazia as aberturas com tempo, bem calmos. A gente sempre tentava ouvir de um por um ...por exemplo, com relação ao fígado ... sim, mas o que você sabe com relação ao fígado?
E acrescentou a Janine a questão da equipe.. A medida que o tempo vai passando nós aprendemos a compartilhar com o outro; a ouvir, a esperar. Isso que a gente desenvolve... a trabalhar em equipe.
Isso é bem melhor quando você trabalha com pessoas que você gosta, que já são um grupo, uma equipe.
Mas o grupo nesse caso também é muito importante, porque o saber respeitar é muito importante. É muito variável, mas às vezes você tem mais empatia ...tem gente que já consegue perceber que está falando muito e tenta dar espaço ... dar oportunidade para os outros. Eu acho que na Tutoria a gente tem que se colocar muito no lugar do outro para perceber que alguém está com dificuldade de se colocar e daí a gente cria a oportunidade mesmo, para que ele não fique tão fora da discussão. Eu aprendi que você tem que ter muito jogo de cintura dentro de um grupo pequeno ...no grupo grande também, mas ainda mais no pequeno, porque você acaba conhecendo bem as pessoas.
Quero dar espaço para quem ainda tem coisas importantes para falar e ainda não conseguiu se colocar no grupo.
Eu acho que isso pode acontecer dependendo da personalidade da pessoa. Eu acho que cabe ao coordenador intervir aí e ver se ele para de dar aula. Cabe ao estudante coordenador.
Isso não é só no seu grupo. Todo mundo passa por isso!
daí muitas vezes vai precisar da ajuda de um colega, de outro profissional, de um enfermeiro, de uma equipe. Vai ser bom compartilhar com outro. Você tem que conseguir escutar e tirar proveito daquilo ...naquela situação.
Aí eu acrescentava algum detalhezinho naquele assunto, algo que estava faltando, só para contribuir, mas tem vezes que as pessoas já falaram o que você pesquisou e não tem como evitar isso.
e quando chegava na hora eu não conseguia colocar todas as ideias. Eu não conseguia dizer o principal e ficava completamente nervosa. Enquanto outro colega que tinha estudado no dia, falava, dava um show, uma aula sobre o assunto.
Mas não deixava os outros falarem. E eu tive uma das notas mais baixas ...
porque vocês foram conversando tão naturalmente, conduzindo mesmo o grupo. Isso também é um pouco da habilidade que vocês também vão desenvolvendo na Tutoria também. De falar no grupo, de se respeitarem, de ouvir o outro. Acho que foi super agradável.
Aí na conversa a gente vê a pouca experiência dos novatos, mas que acrescenta muita coisa também.
Eu gostei de ver que as coisas acontecem com todo mundo.
Estavam sendo boas as discussões. O meu grupo estava muito bom neste semestre! Eu tinha muita liberdade de falar, de fazer colocações. Todo mundo dava muito espaço e não falava mais do que ninguém. Era muito tranquilo.
Foi bom poder ouvir e falar o que a gente acha e ver se é igual aos outros.
Então quando a gente vem aqui e troca com pessoas de vários períodos, a gente também já entende um pouco do que está se passando, e vê que a gente está sim, no mesmo caminho.
E saber explicar o seu ponto de vista ...porque tem muita coisa diferente.
Me senti mesmo entre amigos e me senti muito bem, mesmo não conhecendo o grupo antes.
São diferenças, né? Você vai se acostumando.
Mas o tutor diz que tem gente que não sabe e aí acho que quem está errado não somos nós, mas quem não sabe
E aí, eu sinto muito, porque se tem pessoas que não sabem, quem está errada é ela porque o restante do grupo já está em um nível que já deve saber
o nível de conhecimento já está mais avançado e se não estiver homogêneo dificulta não para quem está sabendo menos, mas para quem está sabendo mais.
Porque no início que prejudicava quando tinha um enfermeiro no grupo, prejudicava quem sabia menos, que era o restante do grupo e agora prejudica os outros que sabem mais. E hoje prejudica quem sabe mais porque tem que voltar porque a pessoa que não conseguiu acompanhar e não são muitas ... é uma ou duas pessoas

(conclusão)

quando a gente avança e vai vendo outras coisas, tem muita coisa que muda.
Porque geralmente nos outros períodos tem pouca gente com experiência, mas sempre alguém tem alguém na família que teve algo parecido. E aí o caminho era esse
Agora já é diferente, porque você lê algo e já consegue fazer o raciocínio ... você já tem uma noção do exame físico. Já é mais rápido o pensamento clínico. Porque se fosse no início você tinha perguntas mais simples para depois poder chegar no que é mais difícil. Agora isso já melhorou. Daí a gente aprofunda mais, porque fez esse raciocínio antes.
Eu acho que isso vai depender da dinâmica do grupo. Tem coisas que um viu melhor, estudou melhor ... tem coisas que outro nunca estudou
Sempre vai ter isso. Você sempre vai saber alguma coisa e não vai saber outra.
Eu mesmo nunca me senti empacado porque alguém sabia menos. Ou então porque um não sabia e o outro sabia. Eu acho que nunca senti isso na minha Tutoria.
Depende muito da sintonia que você tem, da relação que você tem com os seus colegas. De como o tutor conduz aquilo ali também. Se ela dá espaço certo para quem precisa mais.
Com relação a isso, da homogeneidade e tal, não tem ninguém que fala mais ou fala menos, todo mundo é mais homogêneo. Mas com relação a outros grupos, tem gente que se sente bloqueado no grupo porque tem duas pessoas que dominam a Tutoria e fica aquele clima super chato porque eles não tem nem respeito ... reclamam ... dizem: "Ai, que merda que você está falando isso", daí ele disse que a Tutoria dele neste semestre está horrível. Parece que tudo que no semestre passado cresceu, neste ele regrediu.
Diz que eles conversam e a tutora fala que tem que melhorar e tal, mas depois acontece tudo de novo. A tutora fala de uma forma geral, mas parece que a pessoa não se toca. Como se não fosse para ela. Isso é super chato.
Por que uma coisa é ser heterogêneo entre um formado e a turma como um todo. Outra coisa é ser heterogêneo entre a turma, que teoricamente estudou a mesma coisa, e um, ou dois.
nesse ponto de já ser formado, eu particularmente não gosto muito. Porque o nível sobe um pouco mais do que era para ser, mas o grupo ainda não está preparado e a gente acaba fazendo o diagnóstico não baseado na semiologia, mas na experiência de quem já é formado.
E se não sabe, acaba gerando mais dúvidas e isso também é bom. Daí tem que discutir ... tem que problematizar, como falam os tutores. Daí a gente consegue aproveitar o que os outros sabem também.
acho que se a pessoa sabe e souber explicar o porquê, de maneira correta, e o tutor acompanhando, eu acho que é bem válido, porque é um trabalho em grupo. Não é um aprendizado só. Não é um estudo individual e cada um faz o seu e entrega. O que o grupo e cada um puder acrescentar, vai do tutor incentivar para ver melhor, pesquisar melhor. Daí acho que é bem válido.
É aí que tem que entrar a nossa participação, de questionar e tentar ver por que a pessoa está pensando desse jeito. Perguntar mesmo porque eliminou esse ou aquele diagnóstico. Questionar porque pensou esse hipótese.
Agora se tem alguém que dá a resposta certa, é como se a gente não precisasse mais estudar para eliminar alguma coisa, daí a gente aprende menos.
Ou até aparece um termo que a gente nem sabe o que é. Aí o já formado explica isso, aquilo e já dá as respostas todas, antes de a gente começar a pensar. Eu acho ruim isso, porque a gente ainda está começando e chega alguém que sabe muito mais e acaba levando o grupo junto.
Então é diferente quando você vai pesquisar já sabendo a resposta ... porque precisa entender aquilo, mas você já sabe o diagnóstico. As vezes acontece de estudar só para cumprir tabela, mas o melhor é quando a gente fica motivado e com vontade de saber direito o que é aquilo.

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 5:

(continua)

SENTIMENTOS E AFETOS NO PROCESSO DA TUTORIA
PRIMEIROS CONTATOS Outro conjunto de sentidos interessante: o jogo entre saber e não saber; falar e não falar (Ai meu Deus, eu tenho que falar alguma coisa!); identificações com autores/ professores; ansiedades; inseguranças; dificuldades; perdas; não fluir; primeiro período foi ruim. Este conjunto traz relações com os sentimentos, afetos e tudo o mais gerado a partir dele. Sentimentos associados: medo de falar besteira, insegurança muito grande, "você trava", angustiada, cheio de dúvidas, frustração. Acaba se acostumando; ficava chutando; nem sei nada; Alguns estudantes trazem a questão de que tem a sensação de que o livro sabe e eles não sabem; Medo de falar besteira; Trazem a importância do erro no processo de aprender ... "aprende melhor quando enxerga primeiro o errado"; Erro intelectual;
A olhar, vê que não sabe, ou pensar que não sabe, aí quando paro e penso em conjunto, vê que a gente sabe de alguma coisa. Eu acho isso bem interessante.
Até se você falar pouco pode ir bem. Se o tutor não deixar isso claro, tem umas pessoas que ficam ansiosas por isso.
Bom, no meu caso, eu tive o primeiro contato. Tive dificuldade no início. Então tem que ver se o aluno consegue lidar com aquilo, se ele está ou não está preparado para aquilo. Mas eu acho que ele aprende a lidar. Pelo menos aconteceu isso comigo.
Como é para vocês quando vocês erram? Vocês falaram que vocês erram algumas coisas na abertura. Contem como é isso. Se vocês percebem quando estão estudando ...como é?
E aí o começo do primeiro período foi muito ruim, mas aí chegou no segundo eu fui perdendo ... na verdade estou perdendo ainda, não estou cem por cento
Além disso, tem a questão de você se identificar com um autor. Ah ...eu gostei muito do Moore de anatomia ... e é por isso que logo no começo do curso, todo mundo se identifica com alguma matéria ... ah, eu quero ser anatomista. Ah, eu quero ser histologista, por causa da histologia ...vamos dizer assim, embriologia ...
Aí ficava todo mundo tenso assim nas duas primeiras semanas. No primeiro período ainda, né? Todo mundo tenso! Ai Meu Deus, eu tenho que falar alguma coisa! ... risos ... E não tinha muito assunto. Não fluía mesmo.
Aquela insegurança de que eu li um bocadinho de coisas ...lia todos os dias algo para a tutoria - enquanto tinha gente da minha sala que só estudava na véspera -
E eu ficava já meio angustiada, achando que eu nunca ia conseguir falar daquele jeito. Foi o que mais eu pensei enquanto vocês falavam.
E eu tive muita dificuldade porque no P1 todo mundo escrevia muito, muita coisa e eu já tenho naturalmente a vontade de só ver o que me interessa. Eu não gosto muito de fugir. Eu sou muito direcionada, então eu tinha dificuldade no P1 de não escrever muito e achava que ia ter a dificuldade no P2 de ter que escrever pouco ...
e acabam querendo transmitir mais conhecimento e acho que isso me prejudicou de alguma forma.
Então, mas como é que é na hora de estudar perceber que estava errado?
Eu acho que ajuda muito no dispositivo de errar, porque você está tentando seguir o que um autor já fala sobre outra coisa.
Eu acho que isso é uma insegurança muito grande. Eu acho que talvez eu até ficasse calado, sabe, pensando:
Eu acho que nesse primeiro momento que você trava na abertura, como ele (M) falou
Eu acho que no momento que você percebe que está errado, que você leva para o fechamento, nossa ...facilita ... não, não é que facilita, mas ... eu acho que fica mais sedimentado o certo, quando você enxerga o errado primeiro. Por que você pensou errado primeiro, aí quando você vê o lado certo, eu acho muito mais fácil você sedimentar isso do que se ...do que quando você acerta logo de primeira e quando passa um tempo você acaba esquecendo aquilo, porque já estava certa sua opinião.
Eu acho que quando a pessoa faz isso é porque ela não está sabendo de muita coisa não! E aí a pessoa precisa dizer algo e já se levanta para tomar conta da situação e falar o pouco que sabe, meio sem a participação dos outros.
Mas o que eu quero dizer é que se você se identificar com o autor, já faz você conseguir seguir uma linha de raciocínio, pelo menos teoricamente. E aí você pensa: eu errei teoricamente, um erro intelectual ...
Porque do nada você fica com medo de falar uma besteira, e daí o tutor fala: "Pode ir falando". E aí a gente vai falando, vai falando, e aí a gente vai vendo que aquela besteira que a gente estava pensando, que a gente tinha suscitado, fazia algum sentido.
Mas você acaba se acostumando e vendo que são realmente etapas de aprendizagem importantes, mas essa dificuldade existe principalmente entre o P1 e P2.
Minha dificuldade no primeiro período era de ...tipo assim ... nós temos objetivos a cumprir e quando eu chegava para pesquisar eu não sabia dividir e fazer a pesquisa mais específica
Tinha gente que fazia o estudo para a Tutoria em uma ou duas horas, já eu passava o dia todo e não conseguia relacionar cada estudo com cada questão, e falar isso é daqui, aquilo é dali.
Eu ficava com a idéia de um todo, sendo que eu não conseguia delimitar a parte mais específica. E eu passei assim, por essa fase todo cheio de dúvidas.
Muda a visão ...porque a gente vai tendo mais experiência.
Não era bem assim, mas como, por exemplo, nesse caso eu já consegui identificar o local onde acontecia a diverticulite. Então, mesmo falando o mecanismo errado, mas falando a localização certa,

(conclusão)

Não sei se são em todas as Tutorias, mas usando como exemplo a minha, que foi a única que eu tive até agora. A gente começa, lê a situação. Falo que eu nem sei nada. Ai ninguém sabe nada. Tenta esclarecer alguns termos desconhecidos. Alguns tem que ficar meio chutando.
No começo é muito difícil sintetizar tudo e colocar naquele espaço, mas depois a gente pega o jeito e aprende o que é o mais importante mesmo e faz a gente colocar o que a gente vê que vale, que é importante naquela situação. Acho que é importante mesmo aprender a filtrar.
No fechamento, é bom para ver as dúvidas e tal, mas, como você mesmo disse o aluno já tem o embasamento,
Nossa, nessa etapa ...na abertura acho que todo estudante tem esse ... essa sensação de que o livro sabe e eu não sei nada, porque a gente realmente tem essa insegurança de que a gente ainda não entende, a gente ainda vai ser alguém. A gente está estudando, está caminhando,
O primeiro sentimento é de frustração! Por ter errado ...
Pelo menos para mim, antes de eu entrar na faculdade eu sempre ouvia os meus amigos, os alunos contando sobre a Tutoria e eu já ficava preocupada em como ia ser,
Porque eu posso dizer que para mim, no primeiro período, não sabia nem o que era Tutoria. Eu sentia que minha tutora não estava muito envolvida, que faltava, que eu abria caso com um, fechava com outro. Então eu via que era um negócio que não estava direito. Quando chegou no segundo período, eu já pensei: Meu Deus, agora eu acho que eu vou saber o que é Tutoria.
Elas acabam querendo passar todo o conhecimento delas e acho que ficam pensando que quem falar mais vai ter mais nota
Porque fica aquela coisa que ela precisa de uma nota boa porque ela enfrentou aquela dificuldade dela, de falar no grupo. Ela superou aquele obstáculo e ela falou algo simples, mas entrou na discussão.
precisava falar muito, mas ainda aquela coisa bem dispersa,
Principalmente no primeiro período, né? Que a gente é muito novo, não conhece.
como se fosse um grupo de amigos, de pessoas mais próximas;
os outros me ajudavam nos meus problemas; o tutor sabia o que eu estava passando
Fico ansiosa porque nem sempre dá tempo de estudar tudo da Tutoria;
eu acho que eu devia estudar mais para a Tutoria, mas fico preocupado com as notas e o que vai ser cobrado na prova
a gente sabe que tem muita gente que não estuda direito e fica angustiado
eu sofria porque tinha que dar conta de duas coisas ... no fim eu dava um jeito".

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 6:

(continua)

SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO TUTOR NAS SESSÕES DE TUTORIA
<p><b>RELAÇÃO DO TUTOR COM O APRENDIZADO DO ESTUDANTE:</b> para os estudantes, ha grande relação entre o aproveitamento da Tutoria e o tutor (utilizam várias vezes a palavra fundamental). Há dois perfis de tutores: aqueles mais envolvidos com o método (fundamental, mais engajado, que estimula a gente a pensar e criar vários questionamentos, estimula bastante a gente a pensar; dá aquela segurança; como se dissesse: "vai está coerente") e outros que colaboram menos para o aprendizado do aluno (o tutor não estimulava tanto; amarrava muito; ela não falava nada; Demonstram relacionar o papel do tutor a ser facilitador do processo: não deve dar as respostas; não é apenas para confundir; deixava a gente livre; pedia para ser criativo; não que ela desse as respostas; estimular e fazer o aluno raciocinar;</p> <p>Os estudantes preferem os tutores que participam e estimulam o raciocínio do grupo; algumas vezes associam o bom rendimento do grupo devido a boa condução do tutor;</p> <p>Apesar de o tutor ser visto como alguém que está aprendendo, ainda permanece uma postura de medo do estudante em demonstrar suas fragilidades: E o que ele sabe ele acaba achando que é besteira. A gente já pensa que a tutora já fica pensando ...ah, esse rapaz é muito burro, olha o que ele está pensando! ...</p>
A minha tutora estimula bastante a gente pensar
Acho que ela tira um pouco a responsabilidade do tutor, do professor, de ensinar, de aprender e coloca a responsabilidade no aluno
E eu acho que para quem está no começo ainda é muito importante a participação do Tutor.
Foi quando eu vi um tutor mais engajado, que estimula a gente a pensar e criar vários questionamentos. Então eu acho que está muito atrelado em ter um tutor que está realmente envolvido, querendo fazer aquilo.
Era exatamente isso que eu ia dizer. Que a importância do tutor é fundamental. Eu acho que ...eu pelo menos tive a sorte, de ter tutores que me cobravam bastante nesses três períodos, e acho que por isso que a Tutoria me enriqueceu tanto assim. Mas eu vi vários relatos de pessoas que não se sentiam tão empolgados com a Tutoria porque o tutor não estimulava tanto e eu acho que realmente tem que ter essa cobrança, sabe? Se o tutor não cobra, você não se sente tão estimulado a pesquisar, a levar fontes seguras.
Então a participação do tutor eu acho que é fundamental. De verdade mesmo! Ele consegue conduzir e dependendo do tutor ele consegue estimular que a gente enxergue a situação do início ao fim.
E quanto a questão do tutor eu acho que é fundamental, porque eu já vi muita gente dizer muita coisa, e dizem que no PBL, ou que na Tutoria quem faz é o aluno. O professor fica lá olhando e o aluno tem que fazer sozinho. Mas eu não vejo assim. Inclusive agora, com minha tutora atual, foi muito melhor essa minha tutoria, porque ela estimulava bastante. Não é que o professor tem que ficar calado e deixar só os alunos falarem, mas tem que estimular. Não tem é que dar a resposta
E às vezes a gente estava lá emperrado, só faltava uma dica, um estímulo, e nem sempre é pra confundir também não ... tem gente que fala que o tutor está lá só para confundir e te levar para outro lado ...
Então eu acho que o tutor deve sim participar. Não deve dar as respostas, nem nada disso. Mas ajuda bastante quando ele estimula o raciocínio do aluno. Se não fica uma coisa muito perdida e não funciona também. Então a participação do tutor é fundamental.
Então tudo que o tutor estimulava, fluía muito melhor. Ficava muito mais produtiva a Tutoria quando ele ajudava um pouquinho.
No começo, eu fiquei duas semanas com uma tutora, mas ela não falava nada.
Aí depois trocou e a gente ia super feliz, animado, adorando a Tutoria. Não que ela dava nenhuma resposta, mas ela estimulava e a gente se desenvolvia muito bem.
Assim como o tutor eu vejo como uma ferramenta essencial para o funcionamento da metodologia.
Eu acho que os tutores deveriam ir encaminhando logo no P1 para se acostumar com a síntese, né? Porque alguns tutores falavam: no mínimo, seis páginas.
Eu mesmo no meu primeiro período a minha tutoria era ótima. Eu também tive sorte como Caio porque minhas tutorias foram ótimas.
Falam de ser mais cobrado, de ter que escrever mais talvez por ser o começo, como a Kelly falou.
O meu tutor deixava a gente livre. Ele pedia para a gente ser criativo
acho que se você conseguir desenvolver bem, com uma boa função do tutor no primeiro período, no segundo e terceiro fica bem mais fácil.
Então eu acho que aí é que entra a participação do tutor. No segundo período, com a minha tutora, estava tudo travado lá, ninguém estava sabendo ... mas aí às vezes ela fala só alguma coisa, uma palavra, como uma dica, não que ela dissesse a chave,
E que quanto mais fontes seguras você tem para estudar, quanto mais o tutor estimula que vocês pesquisem em fontes mais confiáveis, a segurança na hora do aluno participar fica melhor.
Não era a resposta, mas ela dava uma dica só.
Na abertura, para mim, é muito mais fundamental a participação do tutor ...na abertura. É preciso que ele estimule.
eu acho fundamental que o tutor interfira para que não fique, principalmente se não tiver ocorrido uma aula do tema, ou alguma coisa sobre o assunto, muito sem saber como discutir. Fica meio perdido.

(conclusão)

e aí vai a responsabilidade para o tutor, que tem que estimular e fazer o aluno raciocinar, suspeitar,
eu vou lembrar muito deste gesto da minha tutora ... era como se dissesse "vai, está coerente".
e eu acho que esse direcionamento que o tutor dá é muito importante, tanto com uma palavra, como até uma expressão ou um estalar de dedos (faz o estalar).
enfim, a ligação do conhecimento em sala com a Tutoria e do estímulo do tutor, na hora da abertura
Você fica sabendo depois, né? Por que geralmente o tutor não diz
Eu acho que vocês falaram muito da importância do tutor. Para mim tem sido fundamental esse papel, porque tem que ser alguém que ...
Mas se você tem alguém, que no momento que você está sem chão, que você se perdeu, aí vem o tutor e dá aquela segurança, um norte, te direciona, valoriza alguma parte e fala para você seguir por algum caminho ... isso e aquilo
... aí o tutor pergunta: O que você acha? Aí a gente meio que esquece.
É interessante ouvir vocês falarem disso, e quero compartilhar com vocês que isso aconteceu com a gente também, tutor. Eu estava essa semana em uma das reuniões de tutores, não me lembro agora se Carol estava nessa, e um tutor falou assim: E a gente pensou junto que talvez isso já acontecesse, mas agora foi prestado mais atenção por causa do envolvimento com a Tutoria.
Eu acho que a grande dificuldade do portfólio é se o tutor amarrar muito.
Mas realmente tem tutores que exigem que querem pergunta e resposta, ou então o contrário, sempre texto corrido.
até que no segundo período a gente teve uma tutora que perguntou: "Por que é que vocês querem informação só dos artigos?"
E a tutora nos incentivou a também pesquisar nos livros. E eu acho que isso me ajudou muito.
Em relação a isso que você está dizendo eu acho importante que o tutor frise que a nota vai vir, mesmo que você não tenha falado horrores,
Então eu acho que é importante que o tutor deixe claro que o que importa é a qualidade do que você fala e não quem fala mais.
para o tutor poder personalizar. E tem tutores que reconhecem isso!
Eu acho que o tutor tem que ver isso. É muito importante que o tutor fique atento a essas características.
Eu vejo que o tutor às vezes comenta com algum aluno algo como: você fica sempre quieto, mas quando fala, fala questões importantes, que acrescentam, que ajudam o grupo. Isso faz diferença.
Você não precisa ficar repetindo, porque daí o tutor já sabe que você fez, que entendeu.
Se o coordenador não conseguir, acho que precisa do tutor intervir.
Coitado, de repente ele não estudou e precisa falar isso para impressionar o tutor ... risos
Nesse meu último grupo aconteceu um pouco disso e o tutor falava pro formado que ele não precisa solucionar tudo na abertura não ... pedia para deixar um pouco para a discussão.
E aí o tutor falava que o grupo tinha chegado até certo ponto e agora o restante tinha que chegar estudando.
E a tutora foi excelente também. Aí juntou tudo e para mim foi o melhor semestre que teve e agora,
E por isso que não precisa repetir, né?
E o que ele sabe ele acaba achando que é besteira. A gente já pensa que a tutora já fica pensando ... ah, esse rapaz é muito burro, olha o que ele está pensando! ... risos ...
COMPARAÇÃO ENTRE TUTOR E O PROFESSOR NA SALA DE AULA: Fazem comparações sobre o papel do docente na sala de aula como professor e na condução da tutoria. O tutor parece estar mais aberto para aprender (não sabe de tudo; a gente levava conhecimento para a tutora), enquanto o professor da sala de aula tem as respostas certas (o professor não aceita o que está no livro, só o que ele disse na sala de aula)
O tutor é um professor melhorado. Tem o papel de passar segurança para quem tem as ferramentas na mão, não que não está sabendo usar.
Tem vezes até que é melhor estudar pela transcrição da aula, porque nem sempre o professor aceita o que está no livro. Ele quer o que ele falou na aula. A gente sabe que tem professor na faculdade que não aceita o que está no livro. Tem que ser o que ele disse mesmo.
Às vezes até o tutor não sabia. Teve uma vez que minha tutora não sabia um assunto e foi muito legal, porque a gente se sente até mais confortável, porque se a tutora, que é professora, é médica, também não sabe de tudo, a gente também pode não saber.
às vezes a gente leva também conhecimento para a tutora, porque ela não sabe de tudo - então eu acho que essas duas questões são muito fortes.
Eu acho que até na Tutoria, quando a gente se identifica com o tutor, com a tutora ... sempre tem uma defesa de que o meu tutor é o melhor, é o mais inteligente, e daí você vai se identificando, vai se apoiando ali, naquele autor e você vai tendo mais coragem de colocar a cara a tapa. De uma maneira melhor.
É um professor melhorado, o tutor, porque você tem aquilo diretamente com você e não para uma sala inteira, onde não dá para ver o que cada um precisa.
Passar a segurança para alguém que tem as ferramentas na mão, mas que não está sabendo usar ... só isso! Para mim isso é fundamental.
A gente está neste mesmo processo. Não é só um grupo de estudantes, mas o tutor também está nesse processo.

Fonte: Autor, 2014.

## REPERTÓRIO LINGUÍSTICO 7:

(continua)

PROCESSOS AVALIATIVOS
<p><b>PORTFÓLIO E SÍNTESE:</b> Trazem as dificuldades na elaboração do portfólio; a evolução na construção ao longo do semestre; comparam portfólio e síntese; alguns não gostam do portfólio; outros acham que foi importante para aprender a estudar mais e a integrar; alguns falam que não poder ser muito "fechado", mas tem que ser mais livre;</p> <p>Eu acho que é assim mesmo. Não é a quantidade das falas que dá a nota.</p> <p>último portfólio, que tinha as três histórias, teve gente que fez em excesso. Que já estava na vigésima página. E eu: caramba! As três histórias eram muito integradas, e realmente tinham muitos objetivos, mas eu já pensei: vou fazer uma página para cada portfólio! E a outra falando que já estava na vigésima página. Eu ainda lá na segunda ... E por isso eu acho que não tem necessidade de tudo isso.</p>
<p>Mas eu tinha dificuldade não de escrever, mas na questão de formular o portfólio, porque tinha aquele padrão e tinha que ser daquele jeito e no início eu não entendia como era aquele jeito. Mas depois de fazer tudo por tópicos e depois virou um texto de cinquenta páginas e depois virou um texto de quatro e depois ficou a síntese, que é bem melhor!</p> <p>Eu concordo assim com E7, mas eu não sei se a síntese seria tão boa se a gente não tivesse passado pelo portfólio. Assim, eu realmente tenho essa dúvida. Por que eu fico às vezes achando que a síntese é melhor, mas o portfólio me deu a segurança de que como você tem mais tempo para pesquisar em casa, você olha muitas fontes e então você quer aprofundar mais ainda, mais ainda..</p> <p>Então todos os meus portfólios foram em forma de mapa mental.</p> <p>Ela sempre diz: como é que eu vou conseguir fazer uma síntese assim, num texto corrido ...eu não vou conseguir. Então você tem esse problema inicial, de ter essa dificuldade do portfólio ...e achei que teria com a síntese, mas não tive.</p> <p>Eu não conseguia fazer nem três porque eu também gosto de resumir muito. E eu conseguia no máximo quatro folhas ...quatro páginas ... e pedir seis, é demais, eu não conseguiria. Eu acho que eu vou gostar da síntese do P2, porque eu já queria resumir, só que ficava difícil.</p> <p>Uma coisa que eu acho interessante são as ferramentas que a Tutoria usa. Como a síntese que eu acho que no primeiro período seria inviável. Principalmente tendo que fazer em casa. E eu escutava que no P2 tinha que fazer na sala. Eu eu: ai Meu Deus! Vou odiar mais ainda...</p> <p>E é importante que seja apenas aquela folhinha só para escrever, porque tem gente da sala que reclama muito, diz que é pouco espaço, mas é importante que seja pouco mesmo porque é ali que você vai conseguir colocar sua ideia naquele espaço, porque se não vai virar um portfólio, você vai colocando tudo e nem sempre deixa o que é mais importante sobre o caso ...vai acabar fugindo um pouco. Então eu acho que tem que ser aquilo mesmo ...e eu já vi várias pessoas pedindo mais espaço, folhas, e eu acho que não deve ser maior não.</p> <p>Mas enfim, essa ferramenta de passar para o papel o que você conseguiu sintetizar ...e é até o nome certo, sabe, síntese da Tutoria. E aí eu acabo achando mais interessante como é no P2 do que como é no P1. Eu não gosto muito da forma como era no P1, porque você entrega de tempos em tempos, daí acumula com prova, com outras coisas, e tem que fazer tudo em casa. Já no P2 fazer a síntese na sala é muito melhor.</p>
<p>Quando chegou na síntese foi difícil porque eu escrevia muito e para selecionar em duas páginas ficava difícil, mas eu tenho essa dúvida, se eu conseguiria construir uma síntese tão bem como hoje se eu não tivesse passado pelo portfólio no primeiro período.</p> <p>Tipo, nos meus portfólios eu escrevia bastante, mas aí quando eu cheguei no segundo período eu tive aquela primeira impressão de que não ia dar para fazer, mas quando você aprende a ser mais objetivo fica mais fácil.</p> <p>Talvez os dois sejam interessantes mesmo, tanto o portfólio e a síntese, e concordo com os pontos que E7 falou. Porque no portfólio às vezes eu ficava confuso. Alguma coisa você aprende ali e tal, mas era tanta coisa que não dava para pegar tudo</p> <p>Mas eu acho que talvez o portfólio realmente ajude para você aprender a fazer ...a fazer a pesquisa ... se preparar para fazer a síntese. Eu acho que talvez até porque você faz em casa, porque no começo, se já começasse no primeiro período pedindo para a gente fazer a síntese, o aluno ia estranhar bastante. Eu acho que nem ia conseguir naquele momento. Mas a síntese aproveita mais nesse sentido de sedimentar o conhecimento.</p> <p>Como o meu tutor deixou a gente muito livre ...então ele dizia: se você tiver muita dificuldade de fazer um texto corrido, faça pergunta e resposta no começo ... depois você vai se adequando ao portfólio.</p>

(conclusão)

AVALIAÇÕES. Trazem diversas formas de avaliação; comparação entre sala de aula e avaliação na tutoria; trazem a avaliação formativa
Eu acho que é muito relativa a questão da avaliação porque se tem alguém que fala pouco, não quer dizer que ela não saiba, mas ela tem mais a característica de raciocinar mais para ela do que para as outras pessoas. aquelas avaliações que tem ao final de cada bloco
Isso é muito importante, porque às vezes você está passando por um problema naquele momento e está mais apertado na faculdade, ou está com muitas coisas extras ... você até já percebeu que não está bem, mas daí você se liga e percebe que tem que mudar
Porque é bom quando alguém diz que você deixou a desejar e fazer essa devolutiva em partes é muito bom.
Daí dá tempo de você saber se as coisas estão indo bem e você deve continuar naquele caminho, ou se você precisa mudar dali em diante. Isso te instiga a melhorar ... a correr atrás e tal. Essa avaliação é muito importante.
tanto da nota como da avaliação oral, falando da participação.
o que tem que melhorar. E em uma tutoria, se você fica muito disperso ou algo assim, mas sabe que nas outras você não era assim, então
perceber isso, quando algum aluno está com problema só naquele dia.
Quando o tutor faz uma avaliação geral ela já sabe bem o que está acontecendo, ele já sabe que é algo daquele dia mesmo e não que precisa melhorar nas próximas. Acho que o tutor deve ter essa sensibilidade de

Fonte: Autor, 2014.

## **Apêndice D - RESUMOS DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA CONSTRUÍDOS PELOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA RODA DE CONVERSA**

### **1. A TUTORIA NO CURSO DE MEDICINA DA FCM/PB: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES SOBRE ESSA EXPERIÊNCIA**

Trabalho apresentado no Fórum de Debates da FCM PB, em outubro de 2014. João Pessoa - PB.

**Introdução:** No Brasil, os primeiros currículos utilizando o PBL (Problem-Based Learning) foram construídos na Faculdade de Medicina de Marília e na Universidade Estadual de Londrina, respectivamente nos anos de 1997 e 1998. O PBL é uma metodologia ativa de ensino aprendizagem sendo utilizado de forma integral em algumas faculdades de medicina, mas também em formatos híbridos, onde há o uso da estratégia da Tutoria, mas também há aulas expositivas mais tradicionais. Este formato híbrido é o utilizado no curso de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB), desde 2008. A Tutoria foi implantada nos três primeiros períodos do curso com o objetivo de favorecer a formação de profissionais com uma visão holística do processo saúde-doença, integrando conhecimentos teóricos e práticos dos três eixos temáticos que se desenvolvem durante todo o curso de maneira horizontal, tendo como foco principal que o estudante “aprenda a aprender”, construindo e tornando-se responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem. A aprendizagem centrada no estudante é uma aprendizagem individualizada que, uma vez transferindo o foco de atenção do professor para o estudante, potencializam-se as chances de que ocorra uma aprendizagem significativa. Como a busca e aquisição de conhecimentos constituem um processo contínuo ao longo da vida de cada indivíduo, os estudantes durante o processo da Tutoria terão a oportunidade de definir seus próprios objetivos de aprendizagem e tomar a responsabilidade por avaliar seus progressos pessoais e o quanto estão se aproximando dos objetivos formulados. Dessa forma, este trabalho pretende trazer as percepções de estudantes sobre os seus próprios aprendizados no Módulo da Tutoria, em diferentes períodos. **Metodologia:** Este é um relato de

experiência que foi motivado pela participação dos estudantes numa Roda de Conversa para avaliação da Tutoria, que aconteceu com participação de 10 estudantes de diversos períodos do curso de medicina. Posteriormente à participação na Roda, os autores se sensibilizaram a escrever sobre as suas impressões, e individualmente elaboraram narrativas sobre os aprendizados pessoais construídos no Módulo de Tutoria. As narrativas foram compartilhadas entre os autores deste trabalho, sendo construído este relato de experiência de forma coletiva. **Relato da Experiência:** A Tutoria no curso de medicina da FCM/PB é desenvolvida em pequenos grupos compostos por cerca de 10 estudantes e facilitada por um professor, nomeado como tutor. Os encontros ocorrem uma vez por semana, com cerca de três horas de duração. Em cada uma das sessões, é apresentada uma situação-problema, que foi elaborada pelo grupo de tutores e que possibilita estimular a curiosidade, além de ter relevância na prática futura. A partir da situação-problema, o grupo discute utilizando os seus conhecimentos prévios, identificando lacunas de conhecimento e elaborando questões de aprendizagem para estudo, sendo realizada pesquisa individual com a finalidade de discutir este conteúdo na próxima semana. Um primeiro contato com a metodologia da Tutoria, naturalmente, assusta os alunos que acabam de entrar na faculdade de Medicina. Assim como a maioria dos colegas, nós vivenciamos essa etapa inicial com medos e inseguranças, talvez associados à consciência de pouca bagagem de conhecimentos até então. O fato de ter a nossa autonomia na realização dos estudos e pesquisas, certamente, direciona uma maior responsabilidade ao estudante, que passa a depender menos dos seus professores e tutores para a construção do aprendizado, alimentando ainda mais os seus medos. Um dos desafios significativos nesse processo é saber selecionar as fontes mais adequadas para extração do conhecimento e aprender a questionar, ouvir e debater as diferentes fontes e informações trazidas pelo grupo. Um dos pontos importantes que identificamos como decisivos para o bom funcionamento das atividades da Tutoria é a sua composição em um pequeno grupo, pois proporciona que haja uma maior integração entre todos os participantes. Ao contrário do que acontece nas salas de aulas, quando apenas assistimos passivamente a uma determinada aula, nesse espaço com utilização do PBL temos a possibilidade de sermos mais autores do que aprendemos. Na sala de aula mais convencional, onde há

um maior número de alunos, apesar de passarmos o dia todo juntos, não há essa interação entre os estudantes, como acontece na Tutoria. Dessa forma, a tutoria nos trás para a ativa e cria um espaço para trocarmos relatos, experiências e debates. Por existir um sorteio no início do período a fim de formar esse grupo, pessoas com menos proximidade criam certa sintonia, além disso, pelo fato de estarmos entre pessoas diferentes com maneiras diferentes de pensar, essa troca de conhecimentos acaba sendo mais proveitosa e enriquecedora. É importante que o grupo consiga trabalhar de forma coletiva com respeito as individualidade de todos os participantes e que todos saibam a hora de ouvir e a hora de falar e acreditamos que a Tutoria nos ensina bastante em relação a isso. Vivenciamos muitos casos quando sempre algum membro do grupo tem algo a acrescentar e, algumas vezes, apesar de pensarmos que já dominávamos todo o assunto estudado, algum outro estudante acaba trazendo uma informação nova que nos soma e aprimora o conhecimento do grupo. Trabalhar em grupo é muito importante, mas aprender a lidar com suas peculiaridades, com o diálogo e com as negociações nem sempre é fácil, por isso desenvolver essa habilidade neste momento do curso pode colaborar em durante toda a trajetória acadêmica e profissional, lançando mão dessa ferramenta quando necessário. Um dos grandes aprendizados o processo da Tutoria é o desenvolvimento da capacidade de conseguirmos integrar diversos assuntos da Medicina em uma única situação-problema, pois é a partir dos sinais e sintomas do paciente que se inicia toda a discussão para chegarmos a um diagnóstico, mas com o tempo percebemos que acertar o diagnóstico não era a questão mais importante e sim conseguirmos unificar os vários conhecimentos que já foram vistos em sala de aula com o que foi pesquisado. Dessa forma, é possível estudar a fisiopatologia, o tratamento, os sinais e sintomas e os diagnósticos diferenciais de determinada doença. Além disso, integrar outros conhecimentos não específicos da medicina, como as questões sociais, psicológicas, éticas e culturais envolvidas naquela situação. Assim, ao final de cada situação problema já estávamos mais familiarizados com determinada situação que um dia podemos encontrar na nossa carreira de médicos. A cada novo período de Tutoria, notamos que sempre tem algo novo para aprendermos, pois mais descobertas e mais curiosidades eram instigadas a partir da evolução das disciplinas que são dadas a cada

semestre. Com isso, temos a sensação de estarmos crescendo como estudante de Medicina, pois é como se estivéssemos avançando mais um degrau em relação ao aprendizado, o que nos dá mais segurança em determinados assuntos. Nós, estudantes de medicina dos primeiros períodos, ainda não temos uma convivência muito grande com a realidade de saúde, então tudo ainda é muito subjetivo e a Tutoria é uns dos poucos módulos iniciais que propõe essa aproximação com a prática médica. Estamos acostumados a ver a teoria na sala de aula, mas quando vamos aplicá-la na Tutoria deparamo-nos com a realidade trazida pela situação estudada. Tentar resolver a demanda do caso envolve todo um vasto conhecimento, pois é necessário pensar num plano de cuidado específico para aquela situação, o que é um dos grandes desafios. Após debater, escutar e chegar, em grupo, a uma conclusão, tem outro desafio, que é sintetizar tudo que foi aprendido ao final de cada reunião, através da escrita dos portfólios e das sínteses reflexivas, que devem estar sempre voltadas para o problema. Apesar de uma tarefa difícil, a escrita das sínteses possibilita resgatar tudo que foi discutido, elencando os pontos principais que respondem as necessidades daquela situação. **Considerações Finais:** O módulo da Tutoria tem sido bastante importante para nós, estudantes, pois nesse espaço podemos aprender como estudar, como questionar e ter dúvidas, habilidades necessárias nos diversos módulos do curso de Medicina, nos ajudando a guiar o estudo, tornando, assim, ele mais produtivo. A partir desse processo de refletir sobre o aprendizado durante a Tutoria, concluimos que neste espaço conseguimos fazer uma integração do conhecimento e que a cada período há um aprofundamento no aprendizado. Além disso, ela tem sido muito importante para treinarmos a nossa capacidade de fazer síntese a partir de cada situação problema que foi estudada. Outro fator importante é a possibilidade de analisarmos o paciente como um todo, sempre observando as suas condições socioeconômicas, valorizando a cultura e identificando a saúde de forma mais abrangente. Durante todo o processo, aprender a como trabalhar em grupo nos é solicitado, suscitando o respeito ao outro, o equilíbrio entre fala e escuta, a tolerância, fortalecendo essa experiência para o nosso futuro como profissional de saúde mais responsável e cidadão.

**Descritores:** Tutoria; Educação médica; PBL

**Referências Bibliográficas:**

CECCIM, Ricardo Burg. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(5):1400-1410, set-out, 2004.

MAMEDE, Sílvia; PENAFORTE, Julio César (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas:** Anatomia de uma nova abordagem educacional. Fortaleza: Hucitec, 2001.

VENTURELLI, José. **Educación Médica:** nuevos enfoques, metas y métodos. Organización Panamericana de la Salud, 1997.

## **2. PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE OS PLANOS DE CUIDADO NA TUTORIA**

Trabalho aprovado para apresentação no Congresso Iberoamericano de Medicina Familiar e Comunitária - Montevidéo, março 2015.

**INTRODUÇÃO:** A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP ou PBL), metodologia ativa de ensino aprendizagem centrada no estudante, é utilizada de forma integral em alguns cursos de medicina, ou de forma híbrida em currículos que mantêm atividades tradicionais, como no caso do curso de medicina tomado como referência neste trabalho, desenvolvido em uma instituição privada brasileira. A estratégia empregada neste caso é a realização da Tutoria, que é baseada em situações-problema que estimulam o uso de conhecimentos prévios e identificação de questões de estudo. Os acadêmicos estudam individualmente e no encontro subsequente buscam responder aos questionamentos que foram formulados. **OBJETIVOS:** Discutir o impacto da construção de planos de cuidado na Tutoria, partindo das impressões dos autores deste

relato na experiência com esta atividade. **RELATO:** Neste curso, a Tutoria acontece semanalmente nos três primeiros semestres, com grupos formados por 10 acadêmicos e um tutor, e busca integrar conhecimentos das várias disciplinas, havendo foco no processo de aprender a aprender e finalizando a discussão das questões de aprendizagem com a construção de um plano de cuidado, levando-se em consideração as questões biopsicossociais da pessoa, sua família e comunidade. Revela-se a preocupação com o sujeito da doença, o que está relacionado à formação humanista e ao cuidado mais ampliado, não se restringindo à indicação de medicamentos. Busca-se a utilização de linguagem acessível, reconhecimento de limitações e estabelecimento de vínculo, o que pode favorecer a adesão ao tratamento. **RESULTADOS:** A Tutoria é o único espaço para estas elaborações no início do curso, funcionando como preparação para que os estudantes dos períodos posteriores possam planejar projetos de intervenção mais eficazes, singulares para cada paciente. Além disso, nesta construção há síntese das informações estudadas de forma fragmentada e integração com saberes prévios, o que vai fortalecer o processo de armazenamento do novo conhecimento e o seu resgate futuro. **CONCLUSÕES:** A construção de planos de cuidado na Tutoria tem favorecido a visão sobre o paciente como sujeito único, identificando estratégias de prevenção e promoção de saúde, e evidenciando que "receitas" iguais para pessoas diferentes podem não ter o mesmo efeito, pois estas possuem suas próprias potencialidades e fragilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação médica, tutoria, pbl, cuidados de saúde

**ANEXO A - CARTA DE APROVAÇÃO DO CEP DA UFAL**

  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Maceió – AL, 25/06/2014

Senhor(a) Pesquisador(a), Willian Fernandes Luna  
Jefferson de Souza Bernardes

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em 03/06/2014 e com base no parecer emitido pelo (a) relator (a) do processo nº **31283814.5.0000.5013** sob o título, **Análise da Tutoria no modelo da Aprendizagem Baseada em Problemas em um currículo híbrido: estratégias para aprendizagem significativa do estudante de medicina**, vem por meio deste instrumento, comunicar a **APROVAÇÃO** do processo supra citado, com base no artigo X, parágrafo X.2, alínea 5.a, da Resolução nº 466/12.

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12, item V.3).

É papel do(a) pesquisador(a) assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e sua justificativa. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o (a) pesquisador (a) ou patrocinador(a) deve enviá-los à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem incluídas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item IV. 2.e).

Relatórios parciais e finais devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos no Cronograma do Protocolo e na Resolução CNS 466/12.

Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se a disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra-referidas.

Esta aprovação não é válida para subprojetos oriundos do protocolo de pesquisa acima referido.

(\*) Áreas temáticas especiais  
Válido até: Junho de 2015.

  
Prof.ª Deise Juliana Francisco  
Coordenadora do Comitê de  
Ética em Pesquisa -UFAL